



Miolos de quarteirão

[ou a cidade pelo avesso]

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE ARQUITETURA

PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA [PROPAR]

miolos de quarteirão [ou a cidade pelo avesso]

Conceito e história do espaço no interior das quadras e o caso da face sul do Centro de Porto Alegre.

Dissertação submetida ao Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de **Mestre em Arquitetura**.

Nathalia Cantergiani Fagundes de Oliveira

Orientação: Prof. Andrea Soler Machado, Dr.

Porto Alegre, julho de 2009.

Dedico este trabalho aos apaixonados pelas cidades e as surpresas que elas são capazes de proporcionar.

AGRADECIMENTOS

Ao Cristiano, pelos belos passeios fotográficos, que muito contribuíram com as descobertas dos miolos de quarteirão;

A Lena, Petrônio, Andressa, que sempre me incentivaram a não cessar a busca pelo conhecimento; obrigada pelo carinho e apoio;

A minha orientadora e amiga, Andrea Soler Machado, por desde o princípio ter me motivado, direcionando os meus estudos em torno da história da cidade;

Aos professores do Propar, que abriram meus horizontes para a pesquisa.

RESUMO

As grandes cidades vivenciam constantes transformações na sua morfologia urbana e arquitetura. Estas mudanças influem diretamente na construção da imagem da cidade, assim como vão aos poucos, alterando a relação entre cheios e vazios no seu tecido. Este trabalho se propõe a investigar as morfologias de miolo de quarteirão - os vazios no interior das quadras e sua ocorrência num local determinado do Centro de Porto Alegre. O estudo se inicia no conceito do tema e segue posteriormente numa busca destas situações morfológicas em diversos momentos da arquitetura e urbanismo. Essa série de análises, chamada no trabalho de *Paralelos Morfológicos*, teve uma contextualização delimitada sobre modelos urbanos que tiveram influência direta na construção da forma do Centro de Porto Alegre. Um dos modelos é o da cidade tradicional, representado pelo traçado da cidade antiga. O outro, a cidade moderna, que trouxe novas relações de implantação, descolando os edifícios uns dos outros. Depois de apresentadas as situações de miolo de quarteirão nas cidades e nas edificações, o trabalho passa para montagem do estudo de caso. Primeiramente, com a pesquisa da evolução urbana da face sul e residencial do Centro Histórico de Porto Alegre. Uma análise da situação atual do bairro foi necessária para a compreensão e seleção das zonas potenciais. O objetivo final foi o mapeamento dos miolos de quarteirão na área de estudo, o qual, junto ao roteiro histórico e teórico do trabalho, pode contribuir com uma base para pesquisa sobre o espaço no interior das quadras em centros históricos.

Palavras chave: miolo de quarteirão; centro histórico; Porto Alegre; morfologia urbana e historia da cidade; tipologias arquitetônicas.

ABSTRACT

Great cities are in constant transformation, changing their image and their urban morphology. This process also has an influence on the relation between free and constructed places in their urban tissue. This work proposes to investigate the morphology of empty places inside the blocks, researching the occurrence of these - in Porto Alegre downtown. The work begins studying the concept of these courtyards and then, follows to the search situations at different times in architecture and urbanism history. The cases presented were selected from the mainly urban models that had constructed the shape of Porto Alegre Historic Center. One of these models is the traditional city, represented by the design of the old town. The other is the modern city, which brought new relations between buildings and their environments. After presenting the inside blocks situations in two scales - of the cities and architecture - the research gets into the case of Porto Alegre, where numerous underutilized places are hidden. At this moment, the work passes through an analysis of the urban development of the residential south side of Porto Alegre Historic Center. A chapter about morphological and typological aspects was also necessary for selecting and understanding the potential areas. The ultimate goal was the mapping of the empty spaces inside the blocks at the district – the recognition of intervention possibilities. This work, within the historical and theoretical analysis presented before, contributes with a base for researching about empty spaces inside the blocks.

Key words: courtyards inside blocks; empty urban places; historic center; Porto Alegre; urban morphology and history, architecture typologies.

_SUMÁRIO

1_INTRODUÇÃO	07
2_CONCEITO E MORFOLOGIAS DE MIOLO DE QUARTEIRÃO A Forma da Cidade x A Forma do Espaço Intra-Quadras	16
3_PARALELOS MORFOLÓGICOS	24
3.1_ O Miolo de Quarteirão e os Pátios na Cidade Tradicional [quarteirões e tipos contínuos]	25
As cidades na antiguidade clássica [Grécia e Roma] e as casas pátio	25
Burgos e cidades medievais	30
Pátios árabes	34
Cerdà e a expansão de Barcelona	37
3.2_ O Miolo de Quarteirão e os Pátios na Cidade Moderna [quarteirões e tipos isolados]	40
Le Corbusier e a cidade ideal moderna	40
Nova escala da arquitetura e das cidades no Brasil	45
Pavilhão do Brasil em Nova York	46
Ministério de Educação e Saúde no Rio de Janeiro	48
Edifício Copan em São Paulo	50
Brasília _ Superquadras	51

4_DEGRADAÇÃO X POTENCIAL	55
4.1_Centro de Porto Alegre: Cidade Contemporânea _ Cidade híbrida [panorama global x panorama atual do centro de Porto Alegre]	55
4.2_Evolução Urbana da Face Sul do Centro de Porto Alegre	60
4.3_SITUAÇÃO ATUAL DO ESTUDO DE CASO: ZONA RESIDENCIAL DO CENTRO DE PORTO ALEGRE [análise morfológica e tipológica]	75
Elementos chave e pontos de referência	77
Pré-existências potenciais	86
Morfologia urbana e tipologias arquitetônicas	90
Praças e Espaços públicos	105
Mapa de atividades e usos da Zona Residencial do Centro de Porto Alegre	107
4.4_OS MIOLOS DE QUARTEIRÃO E A ZONA RESIDENCIAL DO CENTRO DE PORTO ALEGRE	108
Mapeamento dos Miolos de Quarteirão na Zona Residencial do Centro de Porto Alegre	
Mapa <i>Nolli</i> da Zona Residencial do Centro de Porto Alegre [levantamento cadastral 2002]	112
Mapeamento dos Miolos de Quarteirão da Zona Residencial do Centro de Porto Alegre [2008]	113
Miolo de Quarteirão [até 1500m ²]	114
Miolo de Quarteirão [mais de 2500m ²]	118
Um Exemplo no Entorno Imediato	129
5_ CONCLUSÃO	132
6_ REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140

1_INTRODUÇÃO

“As áreas centrais da cidade sofrem o descompasso entre uma evolução espacial lenta, cristalizada em formas, e uma evolução temporal rápida, submetida à mudança histórico-cultural. A alta valorização do solo se contrapõe um padrão rígido de ocupação. Isso conduz ao que se costuma designar como crise dos centros urbanos, áreas que deixam de receber investimentos, prédio degradados, desabitados ou ocupados por populações empobrecidas. Gera-se assim a necessidade de renovação, é preciso intervir, para devolver tais áreas ao mercado de bens urbanos.”¹

Segundo Diez², há duas formas básicas de expansão urbana por demanda da do crescimento populacional. Uma destas, é a simples ampliação de território, rompendo antigos limites urbanos. Porém, no momento em que cidade não possui mais a possibilidade de expansão dos seus limites, o crescimento se dá pela densificação das áreas existentes. Nesse processo de construção e substituição concomitantes, afim de que a cidade possa abrigar mais área num mesmo espaço, se perdem preciosos pedaços do tecido urbano, mais do que exemplares arquitetônicos isolados. Apesar da tendência de revitalização dos centros urbanos, ainda é mais forte no Brasil, a preservação de grandes edifícios

¹ BORBA, S. V. O Centro de Porto Alegre. In: Panizzi, Wrana; Rovatti, Joao. (Org.). *Estudos Urbanos: Porto Alegre e seu Planejamento*, Porto Alegre. Editora UFRGS, 1994, p. 21.

² DIEZ, Fernando E. *Buenos Aires y Algunas Constantes en las Transformaciones Urbanas*. Buenos Aires. Editorial de Belgrano, 1996, p. 85.



Situação geográfica da cidade de Porto Alegre em relação ao Brasil e América do Sul.
Fonte: Disponível em <www.guiageo-americas.com>.
Acesso em 17 jun. 2009.

históricos isolados. Estas ações pontuais geram excelentes oportunidades de projeto, mas não são capazes de ultrapassar a barreira dos monumentos. Sendo o tecido urbano responsável pela construção da cidade ao longo dos tempos, é justamente nele, que se deve buscar alternativas mais amplas de intervenção.

Debruçando-se sobre as peculiaridades do tecido urbano da zona central de Porto Alegre, que se encaixa dentro destes padrões de densificação e desfiguração, é que surge o tema deste trabalho, diretamente ligado às questões da construção e remodelação da cidade a partir dos espaços vazios.

O objeto de estudo é o miolo de quarteirão, ou seja, os vazios urbanos presentes no interior das quadras e suas peculiaridades numa determinada zona na face sul do Centro de Porto Alegre. Trata-se de uma parcela urbana que abriga vinte quarteirões, situada na pequena península que deu origem à cidade. É uma parte do bairro que possui características bem distintas do restante do Centro. Apesar do crescimento desordenado e da massiva substituição das tipologias em todo o Centro da cidade, a área de estudo ainda preserva um considerável patrimônio material e imaterial. Esta constatação se deu através de levantamentos cadastrais realizados nesta mesma zona do bairro no ano de 2002. O objetivo era registrar detalhadamente as atividades e usos do local, além dos exemplares de valor histórico remanescentes para um projeto final de graduação³.

³ Trabalho Final de Graduação Requalificação Urbana da Zona Residencial do Centro de Porto Alegre. Autora: Nathalia Cantergiani Fagundes de Oliveira/ Orientador: Benamy Turkienicz. – Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.



face sul da colina no
Centro Histórico de
Porto Alegre

Foto aérea da zona central da cidade de Porto Alegre com demarcação da face sul e norte do Centro Histórico.

Fonte imagem: Prefeitura de Porto Alegre.

Destes levantamentos foram também constatadas surpreendentes e repetitivas presenças de vazios em miolos de quarteirão. Estes espaços, além de estarem próximos à pré-existências de valor histórico, ainda possuíam conexões indiretas com o passeio público através de brechas, pequenos lotes desocupados sem potencial construtivo suficiente para tornarem-se atrativos.

Este trabalho busca investigar e mapear estas situações morfológicas potenciais em miolos de quarteirão nesta área específica do Centro de Porto Alegre, alertando também sobre a ocupação agressiva de áreas de interesse histórico, cultural e ambiental presentes no interior do tecido urbano.

O miolo de quarteirão é um pátio diferente e que pode se apresentar em diversos modelos urbanos, assim como pode se configurar de várias formas num mesmo modelo. Suas curiosas morfologias escondem potenciais presentes nas entranhas da cidade, em tecidos densos onde aparentemente não existe mais espaço para remodelações urbanas ou grandes intervenções arquitetônicas.

O trabalho objetivou pesquisar justamente estes espaços potenciais presentes no interior das quadras e dispersos no tecido já consolidado do Centro de Porto Alegre. Muitos destes locais permaneceram durante décadas sem uso, apesar da localização e acessibilidade privilegiadas.

Uma série de fatores desencadeou a configuração destes espaços. O estudo da forma da cidade, a evolução do pensamento urbanístico e arquitetônico que influenciaram a formação da cidade de Porto Alegre, são caminhos que contextualizam a situação atual da parcela em questão.

Antes de se aprofundar no estudo de caso, situado na face sul e de predominância residencial do Centro de Porto Alegre, o trabalho começa analisando um dos principais elementos que organiza o tecido urbano na cidade – o quarteirão - buscando as inegáveis relações de semelhança entre o miolo da quadra e os pátios internos.

Nesta busca pela compreensão do espaço do miolo de quarteirão, se fazem paralelos, conexões morfológicas através de modelos que podem ser vistos como situações de miolo, como por exemplo, as cidades muradas ou uma edificação pátio. Nestes saltos comparativos, o que se busca relacionar é o conceito morfológico comum de espaço interiorizado, tanto nas cidades e nas edificações.

Portanto, um dos pontos de partida para conceituar e compreender o espaço do miolo de quarteirão é o estudo do tecido urbano e a relação entre a quadra e o espaço vazio interiorizado produzido pela variação de tipos arquitetônicos sobre determinados traçados, sejam estes lugares ocasionais ou projetados.

O trabalho se desenrola em dois níveis distintos, configurando inicialmente o panorama conceitual e de contextualização histórica sobre o tema . O primeiro momento é o que percorre a ocorrência do miolo de quadra na história da cidade, tratando das origens e do estudo morfológico deste espaço interiorizado, analisando como os principais elementos que configuram o tecido urbano se relacionam em diferentes períodos. O recorte histórico coloca lado a lado dois

modelos fundamentais para construção da cidade contemporânea e que tiveram influência direta na formação da cidade de Porto Alegre – o tradicional e o moderno.

Por tradicional, entende-se o modelo ou esquema denominado por Comas como *cidade figurativa*, que perdurou durante séculos de história da forma urbana, desde a antiguidade até o século XX.

“Um paradigma não se identifica necessariamente com uma obra construída ou um projeto particular. Pode apresentar-se como solução esquemática, vazada em termos de grande generalidade e capaz de referenciar, durante período relativamente extenso, um grande número de realizações afins em sua estrutura básica, ainda que diferenciadas em sua aparência.

Tal é o caso da solução normativa de projeto urbano no Ocidente até meados deste século: a cidade dividida em bairros e estruturada mediante ruas, praças e quarteirões limitados por edificações em regra contínuas, alinhadas e de pouca altura.

Trata-se de esquema que induzia a pensar, ver e produzir o artefato cidade assemelhando-o a um conjunto de vazios - os espaços abertos de ruas, praças, pátios, jardins e quintais privados - circunscritos por um tecido construído predominantemente indiferenciado. Como regra, a edificação desempenhava nele papel de pano de fundo dos espaços abertos públicos; em situações particulares, podia apresentar-se reversivelmente como fundo e objeto focal ou então como objeto focal nitidamente isolado no espaço, adquirindo características de monumento ou marco memorável. À essa polaridade entre tecido e monumento se somava a polaridade entre domínio público e domínio privado urbanos - aquele identificado primariamente com o conjunto de ruas e praças e este identificado primariamente com o conjunto de quarteirões. Continuidade e alinhamento do tecido construído de quarteirões face a ruas e praças estabelecia polaridade adicional entre frente e fundos de edificações, a frente constituindo fachada de espessura variável, que assegurava transição entre domínio público e domínio privado e pertencia simultaneamente a um e a outro.

Propomos aqui chamar tal esquema de *cidade figurativa*, porque seus componentes se definem, em última instância, por características de configuração despojadas de indicações funcionais precisas. (...) Não importando que atividades abrigue, o quarteirão se apresenta como massa unitária desde as ruas ou praças a que faz frente, embora seja geralmente uma entidade complexa, constituída por diferentes edificações, pátios, jardins e quintais sobre uma quadra subdividida em lotes; o quarteirão conformado por uma única edificação e seus eventuais pátios e jardins sobre uma quadra não parcelada surge como exceção, de características geralmente monumentais.”⁴

Partindo deste conceito, de cidade tradicional ou figurativa, a pesquisa buscou em determinados momentos históricos como se configuravam os elementos urbanos em relação aos pátios e miolos de quarteirão. O capítulo expõe, como primeiro referencial, as cidades da antiguidade clássica, devido à alta hierarquia das praças no contexto urbano, e dos pátios internos na configuração do espaço arquitetônico.

O breve panorama percorre, ainda nas cidades tradicionais, mais três marcos históricos- as cidades medievais, os pátios árabes, finalizando este roteiro na Barcelona de Cerdá.

O mesmo ocorre na sequência deste mesmo capítulo, em que se traçaram outros paralelos morfológicos através de uma contextualização histórica em relação à cidade moderna. Por cidade moderna, se entende todo esquema conceitual e de organização funcional urbana proposto pelo Movimento Moderno

⁴ COMAS, Carlos Eduardo. *Cidade Funcional & cidade figurativa: Dois Paradigmas em Confronto*. in Oculum Revista Universitária de Arquitetura, urbanismo e Cultura, vol. 4, Campinas, 1993.

e pela Carta de Atenas⁵. Desta forma, o desenvolvimento destes paralelos se situa entre a Cidade Ideal Moderna de Le Corbusier e a construção de Brasília, onde o conceito de cidade tradicional foi dissolvido completamente. Neste capítulo também são analisadas umas séries de obras arquitetônicas que vieram a modificar a relação de implantação do edifício no seu contexto, alterando conseqüentemente as relações entre o cheio e vazio⁶ nas cidades tradicionais.

Traçados estes paralelos morfológicos, a pesquisa entra de fato no estudo de caso localizado no Centro de Porto Alegre. O segundo nível de análise é o específico, com foco nos quarteirões da zona residencial do Centro Histórico, delimitada dentro da parte mais antiga da cidade e com características distintas de evolução urbana. Esta área se desenvolveu completamente à margem da face norte, o centro fundacional da cidade. Enquanto a encosta norte se tornava mais densa e próspera, esta zona era como os fundos da cidade, onde se situava o presídio, se despejava o lixo e se concentravam humildes habitações. Constitui-se hoje de uma morfologia tradicional permeada por vazios e discontinuidades provocados pelas legislações inspiradas nos paradigmas modernistas, já que sua consolidação foi muito mais lenta do que no restante do bairro.

⁵ CORBUSIER, Le. *Le Charte d'Athènes*. Paris, 1943.

A Carta de Atenas, publicada por Le Corbusier em 1941, sintetiza as conclusões do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, realizado em Atenas em 1933, onde foram analisadas trinta e três cidades de todo o mundo.

⁶ Alusão ao espaço construído e não construído nas cidades.

A etapa final da dissertação expõe a situação atual da parcela em estudo, primeiramente em sua condição de cidade contemporânea, seguida da sua evolução urbana e descrição mais detalhada.

Um capítulo específico trata da análise morfológica da zona, assim como das tipologias arquitetônicas residenciais presentes na área de estudo. Por fim, dentro deste contexto, são mapeados os miolos de quarteirão – objetivo final do trabalho.

Analisar o caso específico desta parcela do centro pode contribuir para a construção de uma fonte de referência com dados físicos e históricos sobre áreas que possuam vazios urbanos que unam lotes aos quintais presentes nos miolos de quarteirão. Esta pesquisa serve também como base para o estudo de possibilidades futuras de intervenções arquitetônicas em áreas centrais como esta, carente de novas tipologias para habitação e comércio que se apropriem dos vazios remanescentes, mas respeitando as pré-existências.

Renovar ou catalisar o permanente desenvolvimento de um centro vivo habitado é um desafio que envolve complexidades muito além da arquitetura e urbanismo. Contudo, um dos pontos chave para completa revitalização e reafirmação da identidade do bairro, está na busca de espaços potenciais para a viabilização de propostas positivas, não apenas do ponto de vista econômico.

A intenção é também gerar um questionamento sobre importância significativa do bairro para a cidade, como registro da história urbana e cotidiana de Porto Alegre. No momento em que os vazios são analisados junto ao seu

entorno adjacente, é que surgem outros elementos que podem viabilizar a transformação. O potencial destes lugares ganha força junto aos resquícios históricos do bairro, como se o impulso de renovação do ambiente urbano pudesse ser retomado também como ferramenta de preservação e valorização da memória da cidade redescobrendo novos espaços para futuras intervenções.

2_CONCEITO E MORFOLOGIAS DE MIOLO DE QUARTEIRÃO

A Forma da Cidade x A Forma do Espaço Intra-Quadras

Desde as primeiras aglomerações urbanas ocidentais, sob o aspecto morfológico, as cidades sofreram transformações ao longo dos séculos que vieram a modificar a relação entre os elementos que as configuravam. Cidades antigas como Atenas e Roma expandiram seus limites e adaptaram-se à modernidade. Assentamentos mais recentes na América, hoje as grandes metrópoles do novo mundo, transcendem a forma e sentido das cidades antigas, se reinventado e invertendo paradigmas antes fundamentais na sua formação e desenvolvimento. Independente destas mudanças, elementos essenciais permaneceram como parte integrante das estruturas urbanas até hoje - as ruas, quadras e edificações. O quarteirão se manteve nesta estrutura como unidade de ordenação do tecido urbano⁷ e consiste no elemento resultante da divisão territorial criada pelo traçado das vias públicas. Estas parcelas, delimitadas pelas ruas são subdivididas em lotes, sendo as formas de parcelamento e os tipos de traçados viários os condicionantes fundamentais para caracterização dos tecidos urbanos de qualquer cidade.

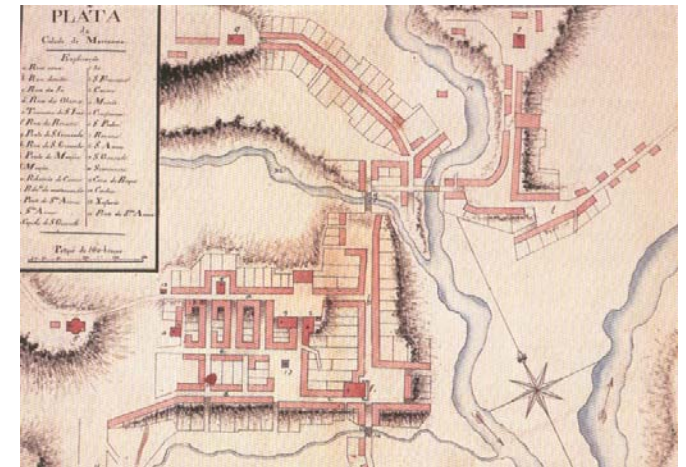
⁷ "Metáfora que faz referência à tecelagem – o produto têxtil – ou à biologia – os tecidos vegetais, ósseos- (...). Aplicado à cidade, o termo tecido evoca a continuidade e a renovação, a permanência e a variação. Ele explica a constituição das cidades antigas e responde a questões levantadas pelo estudo das urbanizações recentes."

PANERAI, Philippe R.; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean-Charles. *Formas Urbanas: de la manzana al bloque*. Barcelona, Gustavo Gili, 1986, p.77.



Mapa de Salvador, Bahia _1605.

Fonte imagem: REIS, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Editora da Universidade: Imprensa Oficial do Estado, 2001, p.18.



Mapa de Mariana, Minas Gerais_ séc. XIII

Fonte imagem: REIS, (2001), p. 216. Idem.

Acima, os mapas de duas cidades brasileiras durante período colonial. Em ambos, o traçado das ruas se molda sobre a topografia acidentada buscando a regularidade, configurando quarteirões trapezoidais. O mapa de Mariana, destaca o parcelamento dos lotes nas quadras, sugerindo construções em fita, com espaço livre nos fundos dos terrenos.

Assim como as vias públicas determinam a forma dos quarteirões, os diversos parcelamentos urbanos e tipologias de arquitetura são os responsáveis pela construção da cidade, criando modelos que variam em infinitas combinações, desde os blocos mais densos e maciços das cidades medievais às mais permeáveis quadras do urbanismo moderno.

O modo como cada quarteirão sofreu sua consolidação influencia diretamente a formação de espaços não construídos no seu interior - áreas a céu aberto que pertencem, na maioria dos casos, à esfera privada das cidades.

Construir o conceito do miolo de quarteirão passa pelas tensões entre os cheios e vazios das cidades, do que é espaço público e o que é privado em cada ambiente urbano. A descoberta do miolo de quarteirão na percepção ambiental envolve a relação entre interior e exterior, tanto na escala da arquitetura quanto na dimensão urbana.

O miolo de quarteirão é o espaço interior de uma quadra, um conjunto de pátios ou quintais não edificadas e delimitados pela massa construída que configura as fachadas e alinhamentos das ruas. É o espaço vazio contido dentro do quarteirão que se forma pela existência de elementos construídos. Estes espaços contidos no lado inverso às ruas e fachadas encontram-se isolados parcialmente ou totalmente da esfera pública urbana. Esta área de pátios pode estar integrada a malha urbana por recuos, pequenas passagens ou lotes que dão acesso aos espaços de miolos de quarteirão, que desta forma possuem ligação com os passeios e ruas.



Buenos Aires. Fonte imagem: Google Earth, 2008.



Porto Alegre..Fonte imagem: Google Earth, 2008.

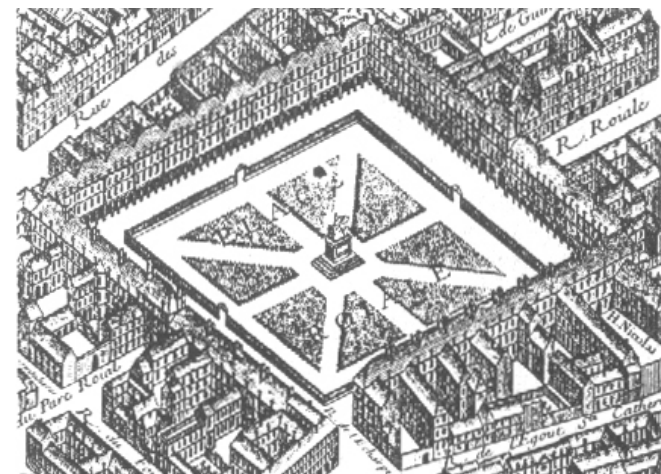
Fotos aéreas de quarteirões nas zonas centrais de Buenos Aires (Manzana de Las Luces) e Porto Alegre (Catedral e Palácio do Governo). Tanto no traçado regular e ortogonal de Buenos Aires, como no xadrez distorcido de Porto Alegre, as quadras possuem construções periféricas e espaços não edificadas no seu interior. A Manzana de Las Luces mantém até hoje no seu miolo, o primeiro mercado e farmácia de Buenos Aires.

A praça, ou o pátio, quando acontece na cidade tem dupla função e sentido, é um lugar de passagem, mas também de troca e permanência, da mesma forma como o espaço central no interior de um antigo mercado pode ser um ponto de encontro ou simples circulação.

O espaço escondido no interior das quadras e suas possíveis passagens são espaços de articulação potenciais entre a rua e a dimensão privada do espaço não construído na cidade. Intervenções urbanísticas e arquitetônicas podem catalisar e modificar a relação entre a cidade visível e seu avesso.

A descoberta destes espaços remete à surpresa das praças escondidas em densos tecidos urbanos medievais, onde o lugar ganhava uso e hierarquia pela existência do espaço vazio, os pátios configurados pelas construções que se aglomeravam organicamente seguindo ruelas ou a topografia.

A transformação dos elementos da cidade tradicional - rua, quadra e praça - está diretamente ligada à evolução dos tipos arquitetônicos. Analisar os elementos que configuram as cidades, com foco no quarteirão, é o primeiro passo para montar a história e o conceito deste espaço inverso, para posteriormente compreender como se dão as situações de espaços vazios interiorizados na cidade contemporânea, como no caso específico do Centro de Porto Alegre⁸.



Place des Vosges, Paris (1605-1612) Fonte imagem: MORRIS, A E. J.; *Historia de la forma urbana: Desde sus origens hasta la revolución Industrial*, Barcelona. Gustavo Gili, 2001, p.221.

A antiga Place Royale foi construída para abrigar a nobreza, aplicando o conceito de praça residencial e voltando as construções para o espaço aberto. As edificações foram desenhadas de modo uniforme em torno da praça, sobre arcadas. A praça, neste caso, funcionava como um grande pátio privado de único edifício em escala monumental.

O espaço contínuo construído em torno da Place de Vosges é percebido com um grande pátio interno, muito maior do que os quarteirões que a ladeiam.

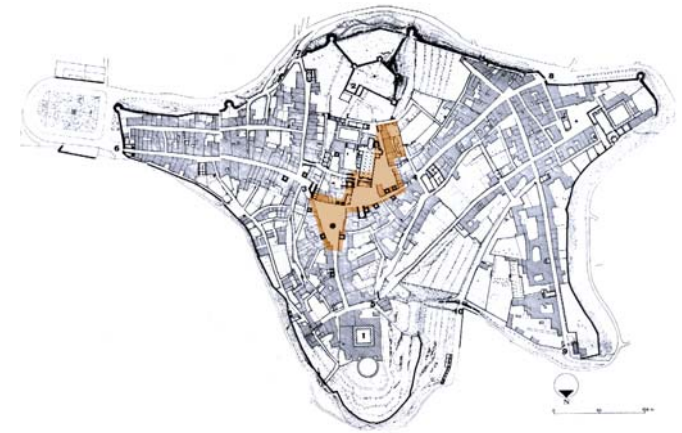
⁸ Referência ao estudo de caso deste trabalho.

As cidades tradicionais ocidentais se estruturam basicamente em tramas⁹ de ruas e parcelas, de grão uniforme ou não, que configuram em maior escala uma rede. Nesta malha, o passeio e a quadra são delimitados pela rua, as edificações são como o fundo, recortado pelos espaços que compõem a cidade figurativa¹⁰, ou seja, as ruas, quadras, praças, pátios e parques. Este modelo, que permaneceu desde a antiguidade - independente do traçado radial, xadrez ou a mistura de ambos¹¹ - manteve a rua como ponto de encontro. Na cidade tradicional a praça e os monumentos são exceções, e a trama residencial, um tecido consolidado construído conforme os alinhamentos definidos e orientados pelo traçado urbano.

No quarteirão tradicional, é recorrente a morfologia com ocupação periférica, em que as edificações foram construídas junto ao alinhamento, com fachadas de divisa a divisa, mantendo recuos nos fundos de lote.

Como resultado desta composição volumétrica configura-se um quarteirão-pátio, uma morfologia que pode ser encontrada de modo semelhante tanto numa quadra de edifícios dos séculos XV e XVIII, quanto em uma quadra do princípio do século XX.

De alguma forma estas configurações urbanas estão carregadas de ambigüidade e contraditórios esquemas funcionais. As semelhanças geométricas



[San Gimignano_mapa] BENEVOLO, 2007. p.265.

Mapa da cidade medieval de San Gimignano com suas praças centrais demarcadas – Piazza della Cisterna, Piazza del Duomo e Piazza Pecori.

A forma irregular das praças é resultante do traçado que se adequou a colina onde se situa a cidade, preservada praticamente intacta até hoje graças ao desenvolvimento da comunidade vizinha de Siena durante a Idade Média. As principais ruas são as mais densas e correspondem as vias de acesso à cidade, através das portas ainda hoje presentes nas muralhas de San Gimignano. Os inúmeros territórios não edificadas próximos às muralhas constituíam propriedades religiosas ou ruínas de edifícios, como o Castelo e Fortaleza. Hoje tanto estas áreas verdes quanto pátios internos escondidos pela cidade foram transformados em espaços públicos, como no caso da própria Piazza Pecori, antigamente um pequeno claustro da Collegiata.

⁹ MARTIN. L., MARCH. L., ECHENIQUE M.; *Urban Spaces and Structures*. Barcelona. Gustavo Gili, 1975. Cap. "La trama como generador".

¹⁰ COMAS, op. cit. P-12.

⁹ PANERAI, op. cit. P-16. Cap. 1 "Os territórios da Cidade Contemporânea."

entre um miolo de quarteirão e o pátio interno num edifício são facilmente identificadas pelo cheio e vazio, mais precisamente, o vazio dentro do cheio. Contudo, dependendo desta montagem e de como se consolidou cada cidade, o vazio dentro do cheio pode provocar resultados diversos e de arranjos complexos, mesmo que partindo de um simples ponto comum – o espaço aberto interiorizado.

Os vazios desordenados gerados na construção do quarteirão medieval, por exemplo, se assemelham aos de muitas cidades contemporâneas do Brasil, apesar de todas as transformações morfológicas sofridas por estas jovens cidades durante o século XX. Tanto Porto Alegre, como outras metrópoles brasileiras foram fundadas como colônias portuguesas, tendo presente na implantação das primeiras ruas e edifícios a herança geométrica de um traçado adequado à topografia e pouco ortogonal, o que aproxima a imagem destas malhas urbanas a outras cidades muito mais antigas.

Tomado o exemplo de Porto Alegre, que também possui traçado de origem portuguesa, a cidade foi fundada numa pequena colina. Nas áreas menos abonadas desta, ou seja, nas partes baixas do centro antigo, encontram-se quarteirões que tiveram um parcelamento do solo muito fracionado e com dimensões mínimas. Sobre esse mesmo parcelamento a cidade foi se reconstruindo, tornando possível que se encontre numa única quadra edifícios de diferentes épocas e estilos. No quarteirão tipo desta zona do Centro de Porto Alegre, os limites dos lotes e arruamentos tendem a regularidade, mas as fachadas estão em no mínimo três recuos de jardim diferentes conforme a época



Florença: quarteirões em mapa Nolli junto ao Duomo. Desenho da autora.



Porto Alegre: quarteirões da zona residencial do Centro em mapa Nolli. Desenho da autora.

Os mapas acima, com a demarcação dos cheios e vazios mostram diferentes situações urbanas de tecidos tradicionais. O mais antigo, de Florença, é nitidamente mais denso e consolidado com pátios isolados no interior das quadras, ao contrário de Alegre, com vazios mais dispersos nos miolos de quarteirão.

da sua construção. Já os seus espaços vazios centrais se assemelham às tortuosas formas contidas no interior das quadras em cidades da Idade Média, devido à escala do parcelamento.

Apenas com a chegada do urbanismo moderno, um novo modelo é sobreposto ao da cidade tradicional. Nem as quadras, nem os edifícios são contínuos, nestas novas propostas para a cidade, o que acaba ao longo do tempo por inverter o conceito do espaço urbano e a forma do miolo de quarteirão. No modelo funcional, a densidade e vida insalubre nas cidades eram problemas latentes. Arejar o espaço urbano e modernizar sua estrutura foi uma reação à situação de caos das grandes cidades, que cresciam desordenadas e não se adequavam nem ao automóvel nem à nova arquitetura que surgia a partir da vanguarda moderna de 1920.

As quadras de dimensões amplas e os edifícios soltos no lote fizeram com que o espaço de miolo de quarteirão passasse a ser parte integrada do grande espaço público permeável da cidade ideal moderna, baseada na Carta de Atenas. Esse processo de mudança no pensamento urbanístico influenciou a forma das nossas cidades, por isso compreender o conceito de cidade moderna será necessário para analisar a morfologia da cidade atual resultante desta transformação, que passou pela rejeição dos elementos da cidade tradicional.



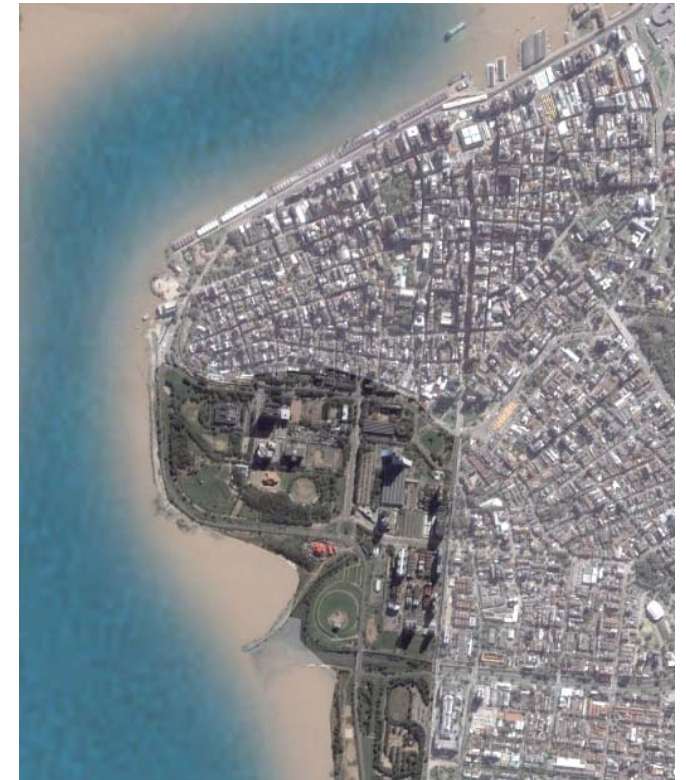
Croquis de Le Corbusier para urbanização de Argel, na África, sugerindo um novo modelo para implantação dos edifícios. Os edifícios soltos em meio a vastas áreas verdes propõem um novo padrão de densificação urbana, e novas condições de habitação.

Fonte imagem: LE CORBUSIER. *Planejamento Urbano*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004, p.151.

A cidade abstrata¹² propôs uma nova estrutura morfológica, setorizada funcionalmente, mas sem distinção entre espaços de rua e do miolo de quarteirão, com outra escala de elementos urbanos e arquitetônicos.

“(...) a matriz abstrata corresponde a uma idéia de cidade que libera o espaço qual tabula rasa, parcelado em super-quadras retangulares, agrupadas em zonas funcionais (...). Sobre as super-quadras de cada zona, implantam-se, de acordo com uma mesma regra urbanística, edifícios muito parecidos entre si. Suas formas puras e abstratas, com janelas por todos os lados, rodeados de muito verde, ocupam enormes terrenos e podem ser contempladas como monumentos à distância: monumentos à nova sociedade padronizada da era da máquina. (...) Isolados entre si, depois de séculos de ‘escravidão’, finalmente libertam-se do árduo compromisso de configurar espaços públicos. Este já é um dado à priori. Enorme e indiferenciado, contínuo e disforme é quase um parque de exposições, representando uma visão ideal, monumental, otimista e alegórica da civilização industrial da era da máquina.”¹³

Esse modelo de cidade no parque foi aplicado na área central de Porto Alegre em pontos isolados e numa parcela projetada, justamente na zona residencial do bairro e seu entorno imediato. A inserção deste modelo moderno no tecido consolidado através da arquitetura criou e reforçou desconexões já causadas pela alta velocidade de mutações urbanas. Já a zona de ampliação do



[Porto Alegre_2006] Google Earth

Em destaque na foto aérea da zona central da cidade de Porto Alegre mostra os quarteirões numa escala completamente destoante do tecido urbano original do Centro e dos bairros da cidade. Esta zona, que corresponde a uma área aterrada para construção do Centro Administrativo, foi traçada sob os moldes do urbanismo moderno, prevendo a construção de grandes edifícios públicos rodeados por áreas verdes.

A evolução urbana e características morfológicas do Centro de Porto Alegre serão aprofundadas no capítulo onde se inicia o estudo de caso deste trabalho.

¹² COMAS, op. cit. P-12.

¹³ MACHADO, Soler Andrea. *Poa: a borda do rio, arquiteturas imaginárias como suporte para construção de um passado*. Tese. 2003, p. 92.

Centro, criada para abrigar setores administrativos permaneceu isolada como uma ilha, desintegrada do restante do bairro – informações as quais serão detalhadas no capítulo que se refere à evolução urbana da parcela em estudo.

As diversas formas de miolo de quarteirão, presentes no lado sul da colina do Centro de Porto Alegre, podem ser comparadas a outros exemplos e melhor compreendidas, a partir do momento em que se colocam lado a lado outras morfologias de pátios intraquadras urbanos, sejam de configuração tradicional ou moderna.

No próximo capítulo, Paralelos Morfológicos, a pesquisa se aprofunda na ocorrência de pátios e miolos de quarteirão na cidade tradicional e moderna, buscando compreender e identificar na forma da cidade contemporânea os modelos urbanos que influenciaram a consolidação da zona residencial do Centro de Porto Alegre.

3_ PARALELOS MORFOLÓGICOS

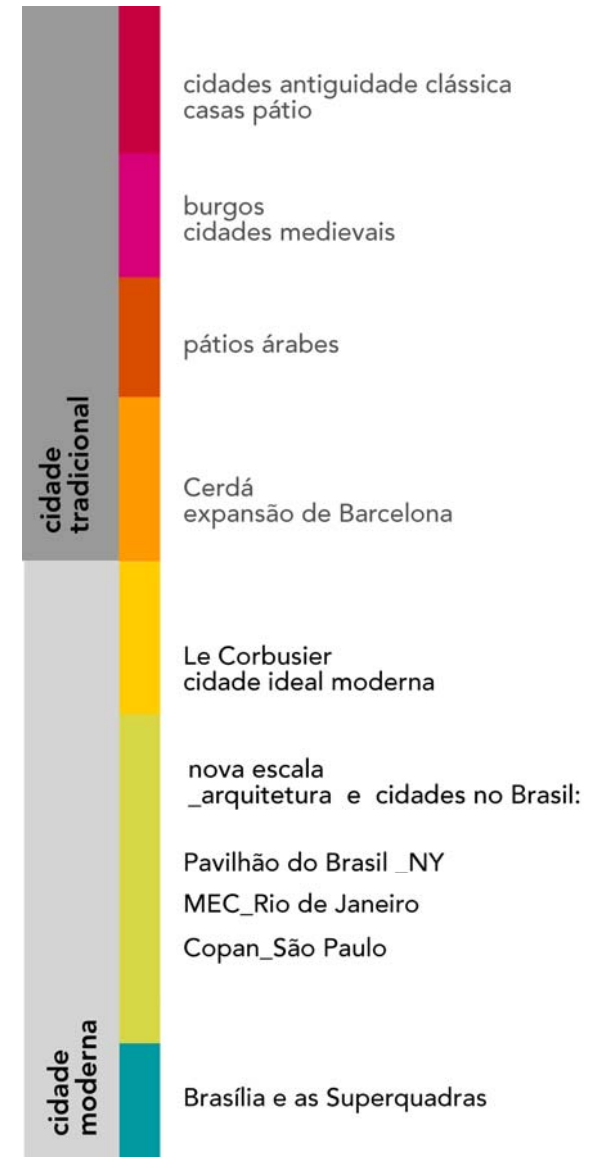
[os modelos urbanos presentes no Centro de Porto Alegre: buscando compreender a forma da cidade contemporânea através da história]

Ao longo de séculos de história as cidades se transformaram e as problemáticas urbanas sempre provocaram reações que modificaram a maneira com que seus elementos se relacionam, criando variações e novos arranjos para as malhas de origem tradicional. Na cidade tradicional, de característica figurativa, predominam os cheios em relação aos vazios, enquanto na cidade moderna a situação é inversa. Um longo caminho é percorrido até que o desenho e planejamento urbano passem a defender o extremo oposto da cidade tradicional, idealizado pelo Movimento Moderno. Este percurso está diretamente ligado às configurações que o quarteirão adquiriu ao longo dos tempos.

Partindo deste princípio, este capítulo trata das morfologias das quadras em diferentes momentos da história do urbanismo, buscando relacionar a existência do espaço construído do quarteirão com o espaço vazio presente no interior deste elemento fundamental para construção das cidades.

O desenvolvimento deste breve panorama histórico divide o tema em dois focos principais de apoio teórico:

- _O Miolo de Quarteirão e os Pátios na Cidade Tradicional
- _O Miolo de Quarteirão e os Pátios na Cidade Moderna



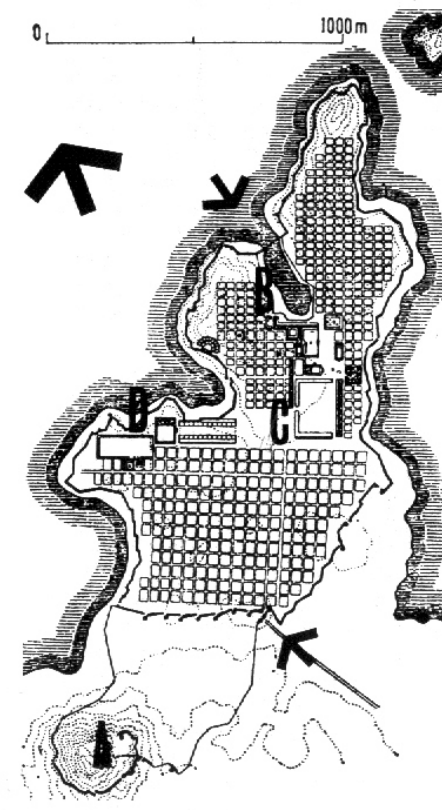
3.1_O Miolo de Quarteirão e os Pátios na Cidade Tradicional

As cidades na antiguidade clássica [Grécia e Roma] e as casas pátio

As cidades tradicionais remetem a aplicação de malhas e elementos urbanos fundamentais como o traçado xadrez que divide o território em quarteirões. Na antiguidade clássica, o traçado xadrez foi amplamente difundido e sua aplicação perdurou por séculos, principalmente se tratando dos períodos em que a implantação de novas cidades tinha intenção colonizadora. A criação do traçado xadrez é atribuída a Hipodamo de Mileto, arquiteto que aplicou a retícula de forma regular para reconstrução da cidade de Mileto após a sua destruição pela invasão persa em 479 a.C.

A quadra como unidade de divisão territorial, estava presente nas cidades da antiguidade clássica junto aos outros elementos da cidade tradicional. De morfologia regular ou irregular, abrigavam as edificações mais ordinárias do tecido urbano, em contraste com os amplos espaços das praças e os monumentos destinados aos cultos e trocas sociais.

Os pátios e praças mantiveram importante papel tanto nas cidades da antiga Grécia quanto da Roma Imperial. Mesmo que a origem dos pátios internos nas edificações nos remeta a tempos anteriores à Antiguidade Clássica, foi neste período em que estes se consagram como espaços centralizadores de hierarquia, tanto na esfera pública urbana quanto nas residências privadas.



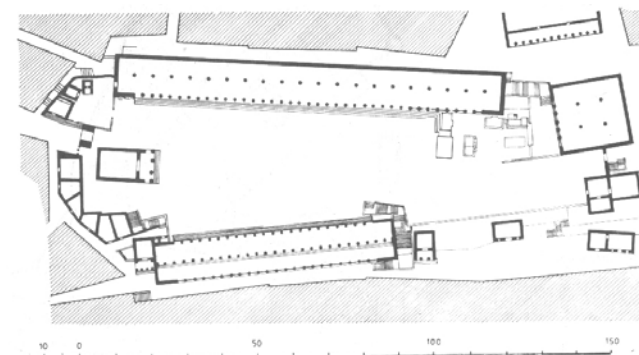
Plano geral de Mileto – traçado rigidamente regular assentado sobre a península frente à Priene. Em contraste ao tecido homogêneo quadriculado, a Acrópole e o Ágora[C] conectados diretamente ao porto principal. Mais a esquerda, próximo ao Ágora, o teatro e equipamentos de cultura e ócio.

Fonte imagem: MORRIS, A. E. J.; *Historia de la forma urbana: Desde sus origens hasta la revolución Industrial*. Barcelona. Gustavo Gili, 2001, p.44.

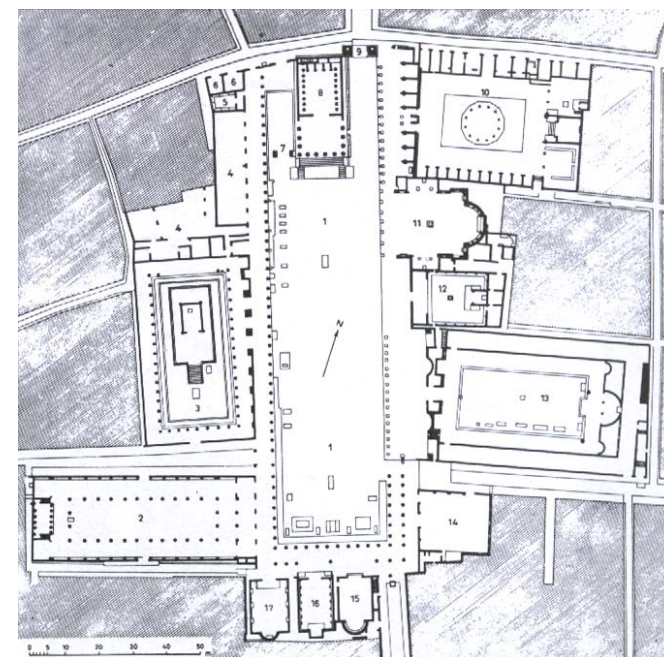
Para os gregos e romanos da antiguidade, a importância dos pátios foi muito relevante e grande parte da vida pública se dava ao ar livre. Na cidade, os espaços abertos exerciam funções nobres, agregando e aproximando as pessoas em torno de acontecimentos sociais e discussões políticas. É o caso da Ágora, praça estrategicamente posicionada e circundada pelos edifícios de alta hierarquia dentro da Acrópole nas cidades gregas.

Em Roma, o espaço equivalente à Ágora era o Forum, que abrigava todas as principais atividades da cidade. Constituído de espaços abertos e fechados com inúmeras transições entre interior e exterior, o Forum representava o centro de Roma, onde ficava o mercado e o lugar das reuniões públicas e manifestações políticas. Como centro da cidade, este espaço sofreu inúmeras transformações para abrigar mais edifícios públicos e as necessidades de uma população de mais de um milhão de habitantes, e ainda assim, manteve sua importância na vida urbana de Roma.

Analisando os mapas e planos de algumas cidades da antiguidade clássica¹⁴, percebe-se a clara estrutura em que estas aglomerações aconteciam. Em algumas cidades gregas, os bairros residenciais eram densos e mantinham uma passagem de serviços por entre os lotes, ampliando a permeabilidade urbana e facilitando o abastecimento das casas. Em casos de cidades planejadas, as quadras tinham dimensões padronizadas e se assentavam



Ágora de Assos, no período helenístico.
Fonte imagem: BENEVOLO, op.cit. P-26, p.132.



Forum principal da cidade de Pompéia.
Fonte imagem: BENEVOLO, op.cit. P-26, p.167.

¹⁴ MORRIS, op.cit. P-26. Capítulos referentes à Grécia e Roma antigas.

em topografia acidentada mantendo a regularidade do traçado, como em Priene e Mileto.

As tipologias de habitação na antiguidade clássica assemelham-se a morfologia de um quarteirão tradicional, de ocupação periférica. Nas casas gregas e romanas, as peças eram distribuídas em torno de um pátio central que ordenava os espaços construídos, ou seja, o espaço construído é delimitado e organizado pelo vazio. A diferenciação social se dava pela dimensão das habitações e complexidade de arranjos interiores.

“Nas cidades, planificadas ou não, as casas adotavam invariavelmente a forma de uma série de cômodos agrupada ao redor de um pátio. No entanto as casas não seguem um padrão fixo. Inclusive em Mileto e Priene, com seus módulos repetitivos de quarteirões residenciais, as distintas habitações são de planta e tamanho diferentes.”¹⁵

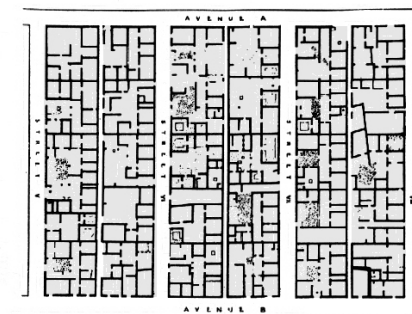
Na Roma antiga, a *domus* era uma residência de padrão mais nobre, e assim como as casas mais simples, era construída voltada para seu interior, sem aberturas para a rua. A *domus* se configurava com uma seqüência de cômodos que se abria para distintos pátios, como o *atrium* com *impluvium*, localizado logo no acesso da residência, ou o *peristilium*, pátio maior rodeado por colunatas na continuação do *atrium*.

As casas de baixa renda no Império Romano seguiam um padrão de casa pátio no nível térreo, mas com inúmeros pavimentos, sendo que o mais nobre o primeiro - único abastecido de água e esgoto. As *insulae* romanas chegaram a



Planta de quarteirões residenciais na cidade de Delos, nos séculos II e III a.C. O espaço público de circulação consiste em pequenas passagens de traçado irregular que circundam as habitações. Cada quarteirão abrigava inúmeras residências num bloco maciço, todas voltadas para seu espaço interno. A rua delimita os blocos edificados pela necessidade de circulação, mas a vida social pública acontece fora dos bairros residenciais.

Fonte imagem: BENEVOLO, op.cit. P-26, p.106.



Planta de quarteirões residenciais na cidade de Olinto, construída depois de 432 a.C. num traçado rígido e modulado, com quadras delimitadas por ruas principais e cortadas ao meio por passagens secundárias.

Fonte imagem: MORRIS, op.cit. P-26, p.43.

¹⁵ MORRIS, op.cit. P-26, p. 43.

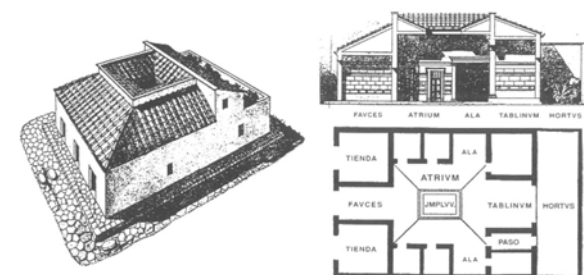
possuir até seis pavimentos e abrigavam muitos moradores de famílias distintas que alugavam cômodos empilhados sem estrutura nenhuma.

O contraste entre cheios e vazios no tecido urbano não acontecia no miolo das quadras, mas sim nos inúmeros pátios internos isolados em cada residência, espaço que organizava os ambientes e que variava em dimensões conforme as posses do proprietário.

O pátio interno em uma edificação é um dos espaços mais antigos reproduzido por milhares de anos numa tipologia consagrada – a casa pátio. Sua origem remonta o momento em que a cozinha era o centro do lar, local que produzia calor e alimento, onde devido ao fogo aceso permanentemente foi necessário criar um orifício na cobertura. Segundo Werner Blaser¹⁶, essa abertura sobre o fogo foi crescendo ao mesmo tempo em que as funções da cozinha ganharam um cômodo próprio. Desta forma, o pátio passa a existir de fato e ganha cada vez maior importância como espaço aberto central na casa, se tornando aos poucos um lugar de caráter social, receptor e articulador de outras funções.



Insulas e insulae em Pompéia.
Fonte imagem: op.cit. P-26, p.75.



Casa com átrio em Pompéia.
Fonte imagem: BLASSER, 1979, p.12.

¹⁶ BLASER, Werner. *Pátios: 5000 años desde la antigüedad hasta nuestros días*. Barcelona, Gustavo Gili, 2004, p. 7.

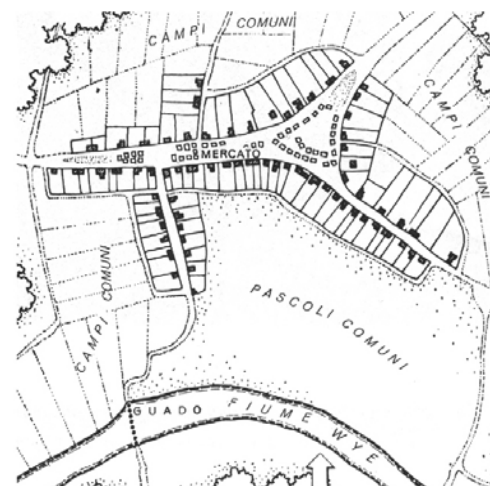
Burgos e cidades medievais

Segundo Morris, a Idade Média foi um período de formação e desenvolvimento urbano na Europa, apesar do retrocesso e destruição de antigos assentamentos de origem romana que não tiveram continuidade.

As cidades medievais surgiram de várias formas¹⁷, espontaneamente ao longo de antigas estradas, intencionalmente como fortificação estratégica, ou até mesmo dentro dos limites de remanescentes anfiteatros e outras grandes estruturas urbanas romanas. O ponto comum entre todos os tipos de cidades medievais é o traçado irregular e os muros de proteção. Enquanto os burgos, por exemplo, foram os assentamentos construídos como fortificações que se desenvolveram como núcleos urbanos, outras cidades que possuíam origem aldeã eram fortificadas conforme a necessidade e morfologia.

Após a queda do Império Romano, as cidades só retomam sua vitalidade com o restabelecimento das atividades comerciais. A falta de ordenação urbana fazia com que toda cidade medieval fosse um mercado a céu aberto. O principal sentido das aglomerações era a concentração de bens e serviços que podiam ser encontrados nos centros urbanos, em contraponto com vastas áreas de produção agrícola feudal.

¹⁷ Morris classifica as cidades medievais conforme sua origem, e as divide entre crescimento orgânico e cidades novas planejadas. Dentro das categorias de crescimento orgânico estão as cidades de origem romana que preservaram seu status urbano mesmo após a queda do Império, os burgos e as que se originaram a partir de aldeias. As cidades novas medievais seriam as *bastides* fundadas na França, e cidades planejadas na Inglaterra, País de Gales, além de toda Europa. MORRIS, op.cit. P-26.



Os mapas da aldeia inglesa de Hereford, no século X e no século XII, mostram zonas antes agrícolas que se desenvolveram ao longo de uma estrada. Na segunda imagem o agrupamento de casas já começa a configurar quarteirões e além do mercado existente, foram construídos uma igreja, o castelo e uma paliçada de proteção à pequena cidade.

Fonte imagens: BENEVOLO, op.cit. P-26, p.262.

A muralha neste período era uma premissa urbana. Isolados uns dos outros, os núcleos urbanos necessitavam de proteção contra invasões. Os burgos, que constituem um tipo específico de cidade medieval, surgiram pela necessidade de proteção da morada dos nobres e eclesiásticos que viviam em castelos isolados nas zonas feudais, e não necessariamente como núcleo urbano. Naturalmente, a necessidade atraiu a instalação de outras atividades junto aos castelos, novamente, intensificando o caráter comercial local. Desta forma, o castelo e suas aglomerações transformaram-se em pequenas cidades.

Tomando outro tipo de cidade do período medieval, como Florença, observa-se o mesmo processo de expansão e configuração da morfologia urbana. Florença era uma pequena colônia romana com traçado urbano de características bem distintas dos burgos. O centro da cidade foi traçado em quadrículas paralelas ao rio Arno, num plano regular e ortogonal, orientado segundo os pontos cardeais, datado de 59 a.C. O primeiro anel de muros foi erguido apenas por volta do século VII, quando a cidade após inúmeras invasões se reduz ao seu pequeno núcleo central.

A construção dos muros, tão necessária durante o período também era um limite à expansão da cidade. Independente destes limites, as aglomerações se formavam fora do perímetro das muralhas, provocando a ampliação do núcleo original e a construção de um novo anel de muros. O crescimento não planejado, assim como a constante ameaça de invasão, fez com que inúmeras cidades medievais construíssem muralhas paralelas, tanto nos burgos quanto nas cidades de origem mais antiga.



núcleo de origem romana

Mapa de Florença no século XIV, já com o quinto cinturão de muros e o núcleo de origem romana destacado.

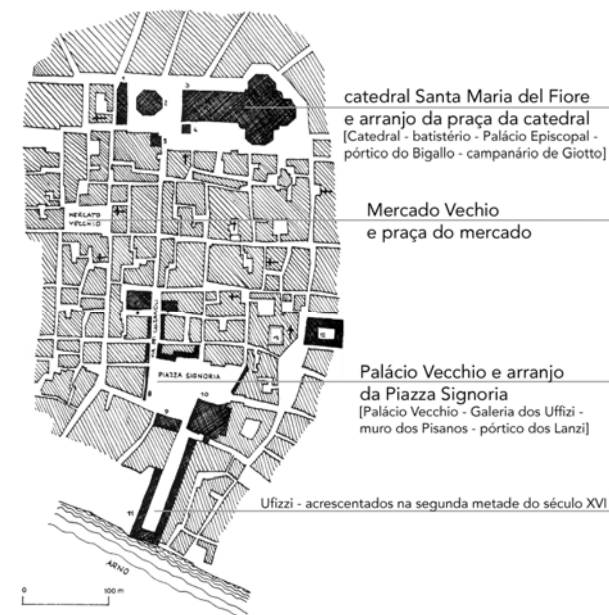
A cidade medieval se desenvolveu em torno das quadriculas originais da colônia romana, mantendo este núcleo como centro da cidade, onde os principais equipamentos e edifícios se concentravam. A expansão naturalmente seguiu traçado espontâneo, criando uma rede de inúmeros seguimentos radiais em torno do retângulo central. As quadras passaram a ter forma irregular com menores dimensões nas áreas centrais e maiores nas periferias.

Fonte imagem: BENEVOLO, op.cit. P-26, p.361.

Ao contrário de inúmeras cidades que cresceram constantemente dentro e fora dos muros durante a Idade Média, em muitos casos o último muro delimitou um perímetro suficientemente grande para a expansão da zona urbana. Desta forma, cidades como Florença e Pádua, mantiveram dentro da zona murada extensas áreas verdes de campos e jardins, os quais permaneceram preservados.

A morfologia das cidades medievais se organizava dentro dos muros numa lógica particular, em maior ou em menor escala. Pequenas ruas partem das portas da muralha interligando outras passagens menores. Blocos construídos de habitações e comércio eram construídos alinhados a estas ruelas estreitas. O castelo, a Igreja, o mercado e a muralha eram os principais elementos urbanos de destaque. As morfologias urbanas medievais estão assentadas sobre uma malha irregular de ruas e passagens, conformando quarteirões. Apesar da irregularidade, existe uma hierarquia entre as ruas e passagens, determinada pela largura das vias e a concentração de atividades nestas artérias principais.

Os espaços públicos e privados não estão em setores distintos como nas cidades da antiguidade, onde um centro concentrava as praças e principais edifícios. Na Idade Média, os espaços públicos se espalhavam por toda a estrutura urbana, com edifícios públicos e privados dividindo os mesmos quarteirões. Poderia existir um centro ou vários centros, conforme a localização dos castelos, igrejas ou mercados, e adjacentes a estes, as praças ou largos.



Desenho do centro de Florença depois das intervenções de Arnolfo da Cambio, projetista de um plano regulador para a cidade que incluiu a construção do quinto cinturão de muros, da catedral, do Palácio Vecchio. Os projetos de Arnolfo fortaleceram dois centros, um político e outro religioso, conectados pela Rua dos Calzaiuoli - monumentos da cidade medieval que permanecem até hoje preservados integralmente no seu contexto urbano, mas com novas funções. O mapa, com as construções hachuradas, evidencia a predominância dos cheios em relação aos vazios, além de reforçar a ligação dos espaços públicos com os edifícios localizados em cada sítio.

Fonte imagem: BENEVOLO, op.cit. P-26, p.362.

O quarteirão neste momento se estrutura também com as construções alinhadas às ruas, e com algumas exceções, o ambiente urbano medieval configurava um tecido de alta densidade. Os espaços com maior taxa de ocupação do solo se concentravam nos núcleos centrais e mais antigos, diminuindo gradualmente em direção as muralhas ou fora destas. As zonas residenciais e comerciais se encontravam miscigenadas, sendo muito comuns edificações de térreo comercial com os demais pavimentos destinados a habitações nas zonas centrais.

Na periferia e em cidades menores, que estavam mais para aldeias do que para grandes aglomerações, quarteirões inteiros residenciais eram construídos. Apesar das ruas estreitas quase não receberem luz e sol devido ao empilhamento das edificações construídas com vários pavimentos, de divisa a divisa, os fundos de lote nestas zonas eram amplos, configurando miolos de quarteirão. Muitos destes pátios eram pequenas hortas e plantações, uma morfologia de quarteirão muito comum nesta época em que ocorria um processo de transição entre a vida rural e urbana.



Desenho em perspectiva de um quarteirão na periferia de Bolonha no século XVI. As áreas de periferia apresentavam menor taxa de ocupação do solo com conjuntos habitacionais, construídos por iniciativas individuais para aluguel. A imagem ilustra casas em fita, com largura constante de 3,80m à 6m, com pomares e hortas nos fundos de lote, configurando espaços livres no miolo de quarteirão.

Fonte imagem: BENEVOLO, op.cit. P-26, p.335.



Quarteirão da periferia de Florença, do mesmo período, com tipologias residenciais em fita também configurando miolo de quarteirão com hortas e pomares.

Fonte imagem: BENEVOLO, op.cit. P-26, p. 378.

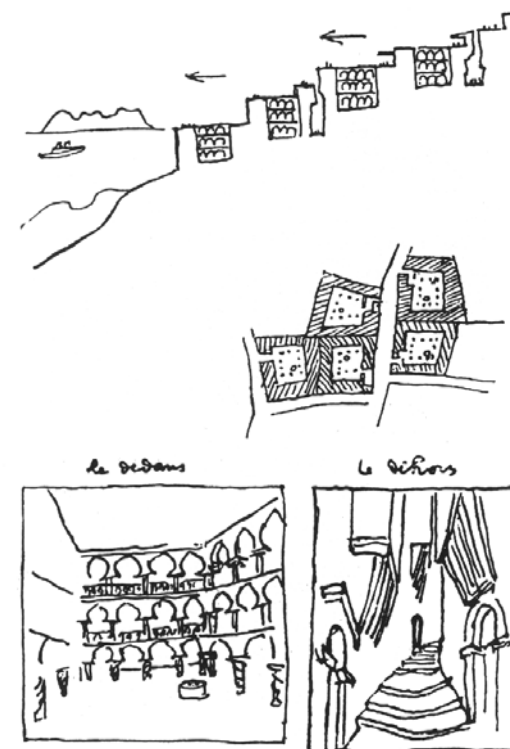
Pátios árabes

Comuns a todas as cidades e aglomerações urbanas de origem árabe, as construções em torno de pátios se apresentam em variedade de características exemplares. Tanto as casas pátio, quanto mesquitas e pequenas cidades oásis, configuram-se organizando módulos construídos contornando espaços centrais ao ar livre.

Não é apenas nos conjuntos de nobres espaços dos palácios que a sequência de pátios impressiona pela ordenação e ritmo alcançados na arquitetura de origem islâmica. Cidades se aglomeravam pela lógica da sequência de espaços abertos, como ressalta Le Corbusier¹⁸ num registro em croqui declarando a excelência do urbanismo árabe, devido à sua adequação das massas construídas em topografias acidentadas. A criação de patamares e terraços mantinha o tecido urbano conectado e amenizava a densidade das construções e o clima árido com os pátios, que organizavam as atividades e protegiam os espaços internos com galerias abobadas ou uma série de cúpulas.

Goitia¹⁹ ressalta que as civilizações árabes adaptaram os pátios do mundo helenístico às suas exigências vitais, lugar onde poderiam gozar dos prazeres da vida ao ar livre num espaço privado, ou seja, protegido.

A cidade de origem muçulmana se monta sobre sua vida privada e o sentido religioso da existência. Sua estrutura se formula de dentro para fora, e



Os croquis de Le Corbusier mostram uma cidade árabe em diversas escalas. A implantação sobre a topografia acidentada foi planejada recriando a encosta e visuais. Ampliando a escala, os croquis destacam as quadras pátio, para onde se abrem as janelas das edificações e se movimenta a vida cotidiana. As ruas funcionam apenas como circulação, e diferente dos pátios que podem ser nivelados como terraços, estas passagens necessitam de escadarias para vencer os declives.

Fonte imagem: LE CORBUSIER, op. cit. P-21, p.148.

¹⁸ LE CORBUSIER, op. cit. P-21, p.148.

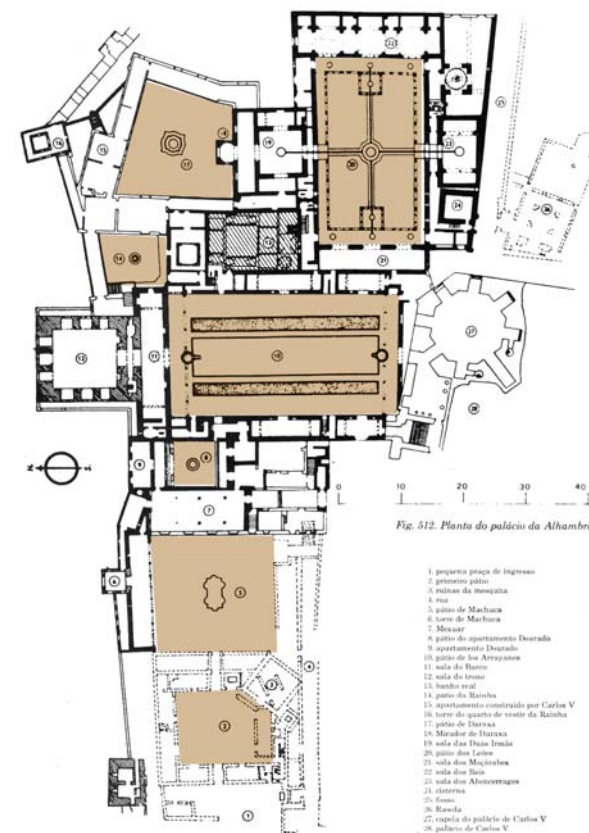
¹⁹ GOITIA, Fernando Chueca. *Breve História del Urbanismo*. Madrid. Alianza Editorial, 1998.

diferentemente das cidades ocidentais, as fachadas não constituem frente. Os pátios são mais importantes que as ruas e há uma espécie de inversão na concepção ocidental da hierarquia dos elementos urbanos. A praça seria, por exemplo, o pátio de uma mesquita e as discussões, silenciosas meditações. O espaço segue tendo uma função social, política e religiosa, com atividades baseadas numa cultura de introversão. Um elemento comum às cidades árabes e do ocidente é o bazar (mercado), onde a predominância das atividades comerciais se institui de modo universal.

A expansão do mundo árabe fez com que se apropriassem de cidades ocidentais. Muitas foram destruídas e reconstruídas parcialmente, instituindo seus casarios mais compactos com terraços e passagens labirínticas, sem nenhum tipo de planejamento. A cidade árabe, chamada de privada por Goitia²⁰, tem forte caráter religioso, hermético e sagrado, portanto nada mais natural que a valorização do espaço secreto fosse ponto fundamental.

No ano 1100, a Espanha muçulmana possuía pelo menos oito cidades, entre elas, Granada – onde se destaca um caso exemplar, o qual apresenta os principais atributos os quais o trabalho busca destacar dos pátios árabes- uma forte hierarquia e poder centralizador dos espaços abertos interiorizados.

Trata-se dos palácios de Generalife, do séc. XVIII na Alhambra em Granada, um conjunto de edifícios que permitem analisar diversos arranjos do espaço construído e não construído, equalizando interior e exterior.



Planta dos palácios dos reis árabes junto a cidadela- a Alhambra - em Granada na Espanha. Destacado em colorido, os principais pátios do conjunto, com exceção do pátio circular de Carlos V que não aparece no desenho.

Fonte imagem: BENEVOLO, op. cit. P-26, p.238.

²⁰ GOITIA, op. cit. P-34.

A presença do pátio interno trouxe consigo um elemento de transição entre o interior e exterior. Assim como na arquitetura grega e romana, os pátios internos foram sofisticados com galerias, colunatas e passagens cobertas que funcionavam como um filtro entre o espaço interno e externo. Construções de alto padrão como os palácios da Alhambra, valorizavam seus pátios íntimos com revestimentos nobres, fontes e ornamentos. Espaços nobres que guardavam preciosidades em obras de arte e arquitetura.

Os palácios de Generalife possuem uma seqüência de pátios recortados das edificações, formando uma composição volumétrica de subtração em cada um dos palácios - um grande maciço recortado - em que exterior e interior estão claramente separados. Além dos recortes principais dos pátios, as conexões entre os espaços nos palácios de Granada possuem gradações, espaços intersticiais formados por arcadas que criam uma articulação entre o edifício e o pátio. Essas passagens constituem uma transição entre interior e exterior, que se repetem continuamente, de pátio em pátio.

Na composição dos pátios árabes, as paredes maciças e perfuradas junto aos corredores rendilhados convidam à surpresa e à descoberta de mais um jardim. Espelhos d'água e fontes refletem a luminosidade inundando o interior dos ambientes com sutileza, além de fazerem parte de uma rede de irrigação para os jardins dos palácios, localizados em uma zona muito seca da Espanha.

Na Alhambra cada pátio explora um conjunto de signos e intenções, tendo os seus elementos projetados cuidadosamente para atingir resultados distintos.



Os pátios em estilo árabe se caracterizam pelo enobrecimento do espaço aberto, tanto com a presença da água como através de jardins. O Patio de los Leones (acima), na Alhambra em Granada, é rodeado por uma passagem coberta com colunatas ritmadas. No centro, doze leões sustentam uma fonte, elemento que possui forte atração visual reforçada pelo contraste de luminosidade entre as galerias cobertas e o pátio. Abaixo, foto do Patio de los Arrayanes, também em Granada.



Pátio de los Arrayanes.
Fonte imagens: Daniel Meyer. Disponível em <<http://www.panoramio.com>>. Acesso em: 16 out. 2008.

Cerdà e a expansão de Barcelona

A importância de Barcelona para o trabalho se deve a um fato fundamental– a criação de uma expansão urbana que promove mais do que grandes avenidas e eixos monumentais já desenhados pela cidade barroca, propondo novas dimensões de espaço público dentro dos quarteirões. O plano de Cerdà marcou um novo rumo na história das cidades e é o primeiro passo para transformação do modelo de cidade tradicional, principalmente do ponto de vista da escala e arranjo dos elementos urbanos.

Antes da expansão planejada por Cerdà, a capital da Catalunha encontrava-se abarrotada e com os mesmos problemas urbanos que impulsionaram as transformações de Paris feitas por Haussmann de 1851 a 1870. O núcleo medieval já havia transcendido as muralhas em todas as direções inúmeras vezes, além da demanda de modernização e crescimento da cidade.

A primeira expansão de Barcelona foi realizada em 1753, para a criação do bairro da Barceloneta junto ao Mediterrâneo, projeto de engenheiros militares que coincidiu com o momento da instalação da Academia Militar de Matemática, num traçado bem ortogonal de pequenas quadrículas.

Para a segunda e maior expansão planejada da época, em 1850, Madrid coloca Idelfonso Cerda à frente do projeto, que propôs um novo bairro preservando intacto o centro medieval da cidade. Houve resistência de Barcelona em acatar um plano vindo de Madrid, o que resultou num concurso entre arquitetos locais. O projeto vencedor do concurso, todo desenhado em



Eximample _ Plano de Cerdà



núcleo medieval



Barceloneta_ 1º ampliação



Fonte imagem: MONTANER, *Barcelona, a city and its architecture*. Barcelona. Taschen, 1997, p.28, 29.

círculos concêntricos não oferecia a mesma facilidade de implantação e nem previa adaptações para expansões futuras sobre estas, portanto o governo central mantém então o plano de Cerdà, descartando o concurso e colocando em prática um novo modelo de planejamento urbano.

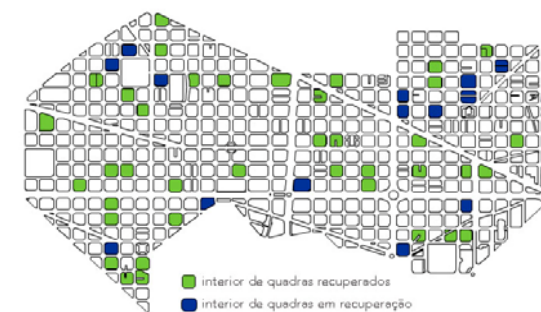
Chamado de Eixample pelos catalães, o plano de Cerdà era repetitivo e homogêneo. Um módulo de quarteirão de dimensões generosas²¹ tinha as esquinas chanfradas em 45°. Segundo o projeto, os ângulos seriam justificados como necessários para facilitar as curvas de um trem, pois Cerdà queria uma cidade acessível, em toda sua extensão. As ruas amplas e traçadas em malha xadrez, não eram menores do que 20m de largura, um exagero para a época, ainda mais contrastante com as ruelas tortuosas medievais ou retilíneas da Barceloneta.

O projeto previa a construção dos edifícios junto aos alinhamentos, sem recuos em relação aos amplos passeios públicos, em forma de U. Deste modo, as edificações ocupavam duas das bordas de quarteirões mantendo seu interior livre para uso público, uma idéia moderna e que objetivava uma cidade mais arejada e ajardinada.

A idéia original alternava esses limites construídos, criando algumas quadras que teriam apenas dois blocos construídos e não um quadro fechado como acabou ocorrendo. Esses blocos de edifícios estavam dispostos em barras paralelas ou em cantos, configurando conjuntos de quarteirões do mesmo tipo, alinhando os pátios internos das quadras num eixo maior ou unindo esses



Reprodução digital da proposta de Cerdà em 1863, onde se percebe nitidamente a intenção de expandir os limites do espaço público até o miolo dos quarteirões, criando vastas áreas verdes em todas as zonas do novo bairro. Nesta imagem é possível visualizar as combinações para os quarteirões tipos [illes], na maioria das situações com apenas dois ou três faces edificadas.



Acima, Plano de Recuperação do Interiores de Quadra no Eixample. Em verde, os espaços já recuperados e em azul os que estão em fase de remodelação.

Fonte imagem: Disponível em <<http://www.proeixample.cat/>> Acesso em 12 jan. 2008.

²¹ Cada quarteirão do Eixample tem 113,33m x 113,33m.

espaços abertos nos blocos construídos nos cantos. Essas combinações diversas garantiam a leitura homogênea e contínua ao conjunto independente das faces não edificadas dos quarteirões. Os gabaritos de altura e alinhamentos padronizados garantiam também a continuidade e homogeneidade das fachadas, construídas alinhadas em fitas de seis pavimentos em todo o bairro, sempre sem recuos entre as edificações.

Apesar do plano de Cerdà, a cidade acabou demandando muito mais espaço e o crescimento dentro do Eixample se deu ocupando todas as faces das quadras. Nem mesmo os miolos de quarteirão previstos no plano foram poupados da especulação imobiliária, ocupando praticamente todos os pátios e áreas comuns do bairro.

Hoje, um dos projetos de revitalização urbana da cidade de Barcelona tem como objetivo retomar alguns dos miolos de quarteirão do Eixample que foram ocupados por construções ao longo dos anos. O projeto denominado *Pró-Eixample – Interior d’Ille*, já recuperou inúmeros espaços de miolos de quarteirão do, devolvendo espaços públicos de uso controlado à população local. São praças, uma até com piscina pública, outras com pequenas escolas, entre outros usos que ampliam a qualidade de vida do maior bairro de Barcelona. Até 2007 já foram recuperados trinta e oito miolos de quarteirão, e a previsão é de que, até 2010, um total de cinquenta quadras ganhe praças, jardins e outros equipamentos de uso público no seu interior.



Acima, um dos miolos de quarteirão revitalizados pelo projeto *Pró-Eixample – Interior d’Ille* em Barcelona. A primeira foto mostra o espaço dos *Jardins Manuel de Pedrolo* sem uso e já em obras. Abaixo, o espaço de 885m² já recuperado e devolvido à população. Este e todos os outros miolos de quarteirão do bairro têm acesso público controlado, permanecendo abertos durante o dia e fechados durante a noite.

Fonte: Disponível em <http://www.proeixample.cat/> Acesso em 12 jan. 2008.

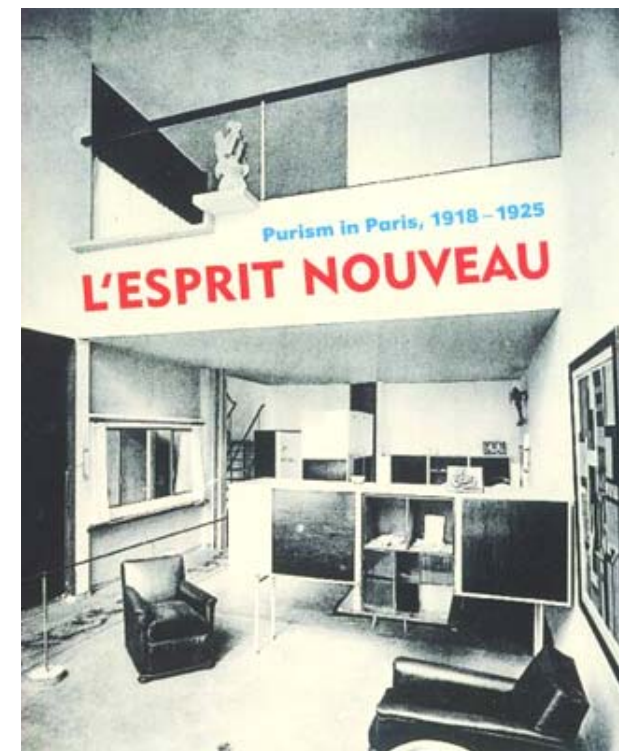
3.2_O Miolo de Quarteirão e os Pátios na Cidade Moderna

Le Corbusier e a cidade ideal moderna

As mudanças sociais provocadas pela industrialização crescente, o surgimento do automóvel e os problemas urbanos que a cidade tradicional acumulava, catalisaram as propostas do planejamento urbano moderno de Le Corbusier. Nas primeiras décadas do século XX, as cidades européias encontravam-se descontroladas devido ao crescimento demográfico e a explosão da indústria. Altas taxas de ocupação de solo, a falta de planejamento e a insalubridade impulsionaram a necessidade de um novo modelo urbano capaz de resolver os problemas, e que ainda possibilitasse a expansão das cidades de modo racional e coerente às inovações tecnológicas que o período teve graças à indústria. Neste momento, Le Corbusier chega a equiparar a cidade tradicional radiocêntrica a um câncer, que apesar de maligno e sem futuro, passa bem.

A Carta de Atenas, redigida no CIAM²² de 1933 afirma a necessidade do urbanismo funcional, colocando em questão as premissas para a cidade moderna: ar, o sol e a vegetação – elementos escassos nos tecidos densos e antigos das cidades européias. Segundo Le Corbusier era preciso encontrar um meio termo

²² Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna, fundados em 1928 com o objetivo de estudar os problemas arquitetônicos da época, apresentar as idéias da arquitetura moderna e expandir as idéias aos círculos técnicos, econômicos e sociais. O último congresso foi 10º CIAM, realizado em 1956.



Capa da revista L'Esprit Nouveau, fundada por Le Corbusier em 1918. Anos antes das propostas para um novo modo de vida urbana, Le Corbusier defende as idéias da arquitetura e pintura modernas.

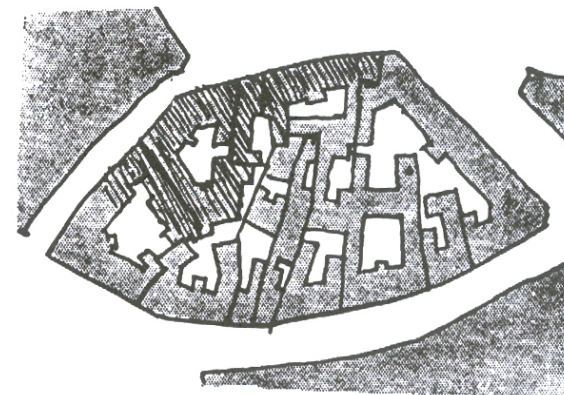
Fonte imagem: Fondation Le Corbusier.
Disponível em :
<<http://www.fondationlecorbusier.asso.fr>>.
Acesso em: 18 out. 2008.

entre a cidade tradicional doente e a cidade jardim, considerada por ele nada mais do que loteamentos dispersos.

As suas propostas para este novo modelo de cidade envolveram a setorização do espaço urbano como um todo, ponto fundamental para o planejamento urbano moderno.

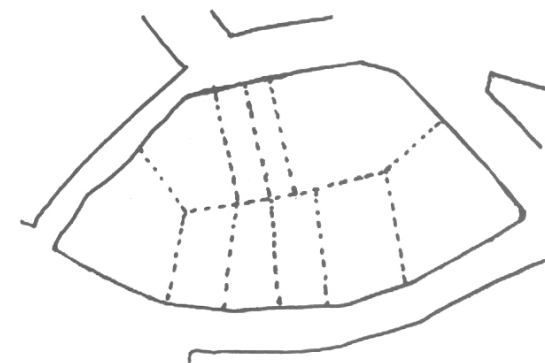
As cidades para Le Corbusier, deveriam ter lugares para habitar, trabalhar, circular, para usufruir os lazes da vida e da paisagem. A setorização funcional do espaço urbano seria possível devido à mudança da relação entre as distâncias a serem percorridas pelo homem. Com os automóveis, trens e metrô, não pareciam haver empecilhos para alcançar longas distâncias. Segundo Le Corbusier havia uma mudança do modo de vida e dos costumes que envolviam novas demandas para a vivência urbana.

Apesar das inovações propostas pela cidade funcional, o que mais chama atenção do ponto de vista morfológico são como estas idéias se estruturam. As propostas de Le Corbusier envolvem uma substituição e inversão dos elementos urbanos da cidade tradicional. Para viabilizar a livre circulação, insolação e ventilação urbana, a verticalização foi a solução proposta. As densidades poderiam ser elevadas, mas as taxas de ocupação do solo seriam reduzidas. A idéia envolvia o conceito de uma cidade e parque fundidos num único local. Naturalmente, as premissas da arquitetura moderna são parte integrante da



Acima, desenho de quarteirão da malha urbana de Paris antes das transformações de Haussmann - pequenas construções permeadas de pequenos pátios privados.

Abaixo, as projeções demonstram um sugestivo redesenho do parcelamento da quadra - reunificação da propriedade fundiária.



Fonte imagens: LE CORBUSIER, 1946, p.92,94.

cidade funcional, sendo o edifício sobre pilotis o responsável pela liberação do solo para uso público.²³

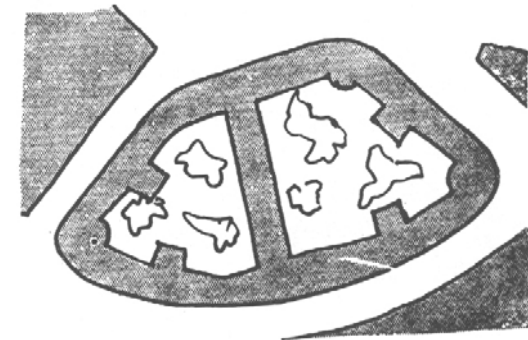
"(...) A cidade se transforma pouco a pouco em um parque. (...) Abolida a *tiranía da rua*, todas as esperanças são permitidas." ²⁴

As unidades de habitação propunham substituir a cidade jardim horizontal pela vertical, seriam como miniaturas de bairros contidos numa única edificação. Nelas os moradores teriam à sua disposição todos os serviços cotidianos essenciais, como abastecimento doméstico e creches.

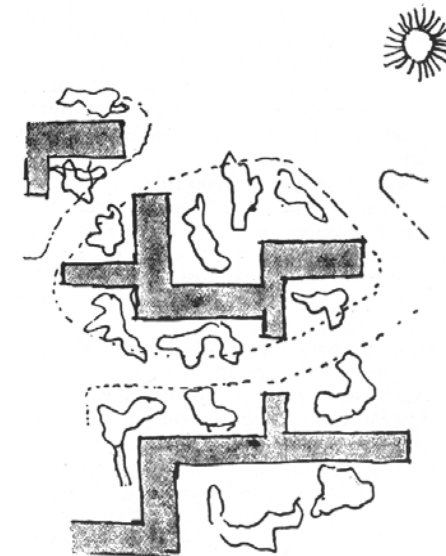
Não apenas a construção vertical substitui a horizontal, mas também o parque e grandes avenidas substituem a rua, considerada por Le Corbusier um símbolo da insalubridade da vida urbana tradicional. A rua perde o sentido de lugar para a troca e o convívio, se tornando apenas um espaço de circulação. Se não há mais rua, todos os elementos que configuram a cidade sofrem mutações. O quarteirão do tipo bloco deixa de possuir limites contínuos e sua forma em planta não corresponde ao resultado tridimensional. As unidades de habitação e outros setores urbanos seriam dispostos em blocos construídos conectados por grandes vias, preservando a insolação e ventilação natural, além dos horizontes verdes para todos os moradores.

²³ O próprio Le Corbusier ressalta que a *Cité Industrielle* de Tony Garnier foi a primeira a propor o solo livre para usos comunitários. CORBUSIER, op. cit. P-21.

²⁴ CORBUSIER, op. cit. P-21, p. 93.



Acima, um novo quarteirão tradicional construído sobre a reunificação dos lotes possibilitando grandes pátios centrais.

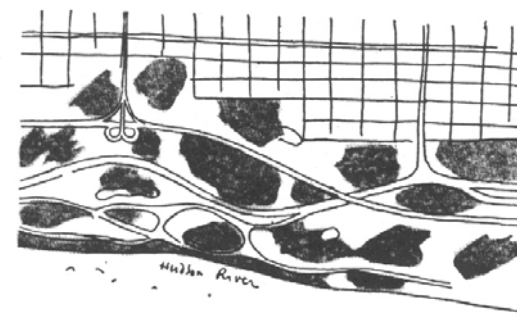
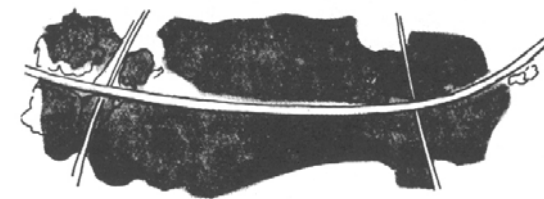


Por fim, adissolução dos contornos da quadra e a proposta de um novo arranjo para os blocos edifícios, anteriormente perimetrais.

Fonte imagens: LE CORBUSIER, 1946, p.92,94.

Assim como na arquitetura moderna, onde um pano de vidro delimita sutilmente o espaço interno do externo, a mesma sensação de continuidade é proposta pela cidade funcional. As edificações colocadas sobre uma grande área verde criam uma nova lógica organizacional para as cidades. Uma lógica que não depende mais exclusivamente dos traçados viários nem da hierarquia das praças. A inversão dos blocos maciços repletos de pequenas subtrações das antigas construções pela estrutura independente, transcende os limites da arquitetura. A cidade funcional é livre de surpresas e o urbanismo moderno de Le Corbusier não tem mais espaço para o miolo de quarteirão.

A *Ville Contemporaine*, projeto de 1922, propôs um arranjo com as unidades habitacionais organizadas em blocos perimetrais. Configurando uma grande edificação-quarteirão, os blocos ainda mantinham-se alinhados pelas ruas, mas com acesso ao miolo da quadra, onde áreas verdes e de lazer estariam disponíveis. Os blocos eram constituídos por unidades *Immeuble-Villa*, células habitacionais duplex com terraços ajardinados, agrupados verticalmente a fim de criar altas densidades liberando o solo. O princípio de organização das *Immeuble-Villa* em *redants*²⁵ acaba se libertando da forma retangular e adquirindo novas configurações em outras propostas. Le Corbusier manteve o conceito das unidades de habitação, mas na *Ville Radieuse* os blocos perdem a forma de bloco perimetral se aproximando ou se afastando das vias.



Croquis da cidade moderna desenhada conforme o novo modelo de traçado urbano, com grandes vias e os edifícios em meio ao parque.

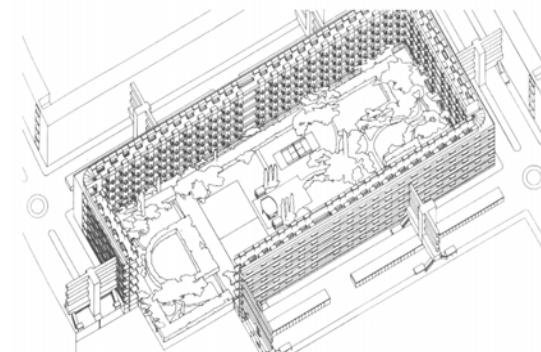
Fonte imagens: LE CORBUSIER, op.cit.P-21, p.96.

²⁵ Os *redants* são os blocos de edificações lineares denteados propostas por Le Corbusier em inúmeros projetos, inicialmente em blocos perimetrais e posteriormente em blocos contínuos.

A cidade zoneada em setores bem definidos se concretiza no projeto do Plan Voisin para Paris em 1925.

As idéias e reflexões acerca do planejamento urbano de Le Corbusier trouxeram a transformação radical da escala dos elementos urbanos, propondo novos traçados e funcionalidade para uma nova forma de morar. Desde as primeiras propostas, as unidades de habitação funcionariam como os quarteirões da cidade moderna, se adequando de um plano para outro.

Apenas no final dos anos 40 a primeira unidade de habitação isolada é construída em Marselha, na França. Concentradas num bloco único, em barra, as células de habitação foram sofisticadas, assim como a composição da edificação. A *Unité* abrigava trezentas e trinta e sete habitações, lojas, um hotel, cobertura, pista de corridas, jardim de infância e ginásio de esportes. A idéia de Le Corbusier foi abrigar uma unidade de vizinhança completa numa única edificação. Mais do que um quarteirão, a idéia do bairro vertical havia sido colocada em prática neste projeto. Outras unidades de habitação ainda foram construídas nos mesmos moldes, a *Unité* de Briey em Forêt, uma em Firminy também na França, e a última em Berlim na Alemanha.



Perspectiva axonométrica da Ville Contemporaine de 1922 com blocos perimetrais. Fonte imagem: FRAMPTON, Kenneth. *Historia Crítica da Arquitetura Moderna*. Barcelona. Gustavo Gili, 2000, pg. 187.



O Plan Voisin propunha arrasar parte do Centro de Paris para inserção de um conjunto de arranha-céus cruciformes nos arredores da Ille de la Cité. Assim como na *Ville Radieuse*, Le Corbusier insere no projeto torres e combinações em *redent* ao invés dos blocos perimetrais da *Ville Contemporaine*. Fonte imagem: Fondation Le Corbusier. Disponível em : <<http://www.fondationlecorbusier.asso.fr>>. Acesso em: 18 out. 2008.

Nova escala da arquitetura e das cidades no Brasil

Mesmo antes da construção de Brasília, muitos projetos brasileiros têm destaque mundial²⁶ inserindo a nova lógica da arquitetura e do urbanismo moderno nos seus trabalhos. São edificações construídas numa nova escala de intervenção e relação com entorno, propostas que adequaram os conceitos da cidade e da arquitetura moderna aos condicionantes locais.

Objetivando os paralelos morfológicos do trabalho, alguns exemplos dos anos 30, 40 e 50 foram tomados como referência para compreender as transformações morfológicas e tipológicas pelas quais as cidades brasileiras passaram. Esses exemplos mesclaram as propostas do Movimento Moderno aos seus tecidos consolidados de forma tradicional, trazendo para as cidades brasileiras novas respostas aos problemas arquitetônicos.

Todos os exemplos possuem um ponto comum, o edifício com pavimento térreo permeável em diferentes gradações. O volume sobre pilotis é o primeiro passo para o quarteirão permeável, como já citado anteriormente, um pressuposto para liberação do solo na cidade moderna. Esses exemplos modificam a relação entre a rua e o interior da quadra, transformando também os limites entre espaço público e privado na cidade.

²⁶ Em 1943 é publicado o livro *Brazil Builds*, de Philip Goodwin, resultado da exposição que reuniu painéis fotográficos e maquetes de projetos brasileiros no Museu de Arte Moderna de Nova York. A exposição que se tornou itinerante, junto à publicação, obteve grande destaque para o Movimento Moderno no país, que apresentou ao mundo obras de equilíbrio formal e um frescor peculiar para época, diferenciando a arquitetura brasileira do restante do mundo.



Acima a capa e contracapa do livro *Brazil Builds*, de Philip Goodwin, 1943. Abaixo, foto da fachada com brise-soleil do Ministério de Educação e Saúde no Rio de Janeiro publicada no mesmo livro.



Fonte imagens: Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq072/arq072_02.asp>. Acesso em: 19 out. 2008.

Pavilhão do Brasil em Nova York

[Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. 1938-1939]

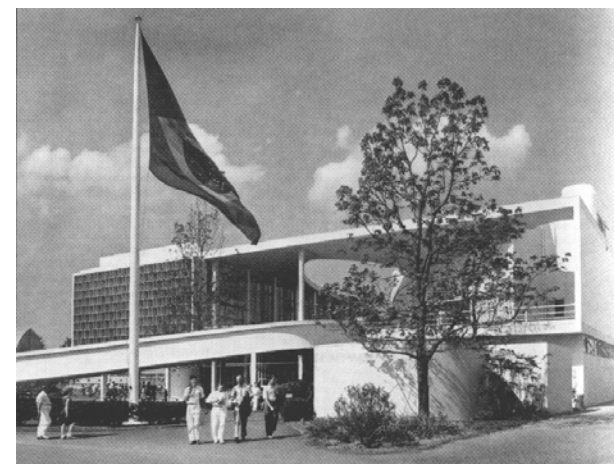
Apesar de se tratar de um exemplo de pavilhão de exposições localizado num contexto não urbano, o Pavilhão do Brasil em Nova York foi um dos primeiros projetos modernos a se posicionar de forma diferente em relação aos seus vizinhos. O interesse em inserir este exemplar dentro deste capítulo de contextualização histórica se dá pela sua audaciosa implantação e combinação de volumes estrategicamente posicionados para configurar uma única edificação, que pode ser vista como um quarteirão moderno.

Construído em escala monumental, o Pavilhão foi projetado num partido em L, mas que virtualmente configura um U. O projeto explora cada uma das interfaces do edifício, se relacionando consigo mesmo ao invés de se integrar ao entorno. Seu vizinho, o pavilhão francês, possuía um projeto robusto e em estilo clássico, desconectado dos conceitos da arquitetura moderna. A opção de Costa e Niemeyer foi criar o pavilhão o mais distante possível deste vizinho, um edifício completamente moderno que fosse capaz de convidar o visitante a um passeio pela nova arquitetura brasileira.

O térreo do Pavilhão do Brasil se apresentava numa composição de grande fluidez e permeabilidade, um convite a descobrir os diversos percursos criados no seu interior, a começar pela rampa sinuosa que conduzia diretamente ao segundo nível. O volume lateral, uma barra desenhada conforme o alinhamento da rua, levemente curva, era mais fechado para rua e



Fonte imagen: Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br>>. Acesso em: 19 out. 2008.



Fotos da fachada principal do pavilhão, com a rampa e pórtico de acesso.

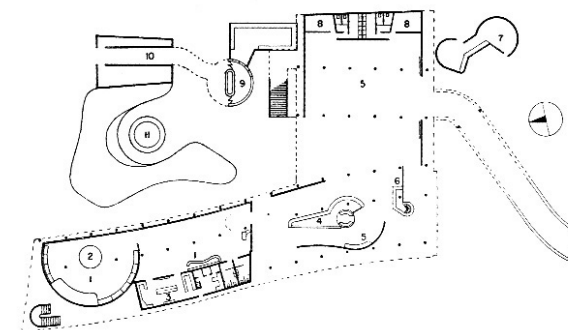
Fonte imagem: CAVALCANTI, Lauro. Quando o Brasil era Moderno: guia de arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2001, p. 376.

completamente aberto para o pátio interno, numa fachada leve o suficiente para causar a sensação de que o pavilhão fosse parte integrante do espaço aberto.

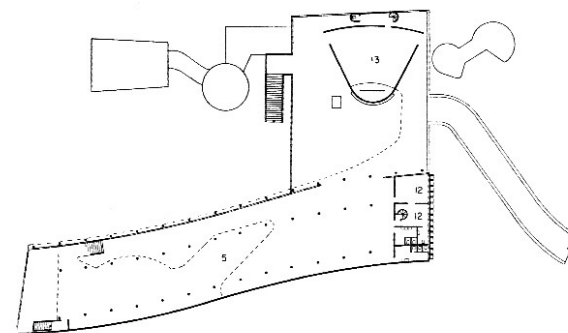
Este volume de dois níveis se equilibra na fachada mais emblemática do Pavilhão do Brasil em Nova York, onde uma lâmina de concreto une os volumes da barra e auditório, coroando o acesso e criando um pórtico, sendo essa a outra possibilidade de ingresso além da rampa.

A estratégia de voltar o edifício para um pátio interno não é um atributo moderno, mas sim como este pátio se configura. Nenhuma das interfaces do pátio interno é completamente fechada. Pelo contrário, as fachadas e volumes se comportam de formas diferentes de acordo com sua função e orientação solar. Um dos lados do pátio possuía volumes não cobertos, que completavam os seus contornos de forma sutil, mas não menos importante, criando uma suave continuidade volumétrica alinhada com o auditório. O contraste entre as barras sinuosas e os volumes amebóides é um ponto fundamental no equilíbrio da composição. Cada elemento faz parte de um sistema, e assim como os volumes, as colunatas de pilares direcionam e organizam o espaço interno da barra maior em contraste com as curvas irregulares do mezanino – elementos que mais tarde estarão presentes em outras obras.

A permeabilidade neste caso é franca, mas o edifício e seu programa armam um jogo de filtros e articulações a serem percorridas até que seu interior seja alcançado. Os contornos da quadra, ou seja, do lote do pavilhão ainda são visíveis e sua forma acompanha até mesmo o desenho de uma das ruas, configurando uma construção perimetral em relação aos seus limites.



planta nível inferior



planta nível superior

Fonte imagem: CAVALCANTI, op. cit. P-46.

Ministério de Educação e Saúde no Rio de Janeiro

[Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Affonso Reidy, Jorge Moreira, Carlos Leão, Ernani Vasconcelos, Le Corbusier (consultor do projeto) 1937-1943]

Num contexto de renovação e transformação urbana, o Ministério de Educação e Saúde decide construir uma nova sede - um edifício que servisse como modelo e que inspirasse a cultura e as novas idéias que invadiam o país naquele período. O Morro do Castelo, área onde a cidade do Rio de Janeiro se originou, recém havia sido demolido, criando uma nova área disponível no centro, justamente num momento em que começar do zero era fundamental. Apesar do espírito de mudança, a legislação vigente ainda induzia as implantações de ocupação perimetral do quarteirão, tal como se configurava o restante da cidade até então.

Foi promovido um concurso para escolha do projeto para o ministério, do qual o vencedor não agradou a Capanema, que acaba chamando Lucio Costa e sua equipe para desenvolver um novo projeto. Le Corbusier entra como arquiteto consultor e fica durante um mês trabalhando no projeto no Rio de Janeiro.

O edifício do MEC, projetado pela equipe de Costa tem implantação oposta ao esquema proposto pelos regimes urbanos da época. A proposta dissolve completamente os limites do quarteirão na sua volumetria. A implantação dispõe um bloco principal mais alto no centro da quadra, sobre pilotis monumental. Na base, o volume é transpassado por um outro bloco mais



Fonte imagens: Disponível em:
<<http://www.oglobo.globo.com>>. Acesso em: 19
out. 2008.

baixo e horizontal, criando um novo padrão de hierarquia no posicionamento do edifício em relação ao lote.

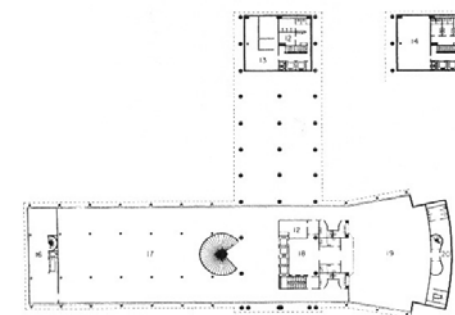
O visitante é convidado a ingressar no edifício através de um livre passeio que conduz ao pilotis, passando pelo amplo recuo ajardinado. Este acesso franco ao terreno todo, muito mais permeável que num edifício clássico e maciço, coloca o MEC numa posição de monumento e não parte integrante do tecido urbano. A sua implantação permite que todas as suas fachadas sejam apreciadas, já que o próprio passeio de ingresso ao edifício proporciona visada do conjunto que reforçam sua composição volumétrica, onde o equilíbrio vale mais do que a simetria.

O edifício do Ministério de Educação e Saúde apresenta todos os elementos considerados na época fundamentais para construção da arquitetura moderna – pilotis, terraço jardim, elementos de proteção solar, fachada de vidro, presença de obras de arte e volumes escultóricos na cobertura.

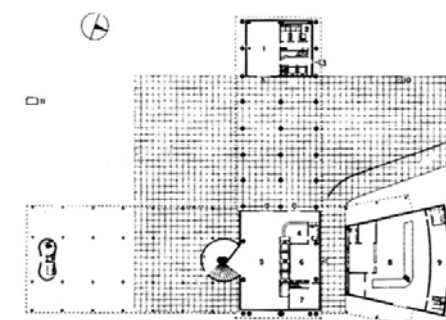
A sua relevância neste estudo, deve-se principalmente à sua inserção na cidade, que estipulou novos parâmetros de relação com o entorno e uma nova hierarquia de acessos com um novo padrão de permeabilidade urbana. Sua volumetria ousada e assimétrica trouxe uma nova escala para arquitetura e propôs audaciosamente que o nível público da cidade deveria se estender livremente através das edificações.



3º andar



1º andar



nível térreo

Fonte imagens: CAVALCANTI, op.cit. P-46, p. 270,271.

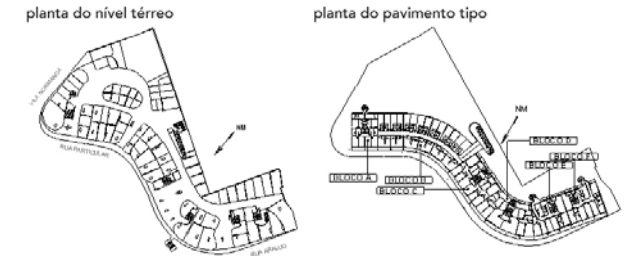
Edifício Copan em São Paulo

[Oscar Niemeyer -1950]

Inserido no denso e abarrotado tecido urbano da capital paulista, o edifício Copan é uma solução em grande escala que tem uma implantação mais contextualista em relação ao seu lote, com maior respeito em relação aos alinhamentos. O projeto original previa dois blocos, mas apenas o bloco de 30 pavimentos residenciais foi construído, alinhado com esta passagem sinuosa, o que em altura se repete em todas as plantas tipo, dando um movimento e perspectivas de fachada ainda reforçadas pelos brises soleil que acompanham esta forma. A forma e composição fluida do Copan lhe conferiram a sensação de leveza para um bloco de apartamentos em escala monumental, um grande contraste com as linhas retas dos outros grandes edifícios de São Paulo.

Um dos pontos mais interessantes é sua relação com o terreno, visível na solução para galeria comercial no nível do solo da edificação. Conectado à rua diretamente, o térreo do Copan se organiza como pequenas ilhas rodeadas por passagens, como ruas e quadras sobre o grande e sinuoso edifício. Este nível se molda à topografia em declive, deixando o piso acompanhar o desnível.

O Copan propôs uma nova relação de permeabilidade urbana, com referência às tradicionais galerias comerciais. Um misto entre modernidade e tradição aproxima atributos conhecidos numa configuração nova, em que a rua invade o térreo do edifício, inclusive com suas declividades e irregularidades.



Acima as plantas do térreo (esquerda) e do pavimento tipo do Edifício Copan.



Fonte imagens: Eduardo Aquino / Walter J. F. Galvão. Fonte imagens: Disponível em: <<http://www.infohabitar.blogspot.com>>. Acesso em: 19 out. 2008.



Fonte imagem: Genoviz. Disponível em: <<http://www.panoramio.com>>. Acesso em: 19 out. 2008.

Brasília _ Superquadras

Brasília foi construída completamente inspirada no modelo das cidades modernas, uma obra única no urbanismo e na arquitetura. Sem o objetivo de dissecar toda sua história ou atributos urbanísticos, o projeto de Brasília é o ponto culminante de um percurso de transformação dos elementos que configuram as cidades e do modo como estes se relacionam entre si.

O projeto de Lúcio Costa para Brasília apresenta um esquema simples, com clara setorização e possibilidades de ampliação da cidade. O Plano Piloto propôs um equilíbrio das zonas residenciais e administrativas, dispostas em dois eixos perpendiculares entre si. O traçado de Brasília partiu de um gesto primário, uma cruz que demarcou dois eixos, um para abrigar a escala monumental e a escala residencial. A escala gregária, das atividades culturais, se coloca no cruzamento dos eixos monumental e residencial.

Toda distribuição funcional da cidade, com áreas para residências, equipamentos culturais, comunitários e os edifícios públicos, são claramente definidas. Como o próprio Lúcio Costa afirmava, como deveria ser uma cidade planejada e eficiente, com todos os atributos inerentes a uma capital.

A escala residencial, que se estende ao longo dos eixos Norte e Sul, se configura através de unidades de vizinhança compostas por Superquadras em seqüências duplas.

As superquadras colocaram em prática uma nova escala urbana e novamente, uma diferente relação edifício-cidade, proposta pela Carta de



Foto aérea da cidade de Brasília com sobreposição do traçado do Plano Piloto de Lúcio Costa.



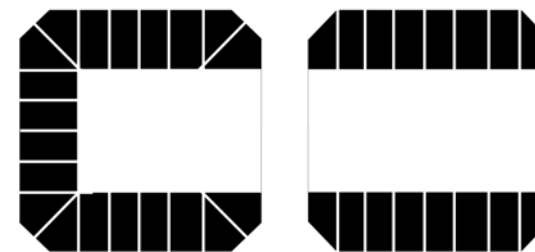
Foto aérea da Superquadra 209, na asa sul.

Fonte imagens: Google Earth, 2008.

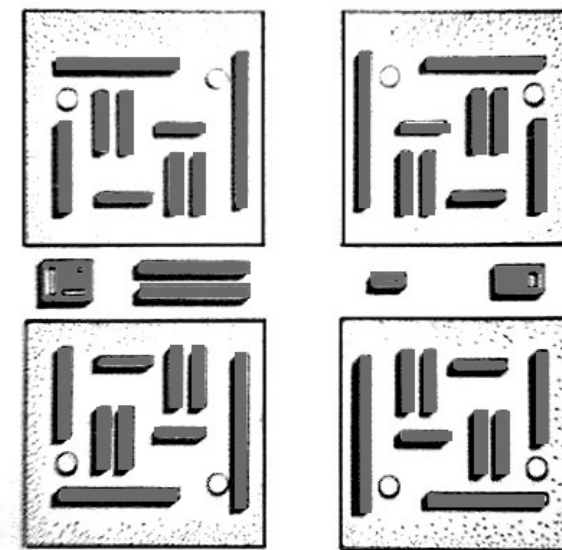
Atenas. A idéia de Niemeyer foi dispor os edifícios em diversas combinações de implantação para evitar a monotonia dentro de cada Superquadra. A sensação ainda assim é repetitiva, já que todos os edifícios foram construídos dentro dos regimes urbanos específicos de Brasília, que incluíam gabaritos de altura e projeções para ocupação de solo com separação clara entre a circulação de veículos e pedestres.

A escala residencial é permeada por uma quarta escala, presente em todas outras e que lhe confere o status de cidade parque. A escala bucólica preenche os vazios resultantes da implantação sob os moldes modernos, rodeando os edifícios com vastas áreas verdes, mantendo o nível do solo o mais livre possível. A presença constante do verde e do espaço não construído em toda cidade cria uma inversão entre os cheios e vazios nas cidades tradicionais. A morfologia é oposta aos quarteirões de fachadas contínuas no mesmo alinhamento, formando blocos construídos permeados por espaços vazios abertos. Em Brasília, assim como nas propostas de Le Corbusier para cidade moderna, os elementos urbanos foram dissolvidos em novos arranjos, não existindo mais delimitações nítidas entre rua e miolo de quarteirão. Porém, ao mesmo tempo em que essa dissolução foi promovida, o interior da quadra passa a ser tão público quanto a rua.

A disposição dos edifícios nas superquadras, independente das variações propostas, é dada por projeções de ocupação e não parcelamentos em forma de lotes convencionais. Com dimensões aproximadas de 250x250m, todas as superquadras possuem projeções retangulares e os gabaritos de altura são de no



Fonte imagens: desenho da autora.



Acima, o contraste entre a ocupação linear periférica do quarteirão de Cerdà para Barcelona no século XIX e os edifícios soltos da superquadras em Brasília.

Cabe ressaltar também as distintas escalas de cada um dos casos. Enquanto cada quarteirão do Eixample possui 113,33m x 113,33m, cada superquadra tem 250mx250m.

Fonte imagens: BOTEY, Josep Ma. *Oscar Niemeyer: Obras y proyectos*. Barcelona. Gustavo

máximo seis pavimentos sobre pilotis, o que reforça a idéia de permeabilidade ao nível do pedestre.

O uso livre do solo foi levado tão a sério no Plano Piloto que os edifícios não são proprietários das suas projeções, sendo os pilotis tão públicos quanto às áreas verdes que os circundam.

Cada conjunto de quatro superquadras forma uma unidade de vizinhança, que deveria contar com uma escola, igreja, comércio local, piscina e cinema. O conceito da unidade de vizinhança foi aplicado em todo o Eixo Residencial, mas o conjunto de equipamentos completos para cada uma só foi construído nas superquadras 107, 108 e 307, 308 da Asa Sul.

Apesar de ter sido projetada para o automóvel, um dos principais problemas de Brasília é a falta de estacionamentos. Por ser uma cidade tombada, ficou engessada para receber propostas que não se encaixem rigidamente no Plano Piloto, enquanto por outro lado, a informalidade e falta de controle a descaracterizaram em todas as zonas residenciais.

A escala monumental da cidade é a que se encontra mais preservada, mas novos edifícios são construídos para abrigar demandas de novas sedes do governo. Brasília passou adiante mais do que as imagens emblemáticas dos seus edifícios significativos, e hoje o seu modelo de implantação para edifícios públicos se reproduz em outras cidades não planejadas.

Os ideais modernos concretizados em Brasília tiveram influência na consolidação das cidades brasileiras no século XX. Mesmo em tecidos tradicionais, edifícios soltos e sobre pilotis foram construídos sobre lotes em



Vista aérea das superquadras na Asa Sul.

Fonte imagem: Augusto Real. Disponível em: <<http://www.infobrasilia.com.br>>. Acesso em: 19 out. 2008.



Foto de um dos blocos residenciais da Superquadra Sul 107, elevado sobre pilotis e rodeado por vegetação.

Fonte imagens: PROJETO DESIGN, nº334, 2007.

contextos urbanos densos e de escala nada monumental. A aplicação dos tipos modernos ultrapassou os limites de Brasília e criou cenas de contraste e contradição na paisagem de inúmeras cidades brasileiras. Gradualmente, pequenas capitais como Porto Alegre passam a se tornar cada vez mais parecidas com as grandes cidades do país. A mudança radical proposta primeiramente pela arquitetura moderna, e posteriormente, pelo ideal da cidade moderna, foi forte o suficiente para deixar marcas pontuais significativas na imagem do Centro de Porto Alegre.

4_DEGRADAÇÃO X POTENCIAL

4.1_ Centro de Porto Alegre: Cidade Contemporânea _ Cidade híbrida

Antes de aprofundar o estudo sobre os miolos de quarteirão e o caso do Centro de Porto Alegre, faz-se necessário um distanciamento para compreender como se originou a situação atual dos vazios encontrados no teu tecido urbano. Após os paralelos morfológicos traçados, o trabalho busca compreender a complexa situação contemporânea da cidade através de um breve panorama sobre os grandes centros urbanos.

No século XX, as cidades brasileiras passaram por décadas de transformação contínua, de intensa substituição e pouca preservação das construções existentes. Ao seu modo, assim como outras cidades do país, Porto Alegre se tornou mais uma estrutura urbana híbrida. A morfologia da cidade mescla características da estrutura em ruas e quadras do modelo tradicional, mas apresenta faces comuns às cidades contemporâneas. As heranças dos modelos modernos, tais como as grandes avenidas, torres isoladas ou quarteirões de leitura descontínua, são recorrentes em diversos centros urbanos. Esses elementos de escala maior se inseriram por demandas reais e não apenas ideológicas. O crescimento urbano é responsável pelos contraditórios efeitos de degradação e desenvolvimento simultaneamente.

Esta constatação serve as cidades europeias, americanas e asiáticas, em menor ou maior grau de desfiguração. Em todos os casos, a necessidade de



Vista do cais do porto de Porto Alegre no sec XIX, ainda com o trapiche antigo. No *skyline* horizontal se destacavam os principais edifícios, como o Teatro São Pedro, a Casa de Câmara e a Catedral.



Vista do centro de Porto Alegre desde o lago Guaíba na década de 1970. A vista da cidade já verticalizada não destaca mais seus monumentos. Edifícios comerciais e residenciais se mesclam numa massa construída comum a todas às metrópoles. Fonte imagens: Disponível em <<http://www.portoimagem.com>>. Acesso em: 04 nov. 2008.

expansão do limite urbano e remodelação das zonas pré-existentes é um fenômeno inevitável às metrópoles.

O termo cidade genérica é usado por Koolhaas²⁷ para exemplificar o processo de situação semelhante em que cidades de culturas extremamente distintas se encontram atualmente. Por influência da globalização cultural e tecnológica, os rumos desta cidade genérica são imprevisíveis, mas seu conteúdo é exaustivamente repetitivo. Todas possuem aeroportos que poderiam estar em qualquer lugar do mundo, arranha céus emergindo do nada e uma zona histórica a ser revitalizada. A cidade contemporânea cresce e se transforma com velocidade impressionante, e para isso, mais infra-estrutura é necessária para absorver suas demandas. Grandes obras precisam ser feitas e por sua vez mais locais precisarão ser recuperados devido às cicatrizes geradas pelo crescimento urbano, mais áreas de periferia se formam e mais projetos buscarão reestruturar as ocupações espontâneas. Segundo Koolhaas, o urbanismo não é mais capaz (talvez nunca tenha sido) de prever ou controlar as cidades, porque elas sempre estarão em construção. A urbanização pervasiva²⁸ modificou a leitura da cidade, criando uma série de contradições. Independente desse caos onde todos os estilos são possíveis e se proclama a apoteose da múltipla escolha, as cidades se mantêm vigorosamente vivas e ao mesmo tempo estão repletas de não-lugares²⁹.

²⁷ KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. SMLXL. Nova York: Monacelli Press, 1995, p.198-209.

²⁸ Termo usado por Koolhaas para definir a urbanização descontrolada e os planos que fogem do domínio do urbanista.

²⁹ AUGÉ, Marc. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2001.

O "não-lugar" é o termo utilizado pelo antropólogo Marc Augé para designar locais urbanos da supermodernidade, como aeroportos, grandes estações de metrô, entre outros espaços públicos que se multiplicaram pelas cidades sem identidade local. Segundo Augé, um lugar se define como identitário, relacional e histórico, portanto os que não se define deste modo seria um não-lugar.



Vista aérea - Terminal Triângulo na Av. Assis Brasil - Terceira Perimetral na zona norte de Porto Alegre.



Vista aérea - acessos ao aeroporto Salgado Filho em Porto Alegre.

Fonte imagens: Disponível em <<http://www.portoimagem.com>>. Acesso em: 04 nov. 2008.

Mesmo reconhecendo a situação atual da cidade contemporânea, sua complexidade e identidade múltiplas, ainda existem surpresas escondidas ou abafadas em meio ao caos aparente. Quanto mais genérica as cidades se tornam, mais lugares potenciais podem se apresentar e transformar a óbvia degradação em pontos de retomada do caráter local.

A presença destes hiatos, dos vazios urbanos, é um ponto relevante que pode representar potenciais latentes. Os espaços ainda não construídos são lugares disponíveis para o desenvolvimento de projetos que possam preencher não apenas o vão físico, mas também demandas de atividades locais.

Porto Alegre é uma cidade onde a história consolidada em alguns séculos de arquitetura foi atropelada por uma série confusa de demolições e substituições. Disso decorreu a acumulação de diferentes tipos de parcelamento de solo e regulamentos urbanísticos quase opostos, gerando um tecido de textura irregular. Os contrastes entre tipologias, gabaritos das edificações e as variações de alinhamento causaram a desfiguração das quadras e das ruas, originalmente construídas em fita. Foi se mantendo o traçado de cidade tradicional com a adição de elementos da cidade funcional, devido à seqüência de planos e regulamentos que se acumularam³⁰. A cidade neste caso não é nem tradicional nem moderna.

Neste modelo híbrido, os miolos de quarteirão continuam aprisionados, não apenas porque seus limites são construídos fisicamente, mas porque não há uso nem integração destes com a cidade. Assim como outros vazios urbanos, o



Dois dos inúmeros vazios de miolo de quarteirão na face sul do Centro de Porto Alegre. Em meio a estacionamentos mal planejados surgem espaços não construídos com um potencial de aproveitamento subtutilizado. Alguns são como corações verdes no interior das quadras, sendo que tampouco nestes casos, houve algum tipo de apropriação da população local.

Fonte imagem: Fotos da autora. 2009.

³⁰ Os planos e evolução urbana da área em estudo serão aprofundados no capítulo seguinte.

espaço não edificado no interior das quadras também pode ser considerado um território potencial, uma dimensão urbana ainda não explorada e que está presente em praticamente todas as cidades. Quando o miolo de quarteirão tem acesso público, torna-se um novo lugar³¹.

Esta idéia foi explorada num dos principais projetos de Lina Bo Bardi para o bairro do Pelourinho em Salvador, na década de 1980. O seu projeto para o bairro incluía a transformação dos fundos de lote das casas em jardins coletivos. Segundo Marcelo Ferraz³², estes jardins secretos passariam a sensação de oásis urbanos a serem descobertos no tecido seco e denso do Pelourinho. A idéia foi concretizada na Casa e Restaurante do Benin, um projeto que buscou explorar o espaço potencial do miolo de quarteirão, mas respeitando o traçado das ruas tortuosas e cheias de surpresas já existentes no bairro.

O estudo de caso deste trabalho se concentra numa área determinada do Centro Histórico de Porto Alegre, em especial a face sul da colina, onde se podem destacar fragmentos peculiares semelhantes aos oásis de Lina - vazios urbanos que conectam lotes, brechas e miolos de quarteirão. Estas brechas,

³¹ " *Lugar* em Arquitetura-Urbanismo pode ser entendido como um conceito que se expressa através da percepção de lugar, que as pessoas sentem nos ambientes aos quais conhecem por suas experiências de vida. Ao fim e ao cabo, *lugar* é um conceito entendido em seu sentido de denotar uma qualificação que se atribui a um espaço através da percepção de suas potencialidades, objetivas e subjetivas (físicas e psicológicas) para realização de experiências existenciais. Ou como gostamos de ensaiar que, "em termos gerais pode-se dizer que lugar, na teoria arquitetônico-urbanística, é uma criação morfológica ambiental, imbuída de significado simbólico para seus usuários" (CASTELLO 2005a, p.350).

CASTELLO, Percepção de Lugar. Porto Alegre. PROPAR-UFRGS, 2007, p.116.

³² FERRAZ, Marcelo Carvalho. O Pelourinho no Pelourinho. 2008.

"Em nosso projeto com Lina Bardi propusemos a utilização dos fundos de quadra – os maravilhosos quintais verdes das casas – como quintais coletivos, uma vez que cada casa passaria a ser de três ou quatro famílias. Seria como que reforçar a idéia de "oásis", a descoberta de zonas verdes exuberantes no "seco casa baiano" da cidade de pedra e cal, ao penetrar e cruzar um casarão, ou uma arcada de portais. Um exemplar foi executado e com grande sucesso: a Casa e Restaurante do Benin. Do Largo do Pelourinho, de urbanismo "seco", ninguém poderia imaginar que, cruzando poucos metros, atravessando uma portada, poderia encontrar coqueiros altos, trepadeiras e até uma cascata de água. E assim deveriam ser todos os miolos de quadra, de jardins "secretos".

FERRAZ, Marcelo Carvalho. O Pelourinho no Pelourinho.

Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br>>. Acesso em: 06 nov. 2008.

Abaixo, foto do jardim da Casa do Benin em Salvador, Bahia.



Fonte imagem: FERRAZ, Marcelo Carvalho (coord). *Lina Bo Bardi*. São Paulo, Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 2ª edição, 1996, p. 287.

fendas e conexões se repetem de forma curiosa. São conjuntos de pátios e quintais que se apresentam como morfologias únicas, localizadas numa parcela de significativa importância histórica para arquitetura e urbanismo da cidade.

Em estudos e levantamentos cadastrais do bairro³³ realizados em 2002 e 2008 foram destacadas as situações potenciais da zona, dentre as quais, inúmeros e generosos espaços no interior das quadras. Esses espaços vazios, na maioria das vezes possuem alguma ligação física não consolidada com o passeio público. Estas articulações são possíveis através de terrenos estreitos, como pequenas passagens, sendo estas circunstâncias morfológicas que despertaram o interesse pela temática que funciona como um ponto de amarração deste trabalho – o miolo de quarteirão e sua presença no Centro de Porto Alegre. A evolução urbana da zona demonstra, através da história, a sucessão de diferentes planos diretores e códigos de edificação que tiveram influência direta na morfologia do bairro e conseqüentemente, na formação dos espaços no interior das quadras. O recorte, feito para o aprofundamento das análises apresentadas no próximo capítulo, se refere a um local que não representava o centro das atividades urbanas quando a cidade se consolidou sobre toda a península. Uma parcela à margem do Centro, mas que sofre a influência das ações globais de planejamento, que constantemente atuam sobre construção da forma da cidade contemporânea.

³³ Levantamentos cadastrais do local realizados pela autora.



Vista aérea atual do Centro e Porto Alegre, com destaque para a zona do estudo de caso desenvolvido.

Fonte imagem: www.consportoalegre.esteri.it



Mosaico de visuais em quatro pontos distintos da face sul do Centro de Porto Alegre.

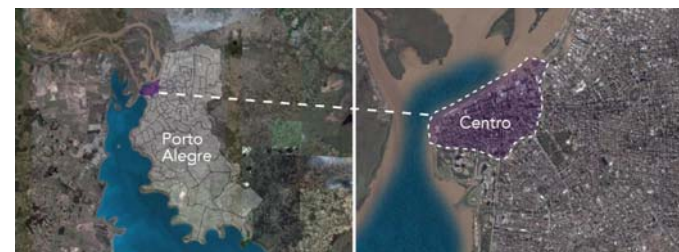
Fonte imagem: fotos da autora. 2009.

4.2_Evolução Urbana da Face Sul do Centro de Porto Alegre

O estudo de caso deste capítulo corresponde a uma parcela urbana inserida na área onde se originou a cidade, mais especificamente na face sul da colina denominada neste trabalho como zona residencial do Centro de Porto Alegre.

No centro da cidade é possível distinguir zonas de características distintas bastante significativas, se considerado o contexto do bairro todo. Analisando a ponta da península, mais especificamente desde a Avenida Borges de Medeiros até as margens do Guaíba na direção oeste, pode-se estabelecer uma clara relação entre cada lado da colina e suas respectivas características morfológicas, arquitetônicas e principalmente das atividades e usos desenvolvidos ao longo da história na encosta norte e na encosta sul.

O objeto de estudo se aprofunda nas características de uma parte do centro da cidade, localizada na encosta sul da colina, entre as ruas Duque de Caxias e Washington Luiz, do início destas até a Avenida Borges de Medeiros. Apesar dos limites urbanos do centro antigamente se estenderem até a Praça do Portão (antiga Conde de Porto Alegre) e a Santa Casa, o caráter do bairro toma na Avenida Borges de Medeiros, uma mudança de rumo. Os limites se confundem um pouco de acordo com cada rua, mas dentro deste triângulo, muitos são os denominadores comuns que destacam essa zona como um bairro que pertence ao Centro, mas que possuiu uma identidade própria distinta.



Acima, a foto de satélite de Porto Alegre e respectiva aproximação da mesma com a delimitação do Centro da cidade.

Abaixo, demarcação da área do estudo de caso denominado no trabalho como zona residencial do Centro de Porto Alegre. Ao norte, o pontilhado foi traçado sobre a Rua Duque de Caxias, ao sul na Washington Luiz e a leste (à direita), a Av. Borges de Medeiros.



A Rua Duque de Caxias, localizada na crista da colina, funciona como um divisor de águas - ao norte o centro comercial, cultural, cívico e religioso – enquanto a encosta sul abriga um bairro majoritariamente residencial, onde predominam comércio e atividades de caráter local.

A história do centro demonstra que desde o início da formação da cidade, o lado norte foi o primeiro a ser ocupado, se desenvolvendo mais rapidamente que o sul.

“Chegados os casais da leva de 1752 em fins de janeiro daquele ano, de logo foram instalados no morro de Santana, loteado em chácaras (datas de terra). Entretanto, desgostosos do lugar, resolveram, autorizados devidamente, instalar-se às margens do Guaíba, onde já em 1754 existia no Porto um correr de casas (...) cobertas de palha. Mas pouco depois começaram a surgir, com a fundação das olarias, as primeiras casas de pedra, cobertas de palhas, casas térreas e assobradadas, estas construídas, as primeiras, na Rua da Praia, nas proximidades da Ponte de Pedra (local onde hoje está a Usina do Gasômetro).”³⁴

O porto estava situado no local mais adequado geograficamente, à margem norte, onde as águas são mais profundas, enquanto na margem sul, uma praia longa se estendia numa baía com águas rasas, terras mais baixas e inundáveis. Em torno deste porto, localizado na margem norte da pequena península, foram instaladas as primeiras construções, todas alinhadas em fita, como nas cidades portuguesas, configurando as primeiras ruas do atual Centro

³⁴ SPALDING, Walter. *Pequena História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Sulina, 1967, p. 33.

da cidade – Rua da Praia, Rua da Prainha (Washington Luis), Rua Formosa (Duque de Caxias), Rua da Passagem (Gen. Salustiano), Rua Principal (Gen. Vasco Alves), Rua do Arroio (Gen. Bento Martins), Praia do Caminho Novo (Voluntários da Pátria).

Assim que José Marcelino de Figueiredo passou a comandar a Capitania de São Pedro do Sul, não lhe agradou que a capital fosse Viamão e logo providenciou a transferência da mesma para Porto dos Casais, como se chamava Porto Alegre na época. Em 1771, trata oficialmente da urbanização da cidade, autorizando a traçar oficialmente as primeiras ruas e construir no local de melhor visibilidade a Igreja, o Palácio e a Casa Real da Fazenda. Segundo Günter Weimer³⁵, apesar de esta ser considerada a origem do traçado do centro da cidade, é provável que isso apenas tenha regulamentado uma ocupação precária já existente de modo não planejado.

A morfologia da cidade antiga se configurou com ruas longitudinais seguindo as cotas de nível da colina e ruas transversais cortando as anteriores, se moldando sobre a topografia sem nenhuma linha completamente reta. Uma malha irregular desenhou o traçado da cidade, em linhas que parte quase que paralelas da ponta da península e vão gradativamente se afastando uma das outras. Devido a esta irregularidade, resultante de uma ocupação que teve como principal condicionante a topografia, as quadras têm formas trapezoidais num



Mapa da Capital da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul -1837 s/ autor, (invertido, com o norte para baixo).



Palácio do Governo e Igreja Matriz -1852
Rudolph Hermann Wendroth
Reprodução de aquarela

Fonte imagens: Cartografia Virtual Histórica-Urbana de Porto Alegre. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.
Acervo: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

³⁵ WEIMER, Günter; Origem e Evolução das Cidades Rio-Grandenses. Porto Alegre. Evangraf-Livraria do Arquiteto, 2004, p. 102.

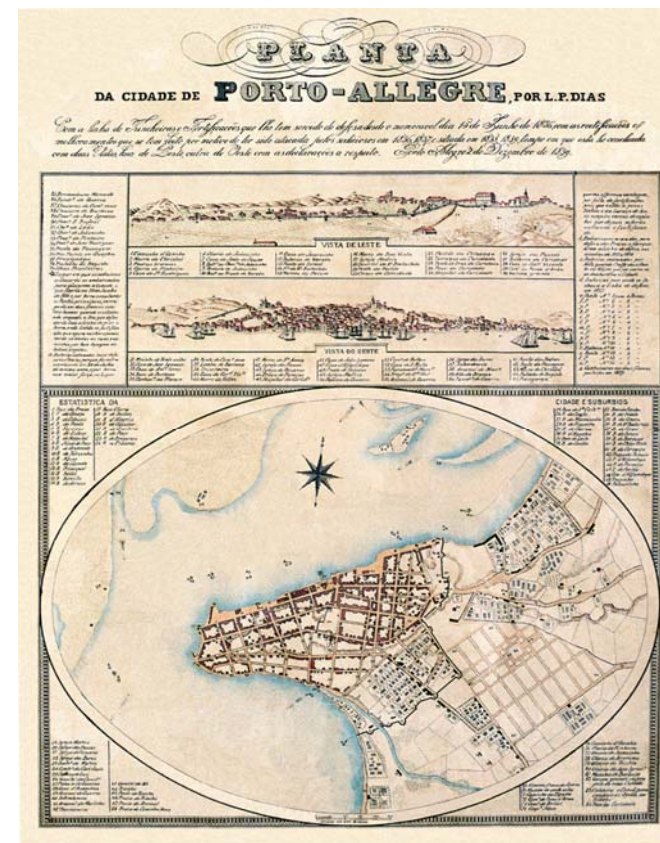
ritmo crescente em dimensões – menores próximo junto à ponta da península e maiores na direção oposta.

A implantação da Praça da Matriz, no alto da colina, e dos edifícios públicos ao norte desta, reforçam a idéia de urbanizar a vila na face de melhor orientação solar e mais protegida dos ventos do sul, ou seja, a zona mais nobre do assentamento. A zona urbana, ainda precária e pouco consolidada se estendia desde o lago Guaíba até os altos da Santa Casa, delimitada pelo portão localizado numa fortificação precária construída para proteger a península na segunda invasão espanhola. Esse limite permaneceu como o ponto de encontro entre a Porto Alegre urbana e rural³⁶ mesmo após a demolição das muralhas e do portão. Enquanto a encosta norte se desenvolveu rapidamente desde o princípio da formação do povoado, a área em estudo, no outro lado do morro, permaneceu mais pobre e menos densa durante muito tempo. Portanto é compreensível que se encontrem inúmeras descrições sobre a Rua da Praia e a Rua da Igreja (Duque de Caxias) e quase nenhuma sobre os caminhos abertos na face sul da colina.

Um relato de Auguste de Saint-Hilaire³⁷ também destaca a hierarquia do norte da península em 1820, citando as três grandes ruas da cidade, sendo uma destas a da Igreja. Nesta, localizavam-se as construções do Palácio do Governo,

³⁶ PESAVENTO, Sandra J. (coord.) *Memória Porto Alegre - Espaços e Vivências*. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 1999, p. 24.

³⁷ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821*. São Paulo: EDUSP, 1974, p.40.



Planta da cidade Porto Alegre com vistas leste e oeste da cidade – 1839

Autor: L. P. Dias (Luís Pereira Dias)
Acervo Fundação Biblioteca Nacional

Tanto no mapa como na vista leste, a encosta sul já apresenta maior número de construções e arruamentos. A cidade já aparece mais consolidada desde a ponta da península até as fortificações.

Fonte imagem: Cartografia Virtual Histórica-Urbana de Porto Alegre. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

da Igreja, alinhadas e voltadas a noroeste, onde se encontrava a melhor vista de encontrava.

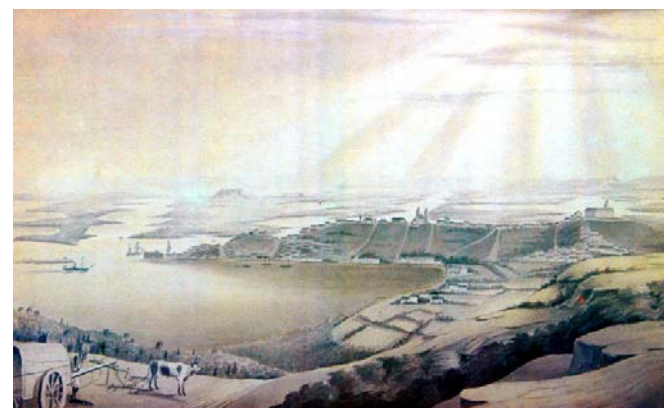
Apesar de Saint-Hilaire ter destacado as três principais ruas do centro, outras, como a do Rua do Arvoredo (atual Cel.Fernando Machado), já existiam desde os primeiros momentos da vila. Há uma escritura de compra e venda de um terreno com frente para Rua do Arvoredo datado de 1788, comprovando que já havia habitantes de modestas condições vivendo na encosta sul do centro. Os primeiros sinais de urbanização desta área datam de 1843 quando os moradores são chamados a construir calçadas em frente as suas casas. Neste momento a Rua do Arvoredo se estendia desde a Cel. Genuíno até a Gen. Vasco Alves, sendo que, apenas em 1853, a mesma foi aberta até o Alto da Bronze, ainda em condições precárias. Em 1894, um terreno é comprado pela Intendência a fim de desobstruir o caminho no outro sentido, até a Rua Marechal Floriano Peixoto. Outro dado, que contextualiza o nível social dos habitantes que ocupavam essa área, é o número de economias que possuíam abastecimento de água no local em relação ao número de economias existentes, nem metade das casas estavam ligadas à rede distribuidora³⁸.

De modo geral, quase toda a extensão da encosta sul ainda era formada por fundos de pequenas chácaras que ocupavam o morro. Com o tempo, essas terras foram parceladas novamente, conforme os moldes da Cidade Baixa (bairro contíguo ao Centro pelas terras baixas), já que a maioria dos habitantes era de poucas posses.

³⁸ SPALDING, op. cit. P-59.



Porto Alegre vista das Ilhas -1852. Visual da encosta norte e mais povoada da cidade.



Porto Alegre pelo sul-1852
Ao sul, os fundos de chácaras, já com as ruas transversais que levavam a Praia do Riacho.

Rudolph Hermann Wendroth
Reproduções de aquarela - Acervo Fundação
Biblioteca Nacional.

Fonte imagens: Cartografia Virtual Histórica-Urbana de Porto Alegre. Instituto Histórico e Geográfico do RGS.



Acima, planta da cidade em 1888, invertida (o Norte está para baixo). Em azul, a Rua Gen. Bento Martins; em laranja a Rua Fernando Machado; e em vermelho, a Demétrio Ribeiro, ambas já com o traçado definitivo.

Fonte imagem: Cartografia Virtual Histórica-Urbana de Porto Alegre. Instituto Histórico e Geográfico do RGS.

Esse parcelamento deu origem aos primeiros tipos construídos no local, desde a mais singela casa de porta e janela até os pequenos sobrados. As medidas utilizadas eram em palmos e os lotes decorrentes desse parcelamento apresentavam de 3,3 a 6,6 metros de frente.

Essa forma de parcelamento, somada à irregularidade dos quarteirões gerou lotes de testada estreita e muita profundidade, com as construções no alinhamento. Naturalmente, a consequência morfológica para a cidade, não exclusiva ao estudo de caso deste trabalho, são os miolos de quarteirão, pois grandes áreas nos fundos permaneceram como quintais não edificadas. Enquanto a cidade não estava completamente consolidada, os lotes devolutos (sem construções) eram usados como passagens, encurtando o caminho por entre as quadras maiores e ampliando a acessibilidade dos pedestres.

Uma das principais ruas transversais e das mais antigas da área é a Rua Gen. Bento Martins – antiga Rua do Arroio, que ligava as duas margens desde o velho Cais do Porto até a Praia do Riacho, ao sul. Esta rua teve nomes curiosos de acordo com cada trecho, o que ajuda a identificar as atividades ali localizadas nos primórdios da cidade, como por exemplo, *Rua dos Nabos a Doze* - no trecho entre a Rua Duque de Caxias e a Rua Fernando Machado. Mais abaixo, entre a Rua Duque de Caxias e a Rua Riachuelo, morava o dono de uma casa de molhados e que promovia jogos no seu quintal. Por conta deste morador, o trecho foi chamado de *Beco do Jogo da Bola*. As últimas quadras receberam o apelido de *Rua dos 7 Pecados* ou *Pecados Mortais*, pois ficavam próximas à Praia



Acima, antiga Rua Dom Sebastião, entre a Catedral e o Palácio do Governo. Ali foram demolidos um antigo cemitério e os pátios dos fundos da igreja para construção da Cúria Metropolitana. Hoje existe uma escadaria fechada no local.

Abaixo, a Rua Duque de Caxias com o Solar dos Câmara em primeiro plano. À esquerda, o terreno do Palácio com os restos da demolição do edifício original.



Fonte imagens: Acervo digital do Museu de Porto Alegre. Autor desconhecido.

do Riacho, onde moravam muitas prostitutas³⁹. A Rua Demétrio Ribeiro só surgiu no início do século XIX, numa pequena várzea. Os próprios moradores sugeriram que se destinassem os lotes devolutos no local para abertura da rua – por isso seu primeiro nome foi Rua da Varzinha. Houve resistência pela parte dos proprietários das chácaras e terrenos ali situados. A necessidade da sua abertura era grande, pois com as cheias, a Praia do Riacho se tornava intransitável e essa passagem já era utilizada informalmente pelos habitantes locais.

Outra rua que cortava a Duque de Caxias e possui descrições antigas é a General Portinho, conhecida na época por Rua Bela, devido aos seus passeios e visuais em direção a Rua da Praia. Sobre o lado que levava até a Praia do Riacho, há relatos sobre o esforço das autoridades para impedir que se construíssem casas invadindo seus alinhamentos, para assegurar sua continuidade.

A Rua Gen. João Manoel é outra transversal presente nos relatos mais remotos sobre a área em estudo desde o final dos 1700. Também corta a Duque de Caxias e as outras principais artérias que seguem as cotas de nível longitudinais à colina, vindo desde a Rua da Praia até o alto do morro. Sua abertura, até a Rua Fernando Machado, custou a ser finalizada devido ao abrupto desnível neste trecho. A solução definitiva só surgiu em 1928 com a construção de um elemento que marcou o tecido do bairro – a escadaria e belvedere edificadas por Theodor Wiederspahn em parceria com a família Chaves Barcelos, proprietária dos imóveis localizados no local.

³⁹ FRANCO, Sérgio da Costa. Porto Alegre: Guia Histórico. Porto Alegre. 4ªed. Editora da UFRGS, 2006, pág. 68.



Foto Praia do Riacho, ainda com pequenas casas. No plano de fundo, a antiga Catedral e a Cúria Metropolitana.

Fonte imagem: Acervo digital do Museu de Porto Alegre. Irmãos Ferrari.



Vista desde o Guaíba da encosta sul da colina do Centro. No alto do morro os fundos da Catedral e a frente Cúria Metropolitana. Em meio ao esparsos casario, muita vegetação. Na margem da Praia do Riacho, casas pequenas e de pouco valor.

Fonte imagem: Acervo digital do Museu de Porto Alegre. Autor desconhecido.

A margem do Guaíba, na atual Washington Luiz (antiga Rua Pantaleão Teles e primeiramente Praia do Riacho) permaneceu, em meados do século XIX, como uma área degradada, devido à proximidade com o Gasômetro e o presídio.

Por volta de 1850, os moradores da Praia do Riacho pediram providências para que se parasse com o despejo de dejetos e lixo nas margens do rio. A praia era freqüentada por lavadeiras e havia depósitos de lenha. Logo se tornou uma rua onde se instalaram serrarias, sendo uma das atividades reconhecidas como tradicional no local.

Toda a margem sul concentrou ao longo da história desta parcela urbana as atividades menos nobres da cidade, tornando-se posteriormente, no início do século XX, uma zona de meretrício. A partir do século XIX, o bairro havia se expandido e se consolidado suficientemente, e toda a encosta na direção sul já se encontrava urbanizada.

Planos e Aterros

[Influências do planejamento urbano na configuração morfológica da área]

As antigas margens da Praia do Riacho já não são mais as mesmas: foram se afastando do Centro progressivamente através dos aterros feitos na Praia de Belas. Foram sete fases de aterros até que as margens da cidade alcançassem a forma que possuem hoje.

Até o início do século XX, os aterros não alteraram os contornos do lado sul da colina. O primeiro foi feito para a construção do Mercado Público e



Vista do centro na direção sul, desde a Rua Riachuelo e Bento Martins. O Guaíba ainda exibia uma ampla baía em curva ao longo da Praia de Belas, antes dos aterros que afastaram as margens do rio da área de estudo.

Fonte imagem: Acervo digital do Museu de Porto Alegre. Autor desconhecido.



Acima, vista do casario da Rua Fernando Machado em 1920, detrás do Palácio do Governo. Ao fundo, a praia com a margem natural, ainda sem nenhum dos aterros.

Fonte imagem: BASTOS, [CD-ROM] Porto Alegre - Um Século em Fotografia, 1997.

ampliação do Cais do Porto, originalmente um pequeno trapiche na altura da atual Praça da Alfândega.

Após a Revolução Farroupilha, inicia-se uma fase de pacificação da província e melhoramentos urbanos. Em 1860 é feito o aterro da Praça da Harmonia e da Rua Sete de Setembro, ao norte. Uma pequena faixa de terra foi ampliada para o arruamento da Praia do Riacho na face sul do centro.

Com o Plano de Melhoramentos de Moreira Maciel em 1914, a cidade passa a realizar uma série de medidas para embelezamento, saneamento e modernização. Ruas são abertas, alargadas, e os becos existentes na época são eliminados.

Na década de 1920, o Cais do Porto foi finalmente inaugurado, apesar de ter sido concluído só em 1940. No ano de 1941, Porto Alegre sofre a maior enchente de todos os tempos, inundando as partes baixas da cidade desde os bairros Centro, Cidade Baixa até Navegantes, durante quase três semanas.

Apenas a partir da década de 1950 é que se iniciaram os maiores aterros ao sul, primeiramente no extremo da península. Em 55 e 56, tem início a construção do dique de contenção ao longo de toda a orla do Guaíba, a fim de proteger a cidade de outras possíveis inundações. Essa obra modificou a relação da cidade com as águas, pois devido à baixa cota de nível do Centro, foi necessário erguer um muro entre o Cais Porto e a Avenida Mauá. Saindo do Centro este dique se estende em avenidas elevadas no sentido norte, com a Avenida Castelo Branco, e ao sul, com a Beira Rio.

Centro de Porto Alegre
_orla antes dos aterros



_orla após os aterros



Evolução dos aterros da zona central de Porto Alegre, desde 1888 à 1978.

Fonte imagem: Arquivo Zero Hora. Disponível em: <<http://www.zh.com.br>>. Acesso em: 12 nov. 2008.

Na década de 70 é executado o último aterro na direção sul, configurando o novo contorno do bairro Menino Deus e da Praia de Belas.

Estes aterros que modificaram e afastaram as margens do Guaíba ao sul do centro, permanecem, até hoje, completamente desconectados do bairro. Suas quadras concentram apenas edifícios administrativos e áreas extensas de parque.

Antes da consolidação de todos os aterros citados acima, ainda na primeira metade do século XX, o sudeste do país ingressara numa fase de grande fortalecimento da indústria e as cidades passavam por cirurgias urbanas complexas, inspiradas nos modelos europeus de planejamento. No coração do Centro de Porto Alegre, entre 1930 e 1940⁴⁰, são abertas grandes avenidas, como a Borges de Medeiros, a Otávio Rocha. Foi também nesse período que se consolidaram a Sete de Setembro e a Siqueira Campos. Juntos, a Avenida Borges de Medeiros e a construção do Viaduto Otávio, simbolizaram um marco da transformação da área de estudo. A grandiosa estrutura, com suas arcadas e escadarias, simbolizou a chegada definitiva da modernidade na cidade de Porto Alegre. A Avenida Borges de Medeiros, hoje uma artéria de grande importância na ligação do Centro com a zona sul da capital, não passava antes das obras, de um beco interrompido por um paredão intransponível.

Os anos 1940 marcam o princípio de um processo contínuo de verticalização da cidade e de substituição das tipologias herdadas da cidade antiga. Nesse momento, o Centro de Porto Alegre ainda concentrava todas as

⁴⁰ SOUZA, Célia Feraz de; MÜLLER, Dóris Maria. Porto Alegre e sua evolução urbana. Editora da UFRGS: Porto Alegre, 1997.



Viaduto Otávio Rocha no final da década de 1930.

Fonte imagem: Cartografia Virtual Histórica-Urbana de Porto Alegre. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Acervo do Museu Julio de Castilhos



Avenida Borges de Medeiros na década de 1950 - princípio do processo de verticalização do centro da cidade.

Fonte imagem: Gilberto Simon. Disponível em: <<http://www.portoimagem.com>>. Acesso em 12 nov. 2008.

principais atividades urbanas, apesar da crescente expansão da cidade na direção norte. Naturalmente, a zona mais valorizada foi novamente alvo do processo de verticalização, e os primeiros arranha-céus foram construídos na face norte da colina, na Avenida Borges de Medeiros e Rua dos Andradas.

Em poucas décadas, na segunda metade do século XX, o processo de verticalização se acentuou. Os antigos alinhamentos que abrigavam sobrados deram lugar a novos edifícios, cada vez mais altos. O comércio crescia, permeado pelos grandes bancos, nesta face da colina voltada para o Cais do Porto. Apesar de toda efervescência econômica, a face sul do Centro, pouco progredia, e como em quase todas as cidades brasileiras, sua preservação decorreu desta estagnação.

Enquanto os aterros afastaram as margens do Guaíba, os planos diretores foram responsáveis pelas mudanças tipológicas da área. A transformação e sobreposição dos tipos arquitetônicos no bairro, incluindo o processo de verticalização das edificações, tiveram influência direta dos regimes urbanísticos de cada período.

Após o Plano de Melhoramentos, Edvaldo Pereira Paiva e Luiz Arthur Ubatuba de Farias realizaram um estudo⁴¹ que previu alterações viárias fora do perímetro da área em estudo, incluindo o traçado da Av. Farrapos e o túnel sob a Av. Independência.

⁴¹ As Linhas Gerais do Plano Diretor - Contribuição ao Estudo de Urbanização de Porto Alegre (1935/1937).



O Plano Gladosh de 1943, já previa as transformações viárias que modificariam o traçado da cidade de Porto Alegre. Foi uma proposta basicamente viária, mas que ressaltava também a necessidade de zoneamento urbano.

Fonte imagem: Secretaria de Planejamento Municipal. Disponível em: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br>>. Acesso em 16 fev. 2009.

Abaixo, edifício *art-decô*, na Av. Borges de Medeiros, próximo ao Cine Capitólio. Fonte imagem: Foto da autora, 2009.



Em 1943, o Município desenvolveu com o urbanista Arnaldo Gladosh, um plano que se limitava aos traçados e ainda não propunha afastamentos laterais entre as edificações, o que não implicou em mudanças radicais nas novas construções da área.

Até a implantação do primeiro Plano Diretor e do Código de Obras, em 1959, a cidade continuou a se construir junto aos alinhamentos.

Com o Plano de 1959, se aplicou de fato o afastamento nas divisas laterais e recuo de fundos para as novas construções. Fator este, determinante para as mudanças que vieram, nas décadas seguintes, a desfigurar os alinhamentos da cidade antiga, inserindo tipos modernos em tecidos urbanos densos e de parcelamento incompatível para tais modelos.

Inspirado na Carta de Atenas e nos cânones modernistas, o plano vinha repleto de questionáveis boas intenções, como sanar a insalubridade das antigas construções. Objetivando o edifício sobre “pilotis”, o plano definiu novos regimes urbanísticos de modo generalizado e com afastamentos laterais obrigatórios. O plano chegou a sugerir que os terrenos em que os afastamentos laterais impedissem o seu devido aproveitamento para novas edificações, fossem desapropriados - incoerência que não chegou a acontecer de fato, mas que demonstra o prejuízo do planejamento desatento para as exceções existentes na própria cidade.

São incluídas vagas de estacionamento como item obrigatório para os projetos, e as novas taxas de ocupação, alturas máximas e índices construtivos de aproveitamento dos lotes passam a ser aplicados para os novos edifícios. Os



O Plano Diretor de 1959, desenvolvido por Edvaldo Paiva, fixou normas de acordo com os zoneamentos propostos pela Carta de Atenas. As zonas seguiam as funções urbanas de habitação, trabalho, lazer e circulação. Segundo Andrea Machado, foi este plano que aplicou a utopia moderna no planejamento da cidade de Porto Alegre. Neste plano entra a faixa sul de aterros, ao longo de toda a Avenida Praia de Belas. O plano propunha para a faixa hoje ocupada pelo Parque Harmonia, seguido do Parque Marinha do Brasil, um bairro planejado que chegava quase às margens do Rio Guaíba.

Fonte imagem: Secretaria de Planejamento Municipal. Disponível em: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br>>. Acesso em 16 fev. 2009.

recuos de ajardinamento também aparecem neste plano, reforçando o incentivo a construção de edifícios afastados do alinhamento antigo. Os tipos de edifícios passam a ser determinados pela sua área e pela testada do lote. A especulação imobiliária passa a influenciar mais diretamente a construção da cidade através do remembramento de lotes, modificando o ritmo das fachadas, a continuidade e o alinhamento das construções ao longo dos quarteirões.

O plano de 1979 propõe um novo zoneamento geral para a cidade com três zonas principais: Área de Ocupação Intensiva, Área de Ocupação Extensiva e Área Rural. O Centro, ou melhor, praticamente toda a cidade de Porto Alegre, ficou contida na primeira área de ocupação intensiva, que foi subdividida em unidades menores com índices específicos. Permaneceu o uso de pilotis e as sacadas aparecem com maior força, já que contam como área isenta na contabilização dos índices construtivos. Os afastamentos laterais são mantidos e o recuo frontal passa a ser obrigatório em novas edificações. Os pilotis que deveriam ser abertos e integrados ao passeio público, tornam-se estacionamentos privativos ou pátios privados gradeados, imagem distante dos ideais modernos que propuseram os edifícios sobre um espaço fluído e público da cidade.

Em 1993 a delimitação das Áreas de Interesse Público, Urbanístico e Ambiental determina maior variação para os índices construtivos por zona.

Um novo pavimento de transição é colocado entre o pilotis e o corpo do edifício para instalação de atividades condominiais nas construções de uso misto com térreo comercial.



Edifícios residenciais na Rua Duque de Caxias, com recuos frontais e isentos de recuos laterais, posteriores ao Plano de 1959.

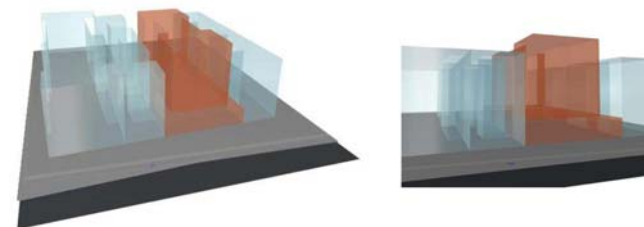


Edifícios residenciais na Rua Duque de Caxias, já com os recuos laterais e pavimento térreo com pilotis construídos posteriormente ao plano de 1979.
Fonte imagens: Cristiano Kunze, 2009.

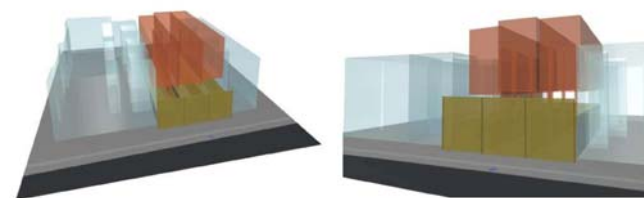
O atual Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental entrou em vigor em 2000, com uma visão mais estratégica para a cidade. No bairro, ainda são poucas as construções que seguiram o regime urbanístico implantado após o ano 2000, que, apesar de abrir maior possibilidade para a exceção através do EVU (Estudos de Viabilidade Urbanística), ainda estão baseados numa volumetria resultante da aplicação máxima do índice construtivo, taxa de ocupação e recuos obrigatórios. O EVU seria um avanço na questão de proteção da paisagem urbana, se bem avaliado, já que obriga a aprovação dos projetos por uma comissão específica para julgar o impacto que as novas construções podem causar tanto à cidade, aos seus fluxos e ao patrimônio edificado.

No que diz respeito aos recuos frontais em ruas antigas, como na área de estudo, é permitido que as novas edificações sigam junto os antigos alinhamentos, mantendo a continuidade dos mesmos. A forma como se deu a evolução urbana da área do estudo de caso deste trabalho ajuda a compreender a origem de tantos contrastes e irregularidades morfológicas. Apesar da aparente e desordenada acumulação de tipos e volumetrias, o planejamento foi um dos principais responsáveis pela imagem heterogênea no Centro da cidade, ao determinar o mesmo regime urbanístico para zonas repletas de pré-existências históricas e áreas de ocupação mais recente. Sem dúvida, e o próximo capítulo demonstra isso, as mudanças de estilos e novos paradigmas arquitetônicos também contribuíram com esta heterogeneidade, dificultando ou ocultando a percepção dos elementos locais de destaque.

As imagens abaixo mostram duas simulações apresentadas no TFG da autora, desenvolvido sobre a zona residencial do Centro de Porto Alegre.



Acima, simulações da aplicação dos regimentos urbanos do PDDUA para um empreendimento hipotético sobre três lotes, hoje um conjunto de três casas ecléticas, existentes na Rua Cel. Fernando Machado. O plano não considera a existência das mesmas e aprovaria sem nenhum questionamento as demolições para construção de uma tipologia de torre sobre base com 75% de ocupação do solo.



Acima, outra simulação, aplicando exatamente o mesmo índice construtivo e mantendo as fachadas como base da edificação, sobre pilotis intermediário. A proposta ainda colocava a possibilidade do uso das fachadas descaracterizadas para os acessos de estacionamento. Além de levar em consideração as pré-existências, a simulação de volumetria já induz a valorização das fachadas antigas e descolamento do volume novo sobre estas.

Fonte imagens: Arquivo da autora.

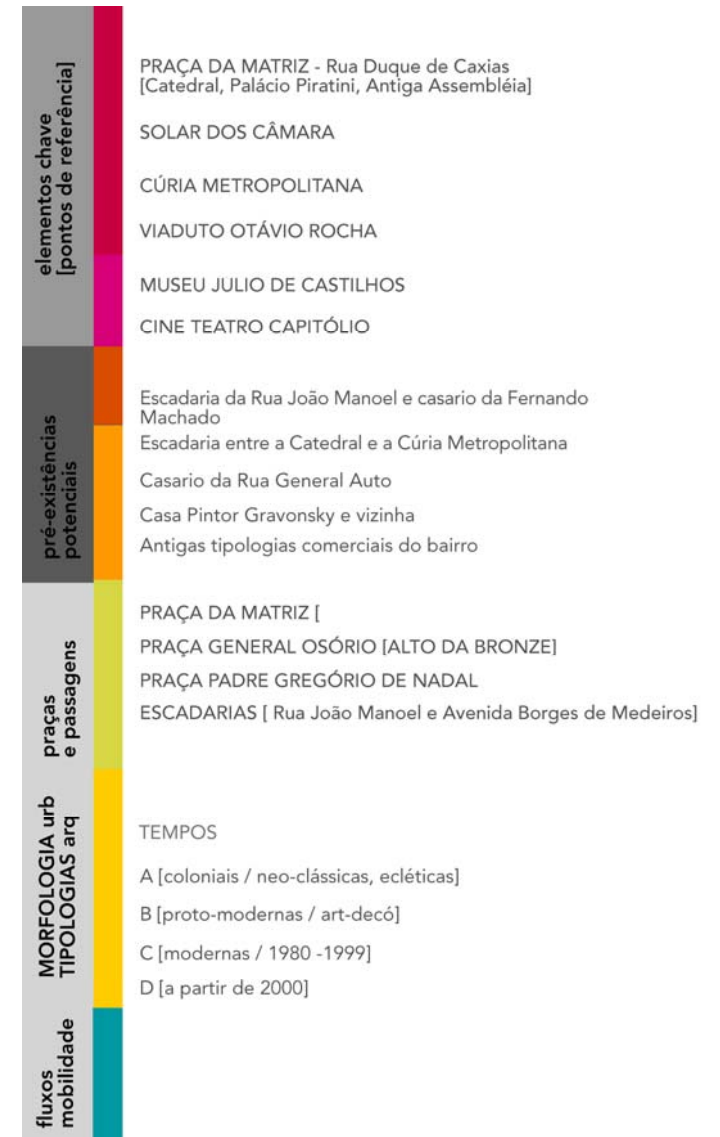
4.3 _ SITUAÇÃO ATUAL DO ESTUDO DE CASO : ZONA RESIDENCIAL DO CENTRO DE PORTO ALEGRE

A análise morfológica e tipológica da parcela urbana em estudo está baseada em levantamentos cadastrais realizados nos anos de 2002 e de 2008 na zona residencial do Centro de Porto Alegre.

O histórico da parcela e os levantamentos feitos *in loco* na área possibilitaram que as análises, morfológica e tipológica, se complementassem. Trata-se de um local de interesse histórico e cultural, portanto as análises buscam relacionar a sua situação atual com a origem dos fatos urbanos, a fim de melhor compreender a situação resultante desses fatores.

Segundo, Lynch⁴² a imagem de uma cidade pode ser analisada através do reconhecimento dos seus elementos marcantes, sendo que nenhum destes elementos existe isoladamente em situação concreta, sendo inevitável a sua sobreposição e interpretação.

⁴² "Parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de muitas imagens individuais. Ou talvez exista uma série de imagens públicas, cada qual criada por um número de cidadãos." LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.51.
Os elementos definidores da imagem da cidade, segundo Lynch, são:
Vias – canais de circulação (ruas, avenidas, passagens),
Limites – elementos lineares, barreiras (avenidas movimentadas, ferrovias, lagos),
Bairros - regiões com características comuns que o identificam em relação à cidade,
Pontos nodais – cruzamentos, uma esquina ou um ponto focal que constitua um núcleo polarizador.
Marcos – outro tipo de ponto de referência, um elemento físico indicador de identidade.



A situação atual do estudo de caso foi dividida nos seguintes pontos, levando em consideração seus lugares mais relevantes:

- _ elementos chave e pontos de referência
- _ pré-existências potenciais
- _ morfologia urbana e tipologias arquitetônicas
- _ praças e espaços públicos

Tratando-se da análise de uma parcela urbana, aqui os elementos de Lynch são traçados numa outra escala e interpretados de acordo com a história do lugar dentro de categorias reconhecidas como de destaque no contexto do bairro. A análise descritiva é sensível às potencialidades peculiares locais, tomando como suporte para a definição destes elementos de destaque o conceito de lugar em arquitetura e urbanismo, que segundo Castello⁴³, seria um espaço percebido como detentor de qualidades, ou seja, pela valorização deste por atributos de natureza material e imaterial.

Além da descrição dos elementos marcantes da Zona Residencial do Centro de Porto Alegre, o trabalho analisa a morfologia urbana do local, seus traçados e volumetrias, seguido de um panorama dos tipos encontrados na área divididos por períodos de tempo.

Os espaços públicos foram colocados em pontos distintos, separando as praças das vias, para que estas fossem analisadas junto aos fluxos dentro da parcela.

⁴³ CASTELLO, Percepção de Lugar. Porto Alegre. PROPAR-UFRGS, 2007, p.12.

Elementos chave e pontos de referência

Segundo Lineu Castello⁴⁴, o conceito de urbanidade está relacionado aos atributos gerados pelo ambiente construído e às experiências existenciais que nele se passam ao longo do tempo. Esse conceito está ligado à pluralidade e capacidade gregária que o espaço urbano pode oferecer, propiciando as trocas culturais e sociais da vida cotidiana. Dentro deste contexto há pontos de destaque, edifícios ou lugares que podem ser chamados de elementos chave ou pontos de referência, pois são reconhecidos por todos os moradores e visitantes do bairro.

Aldo Rossi⁴⁵ também relaciona a idéia de monumento ao fato urbano, aos eventos relacionados a cada lugar. Segundo Rossi, a história e a memória de cada lugar contribuem para que os monumentos ou determinados espaços mantivessem sua importância e significado dentro da cidade ao longo dos tempos.

No caso da área em estudo, nem todos os pontos de referência se constituem de monumentos. Os elementos chave, aqui destacados, são edifícios e lugares que remetem diretamente à história de Porto Alegre e do bairro, todos ligados a sua memória material e imaterial.



Vista de uma típica calçada de pedras portuguesas em frente à Catedral e o Palácio Piratini na Rua Duque de Caxias junto à Praça da Matriz. Este mesmo tipo de calçamento é comum às praças mais antigas de Porto Alegre e sua imagem está diretamente ligada à hierarquia e importância destes locais.

Fonte imagem: Foto da autora, 2009.

⁴⁴ CASTELLO, Percepção de Lugar. Porto Alegre. PROPAR-UFRGS, 2007, p.29.

⁴⁵ ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da Cidade*. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

Elementos chave e pré-existências potenciais



- elementos-chave
- ① Praça da Matriz [Catedral + Palácio Piratini + Antiga Assembléia]
- ② Solar dos Camara
- ③ Cúria Metropolitana
- ④ Viaduto Otávio Rocha
- ⑤ Museu Júlio de Castilhos
- ⑥ Alto da Bronze [Praça General Osório + Castelinho]
- ⑦ Antigo Cine Teatro Capitólio

- pré-existências potenciais + outros exemplares arquitetônicos de valor histórico
- ⑧ Escadaria da Rua João Manoel + casario da Rua Fernando Machado + Mansão Chaves Barcelos
- ⑨ Escadaria entre a Catedral e a Cúria Metropolitana
- ⑩ Casario da Rua General Auto
- ⑪ Casa Pintor Gravovsky e vizinha
- ⑫ Antigas tipologias comerciais do bairro

área de estudo

Praça da Matriz [Catedral _ Palácio Piratini _ Antiga Assembléia]

A Praça da Matriz é um dos elementos chave do bairro, um lugar de valor e reconhecimento inquestionáveis. É um espaço público que passou por diversas transformações ao longo da evolução urbana de Porto Alegre e mesmo assim manteve a essência da sua identidade - o centro cívico da cidade. Ponto de referência para os habitantes de dentro e de fora do bairro, desde as origens da cidade, a praça carrega grande parte da história de Porto Alegre e sempre se apresentou como um lugar da urbanidade, um espaço público de grande vitalidade durante toda a sua existência.

Grande parte do patrimônio arquitetônico e urbanístico de Porto Alegre se localiza no entorno imediato da Praça da Matriz. Na Rua Duque de Caxias, uma seqüência significativa de edificações configura uma das principais fachadas da praça, com a Catedral, o Palácio Piratini e a antiga Assembléia. Este conjunto histórico possui um único edifício do período da formação de Porto Alegre – a antiga Assembléia - hoje restaurada como Memorial da Assembléia, que preserva o estilo colonial com adornos neoclássicos originais.

A Catedral, com projeto vindo da Itália, das oficinas do Vaticano, foi construída para substituir a edificação original em estilo colonial, num barroco singelo, mas autêntico. A nova construção, dotada de maior imponência e menor valor arquitetônico, só ficou pronta da década de 80 do século passado. Sua enorme cúpula ainda hoje pode ser visualizada de quase todo o bairro em meio aos altos edifícios, um marco definitivo na paisagem do Centro de Porto Alegre.



Foto atual da Catedral Metropolitana, localizada na Rua Duque de Caxias em frente à Praça da Matriz.

Fonte imagem: Foto Cristiano Kunze, 2009.



Vista da Catedral e do Palácio Piratini, voltados para face norte do centro da cidade

Fonte imagem: Foto da autora, 2009.

O Palácio Piratini, em estilo eclético com fortes referências a arquitetura neoclássica francesa, foi projetado por um francês inspirado no *Petit Trianon* de *Versailles* na França. A obra que substituiu a antiga sede do governo teve início em 1909, sendo concluída em 1921. Atrás da sede governamental do estado, foi edificada a Casa do Governador junto aos jardins do Palácio.

Nos outros quarteirões que ladeiam a Matriz, independente de estarem fora da delimitação proposta nesta área de estudo, cabe destacar a presença dos edifícios da atual Assembléia Legislativa e Palácio da Justiça. Ambos os edifícios são exemplares da arquitetura moderna que contribuem para a atmosfera de diálogo entre as diversas tipologias construídas na praça desde sua fundação.

Na Rua Riachuelo no lado oposto em frente ao Palácio, o Teatro São Pedro, presente desde 1860 na praça, é um dos teatros antigos mais bem ornamentados do país. O Teatro São Pedro já possuiu um vizinho quase idêntico, a antiga Câmara Municipal, onde hoje fica o Palácio da Justiça. Ao lado do teatro num terreno junto ao Arquivo Público, se localizam as obras do futuro Complexo Multipalco. O anexo do Teatro São Pedro foi fruto de um concurso público nacional de projetos de arquitetura, e em março de 2009, inaugurou a Concha Acústica do complexo. Este novo equipamento é um exemplo de projeto que utiliza o potencial das pré-existências e dos miolos de quarteirão, agregando novas passagens ao tecido do bairro junto à atividades culturais.

A outra face da praça possui exemplares de diversos momentos da cidade, sendo o Forte Apache, da segunda metade do século XIX, o mais significativo, e que hoje restaurado, abriga o Memorial do Ministério Público. No mesmo



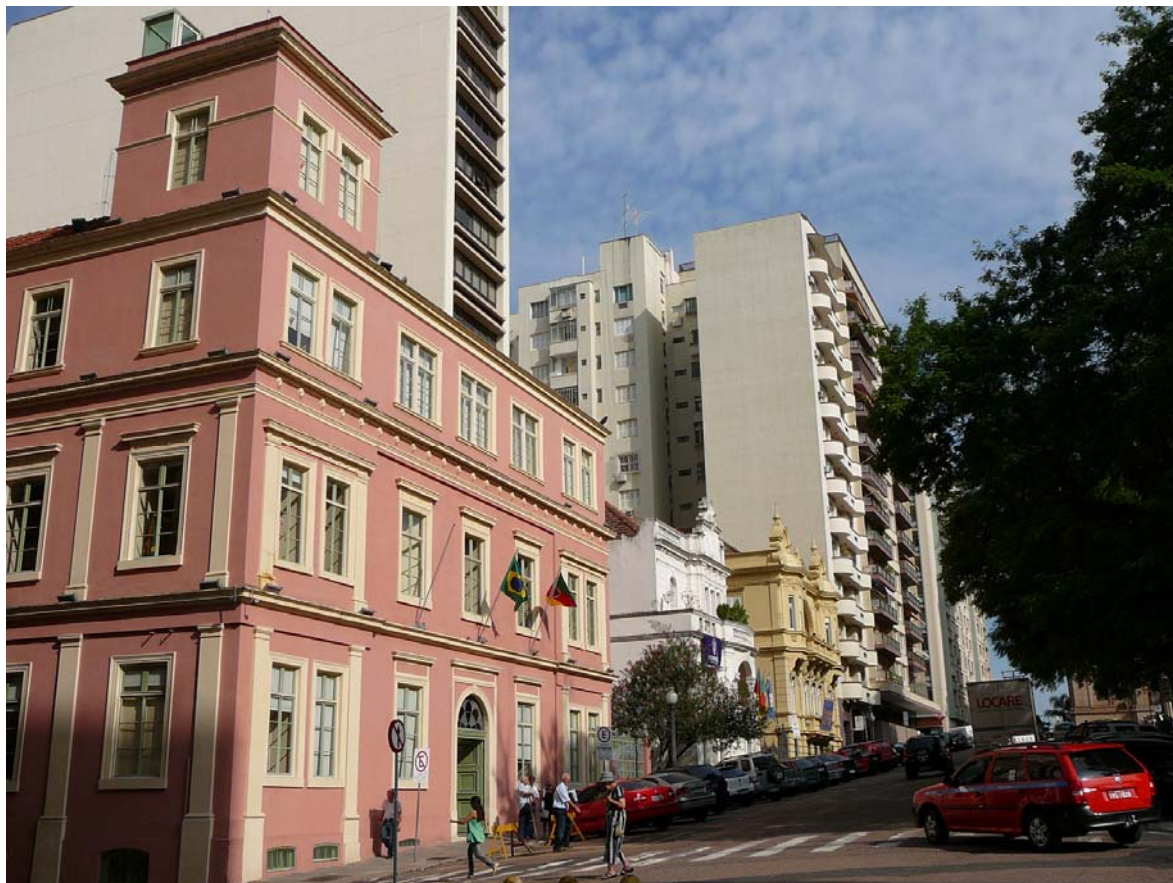
Ao lado do Palácio Piratini, o edifício da antiga Assembléia Legislativa, o mais antigo de todo o entorno, foi recém restaurado, mas ainda não está aberto ao público para visitação.



Atual Assembléia Legislativa com sua esplanada em terraço estabelece um diálogo entre o edifício moderno e a praça.

Fonte imagem: Fotos da autora, 2009.

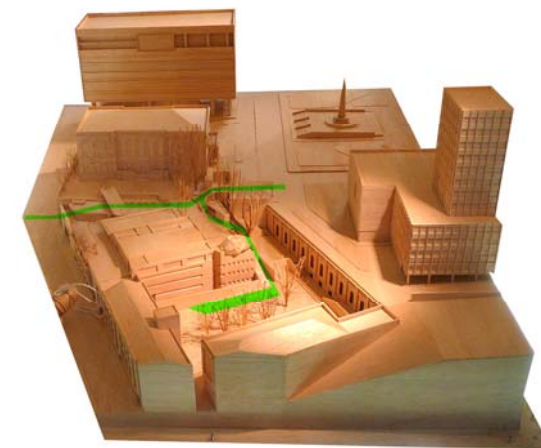
quarteirão, dois palacetes ecléticos colocados no mesmo alinhamento dão uma idéia de como todo o entorno foi no momento em que a Duque de Caxias e a Praça da Matriz concentravam as residências mais nobres da capital no princípio do século XX.



Fachadas de diferentes épocas lado a lado em frente à Praça da Matriz. Em primeiro plano o atual Memorial do Ministério Público, mais adiante no mesmo alinhamento, os dois palacetes. Próxima à esquina da Rua Duque de Caxias, os edifícios altos do século XX, de mesmo gabarito, mas construídos em décadas distintas.



Teatro São Pedro e Palácio da Justiça na direção norte da Praça da Matriz.



Maquete do Complexo Multipalco, anexo do TSP, projeto do arquiteto Julio Colares e equipe. Em verde, as demarcações das passagens em meio ao quarteirão do Teatro e Arquivo Público Municipal, desde a Praça da Matriz.

Fonte imagens: Fotos da autora, 2009.

Solar dos Câmara

Dentre os edifícios de valor arquitetônico e histórico, ainda pode-se incluir, como elemento chave da área de estudo, o Solar dos Câmara, residência mais antiga da Rua Duque de Caxias. O imóvel, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, abriga uma biblioteca e escola ligada à Assembléia Legislativa. Além das atividades de visitação turística, pesquisa e a escola do Legislativo, o Solar oferece programas para atrair a comunidade há aproximadamente cinco anos, como saraus musicais e outros eventos. Antigamente se podia chegar até a Rua Riachuelo através de uma passagem pública entre o Solar e a Assembléia. A passagem tem ligação com o pátio do Arquivo Público Municipal, desde o jardim do Solar, e foi tomada como privada pelo seu antigo proprietário – o Visconde de São Leopoldo - desde a sua construção. Os jardins e passagens presentes no Solar constituem uma interessante ocupação de miolo de quarteirão.

Cúria Metropolitana

Localizada nas imediações da praça, no mesmo quarteirão do Palácio, esse edifício de grande porte, datado de 1865-1888, abriga até hoje a Cúria Metropolitana, atrás da Catedral e com frente para Rua Fernando Machado e Espírito Santo. O edifício de grande imponência se volta completamente para um pátio interno, sendo que sua interface com os passeios são muros altos que protegem um acervo de registros civis desde a sua construção.



Fachada principal do Solar dos Câmara na Rua Duque de Caxias. O casarão do Solar possui um pátio interno que tem ligação com o pátio do Arquivo Público Municipal, porém o acesso a passagem encontra-se fechado.

Fonte imagem: Foto da autora, 2009.



Cúria Metropolitana, fachada da Rua Fernando Machado.

Fonte imagem: Foto Cristiano Kunze, 2002.

Viaduto Otavio Rocha

Saindo das adjacências da praça, outro elemento construído possuiu forte significado e importância para a área em estudo e para cidade - o Viaduto Otávio Rocha, inaugurado em 1932⁴⁶. Localizado na Avenida Borges de Medeiros, com uma ponte na Rua Duque de Caxias, a construção é um monumento considerado marco da modernidade em Porto Alegre e uma das imagens mais fortes na paisagem do bairro. Para quem vem da zona sul da cidade, o viaduto funciona como um portal de acesso ao centro, e antigamente simbolizava a saída da cidade em direção às praias e chácaras. Uma fenda foi literalmente aberta no morro para que a construção fosse feita onde antes um trecho do morro impedia a ligação mais direta do centro com a zona sul. As quatro escadarias do viaduto foram apoiadas sobre arcadas, e o conjunto destas cria um ambiente de corredor coberto único no passeio da Avenida Borges de Medeiros. Sua ornamentação em estilo neoclássico, um tanto tardio, foi projetada também com iluminação integrada às balaustradas nas escadarias e estatuário sob a ponte da Rua Duque de Caxias. Sua pavimentação em ladrilhos com desenhos geométricos já foi completamente restaurada, apesar da aparente má conservação atual. O Viaduto Otávio Rocha é um ponto apreciado tanto por habitantes como por turistas, os quais se fotografam diariamente na ponte belvedere. Dessa ponte, se vê uma das perspectivas mais emblemáticas da cidade- a Avenida Borges de Medeiros, com

⁴⁶ SOUZA, Célia Feraz de; MÜLLER, Dóris Maria. Porto Alegre e sua evolução urbana. Editora da UFRGS: Porto Alegre, 1997, p. 85.



Vista do Viaduto Otávio Rocha desde a Rua Duque de Caxias, na direção norte.

Fonte imagem: Foto Cristiano Kunze, 2009.



Escadarias do viaduto na direção do centro da cidade.



Escadarias do viaduto na direção da zona sul de Porto Alegre.

Fonte imagem: Fotos da autora, 2009.

as arcadas do viaduto em direção ao centro, com sua linha sinuosa de edificações se curvando à luminosidade rosácea da paisagem.

Suas escadarias também possibilitam a continuidade do passeio do pedestre desde a Rua Duque de Caxias na direção sul até a Rua Fernando Machado, e, ao norte, até a Rua Jerônimo Coelho.

Atualmente o Viaduto Otávio Rocha encontra-se numa situação de abandono e grande degradação física. Um paradoxo se levado em consideração os pouquíssimos anos de sua completa restauração em 2001.

Alto da Bronze

Nem só de edifícios históricos e grandes obras se constrói o patrimônio e a memória de um bairro. Um exemplo curioso da zona é um dos espaços públicos mais presentes no patrimônio imaterial desta área da cidade - o Alto da Bronze.

Nem monumento, nem edifício histórico, o Alto da Bronze pode ser classificado segundo Lineu Castello, como um lugar da memória⁴⁷. Trata-se de uma praça e seus arredores, localizados na última parte elevada da crista da colina da Rua Duque de Caxias, onde antigamente morava uma prostituta de renome e uma das figuras mais importantes do bairro na época. Próximo desta pracinha, uma construção chama atenção e faz parte dos elementos que se destacam no tecido urbano da área, também pelos fatos que lá se passaram – o Castelinho do Alto do Bronze. Esta construção dos anos 40 envolve uma das

⁴⁷ Segundo Castello, lugares da memória são os locais representativos não apenas pelos seus atributos físicos, mas principalmente pelos fatos e pessoas associadas a estes locais. CASTELLO, op. cit. P-75, p. 21.



Praça do Alto da Bronze, hoje toda gradeada, abriga um jardim de infância municipal e uma quadra poliesportiva.



Castelinho do Alto da Bronze, na esquina da Rua Fernando Machado com a Gen. Vasco Alves.

Fonte imagem: Fotos da autora, 2009.

lendas mais tradicionais do Centro de Porto Alegre. Dizem que foi construído por um homem ciumento que ali aprisionou a sua mulher durante anos.

Museu Júlio de Castilhos

De alta relevância patrimonial, tanto pelas edificações quanto pelo acervo, o Museu Júlio de Castilhos é outro ponto de referência que pertence à zona residencial do Centro de Porto Alegre. Localizado na Rua Duque de Caxias, a meio quarteirão da Catedral, a casa onde viveu Júlio de Castilhos, construída em 1887, tornou-se um museu em 1909. Em 1975, o casarão vizinho foi anexado ao conjunto e ambos abrigam hoje peças de indumentária, armamentos entre outros itens de valor histórico para o Rio Grande do Sul.

Cine Teatro Capitólio

Edifício eclético construído em 1928, no momento áureo dos cinemas de rua da cidade, pelo engenheiro Domingos Rocco, o Cine Capitólio abrigava uma sala considerada grande e maquinário moderno para época, além de oferecer apresentações de balé e teatro. Até a década de 1960, foi palco de inúmeros carnavais e concursos, sendo um ponto de alta movimentação cultural na cidade. Com o declínio das salas de cinema de rua, o Capitólio entrou em decadência, sendo fechado em 1994 após um incêndio. Mesmo em péssimo estado de preservação, o edifício havia sido listado em 1979 como bem de interesse histórico e cultural no Plano Diretor. Em 2006, o edifício foi tombado pelo Estado e hoje aguarda por equipamentos para finalmente se reaberto ao público.



Acima, os dois casarões que abrigam o Museu Júlio de Castilhos na Rua Duque de Caxias, entre o Viaduto Otávio Rocha e a Praça da Matriz.
Fonte imagem: Foto Cristiano Kunze, 2009.



Acima o Cine Teatro Capitólio, futura Cinemateca Capitólio.
Fonte imagem: Foto da autora, 2009.

_Pré-existências potenciais

São lugares de interesse histórico e cultural, os quais, se tomados como oportunidades, podem contribuir tanto para a cidade quanto para os setores privados. Trata-se de pequenos conjuntos ou exemplares arquitetônicos localizados em diversos pontos da zona residencial do Centro de Porto Alegre (ver mapa página 77). O reconhecimento destas pré-existências pode auxiliar na definição de estratégias para ocupação de miolos de quarteirão adjacentes aos exemplares de valor histórico.

Escadaria da Rua João Manoel e casario da Fernando Machado

Obra arquitetônica da primeira metade do século XX, já citada na evolução urbana do bairro - a escadaria da Rua João Manoel é, sem dúvida, uma pré-existência potencial. A mesma não foi incluída como um elemento chave devido a pouca abrangência do seu reconhecimento, que hoje se limita aos habitantes do bairro, não representando, por enquanto, um ponto de referência para os visitantes que desconhecem as peculiaridades do local.

Este elemento, escondido no meio de um grande quarteirão, é continuação de uma rua sem saída para os automóveis, vencendo, com a escadaria, a topografia acidentada entre as Ruas Duque de Caxias e Cel. Fernando Machado. Este conjunto pode ser tomado como um dos maiores espaços potenciais desta zona, não apenas pela própria escadaria, mas também pelo conjunto de atributos ali presentes. A escadaria e o belvedere fazem parte



Fachada do casario na Rua Cel. Fernando Machado, pertencente ao conjunto construído pela família Chaves Barcelos.



Vista da escadaria que conecta a Fernando Machado à Duque de Caxias no alto no morro.

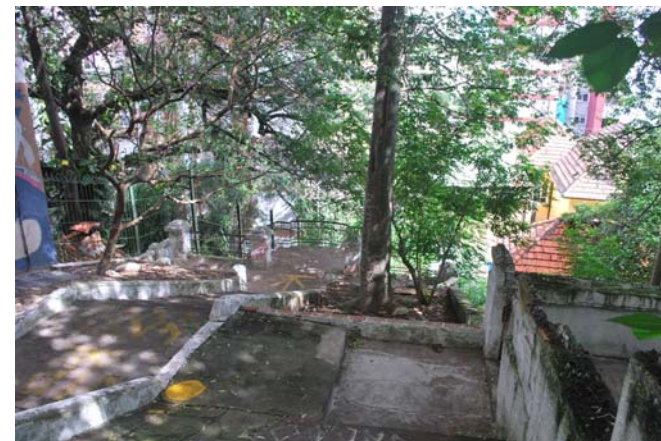
Fonte imagens: Fotos Cristiano Kunze, 2009.

de um significativo conjunto arquitetônico que também inclui o casario construído na Rua Fernando Machado pela construtora de Theo Wiedersphan, com contribuição da família Chaves Barcelos, já que o empreendimento foi feito sobre um terreno de sua propriedade. No alto da Rua Gen. João Manoel, esquina com a Duque de Caxias, encontra-se a mansão da família Chaves Barcelos, lembrando o momento em que a rua abrigava a alta burguesia de Porto Alegre. Além dos exemplares arquitetônicos, este quarteirão é um dos que possui maior espaço livre no seu interior, tanto atrás do casario quanto nos jardins da mansão. Mais um terreno livre na Rua Duque de Caxias e brechas nesta quadra reforçam que há espaço para futuras intervenções.

O lugar pode não ser mais o mesmo belvedere de antigamente, mas ainda é possível cruzar a escadaria e ver os telhados do casario desde a Duque de Caxias. Apesar de plenamente aberta ao público, o acesso é hoje limitado pela sensação de insegurança, já que o local encontra-se degradado e não está integrado a nenhum tipo de atividade capaz de animar o local.

Escadaria da Catedral e Cúria

Entre a Catedral e o Palácio Piratini, existe outra escadaria, construída no local onde antes uma rua ligava a Rua Duque de Caxias até a Rua Fernando Machado. Construída em harmonia com a nova Catedral, este elemento edificado para vencer um desnível tão íngreme quanto no trecho da João Manoel na direção sul, suas estruturas são intercaladas por patamares e terraços. Há uma



Vista do antigo Belvedere no centro da escadaria da Rua João Manoel, hoje com as visuais tomadas pela vegetação que cresceu indiscriminadamente no local.



Mansão Chaves Barcelos, atualmente desocupada, permanece fechada há décadas sem uso algum.

Fonte imagens: Fotos Cristiano Kunze, 2009.

colunata que sustenta um primeiro terraço. Outro, o principal, dá acesso à cripta da Catedral Metropolitana e possui pisos ornamentados em pedras portuguesas.

Estes espaços potenciais, antes plenamente integrados a cidade, exerciam interessante relação entre o público e o espaço institucional da Cúria Metropolitana. A sobrevivência e principalmente a reintegração destes espaços à cidade deve considerar a possibilidade de revitalização das conexões pelo meio dos quarteirões agregando outros tipos de uso às passagens. Hoje, não apenas a escadaria encontra-se isolada e sem acesso, como foram recentemente colocadas cancelas no trecho de rua entre o Palácio Piratini e a Catedral Metropolitana, impedindo o acesso ao belvedere nos altos da Duque de Caxias.

Casario General Auto

Uma seqüência de casas geminadas pode ser apreciada nos conjuntos na Rua General Auto, num quarteirão entre a Cel. Fernando Machado e a Demétrio Ribeiro. Num lado da rua, o conjunto em estilo eclético de três pavimentos, configura a esquina do quarteirão, numa variação tipológica do mesmo conjunto. Apesar da parcial descaracterização das fachadas, em volumetria, o conjunto encontra-se preservado. Este casario tem continuidade num segundo trecho de sobrados do início do século XX até a Rua Demétrio Ribeiro. No outro lado da mesma rua, casas simples de porta janela lembram a Porto Alegre colonial, com suas fachadas singelas no alinhamento e calçadas estreitas. Esta quadra, com casarios significativos contribui, para remontar num pequeno trecho do bairro,



Patamar intermediário da escadaria entre a Catedral e o Palácio Piratini. O local pertence à Cúria Metropolitana e dá acesso a um espaço que ocasionalmente é alugado para eventos privados.



Vista do casario eclético da Rua General Auto, esquina com a Rua Cel. Fernando Machado.

Fonte imagens: Fotos Cristiano Kunze, 2002.

uma amostra da escala da cidade figurativa que um dia predominou em toda área.

Casario Fernando Machado no Alto da Bronze

Localizado também na Rua Cel. Fernando Machado, próximo ao Alto da Bronze, este conjunto abriga sete casas, sendo duas destas, geminadas com adornos ecléticos do princípio do século XX. Os exemplares com fachadas do tipo porta e janela, apesar de descaracterizadas, são construções do final do século XIX. No mesmo trecho da rua, outras casas e pequenos conjuntos podem ser encontrados, algo comum em toda a área de estudo.

O mapa da localização das pré-existências potenciais ajuda a compreender o quão rico é o acervo do bairro, principalmente se considerarmos que aqui se preservaram não apenas os monumentos, e sim partes do tecido urbano em diversos retalhos.

O antigo comércio do bairro

São imóveis pontuais dispersos pelo bairro, sendo que alguns ainda preservam o uso comercial. São edificações com as mesmas características arquitetônicas das antigas vendas e armazéns presentes no bairro desde sua origem. Na sua maioria, são casas de esquina, com grandes portas-janelas nas fachadas – um registro de como a permeabilidade e acesso franco eram valores primordiais na pequena cidade do século XIX.



Trecho da Fernando Machado próximo ao Alto da Bronze ainda preserva conjunto de casas do final do século XIX e princípio do século XX .



Edifício de esquina com portas em todas as fachadas na Demétrio Ribeiro, típica tipologia comercial do século XIX e princípio do século XX.
Fonte imagens: Fotos da autora, 2009.

É possível encontrar desde imóveis coloniais com adornos neoclássicos até exemplares ecléticos nesta mesma tipologia. Os mais antigos possuem um único pavimento e portas voltadas para as duas ruas.

_Morfologia urbana e tipologias arquitetônicas

Depois de reconhecidos os pontos de destaque e o conteúdo potencial físico edificado da área de estudo, o trabalho se debruça sobre as suas relações morfológicas. Segundo Panerai, os tecidos urbanos são constituídos de três conjuntos: as redes de vias, o parcelamento fundiário e as edificações.

“Essa definição põe em evidência os elementos que permitem que as diferentes partes da cidade evoluam, ao mesmo tempo em que são mantidas a coesão de conjunto e clareza de sua estrutura. Ela se aplica tanto aos tecidos antigos – fortemente marcados pela sedimentação histórica – como aos setores de urbanização mais recente., onde a constituição do tecido se apresenta, em geral, em um estágio inicial, sob uma forma ainda embrionária.”⁴⁸

Panerai afirma que a análise de uma malha urbana depende não apenas da identificação destes conjuntos, mas do reconhecimento de sua lógica particular e suas relações. O traçado é determinante para configuração das quadras, assim

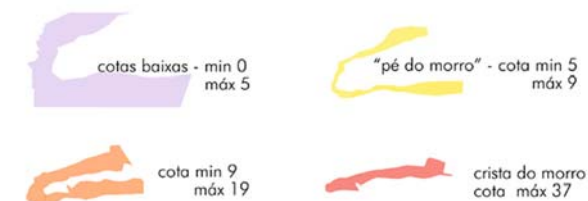
⁴⁸ PANERAI, Philippe. *Análise Urbana*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2006, p. 78.

como, a forma destas, influencia diretamente a divisão fundiária que estabelecerá as áreas e regulamentos para as edificações. Tomando estas definições como suporte, a análise neste ponto do estudo se aprofunda primeiramente nas questões do tecido urbano, partindo depois, para as tipologias arquitetônicas da área.

A origem e evolução urbana da zona residencial do Centro de Porto Alegre ajudam a compreender os principais condicionantes para a configuração da morfologia que o bairro apresenta hoje. A herança do traçado irregular, tendo a topografia como principal condicionante para acomodação das ruas, se desenvolve em uma geometria mista, como uma grelha xadrez distorcida devido à forma peninsular do núcleo onde a cidade se assentou.

Neste contexto, as ruas longitudinais são como a ligação de pequenos trechos delineados ao longo de cotas de nível constante. Essas inflexões, no caso da área de estudo, coincidem com a posição destas linhas a partir de um traço central – a Rua Duque de Caxias, que fica sobre a crista do morro em toda a sua extensão. Outra consequência desta geratriz geométrica é a testada dos quarteirões, quase todos em forma trapezoidal conforme o traçado viário.

As primeiras ocupações destes quarteirões foram periféricas, com edificações construídas junto ao alinhamento e passeios públicos. O parcelamento de solo da cidade antiga, de lotes estreitos e profundos, teve grande influência nas tipologias que consolidaram a cidade na sua primeira fase de densificação, quando a face sul já estava devidamente urbanizada com casas e



Aerofotogramétrico da ponta da península onde se situa o Centro de Porto Alegre com demarcação das cotas de nível por faixas.

As cotas mais baixas coincidem com as áreas aterradas do bairro. As ruas longitudinais do bairro estão dispostas alinhadas com a topografia, estando a Rua Duque de Caxias nas cotas mais altas. Ao sul, a Rua Fernando Machado se acomoda sobre as cotas intermediárias, mas com grande desnível em relação ao topo do morro. Nas cotas mais baixas, a Rua Demétrio Ribeiro e a antiga margem sul do Guaíba, a Rua Washington Luís.

sobrados. Cabe lembrar, que apesar da sensação de descontinuidade do tecido urbano percebida nos dias atuais, a área já apresentou ruas de fachada contínuas com poucas variações tipológicas até o princípio do século XX. Porto Alegre chegou a configurar-se como uma cidade figurativa de blocos maciços recortados pelo traçado viário na esfera pública, e pelos miolos de quarteirão na esfera privada.

O seu traçado irregular e as tipologias arquitetônicas, principalmente habitacionais, construíram ao longo de poucos séculos um resultado heterogêneo e curioso. Em todas as partes da área há uma alternância praticamente randômica de edificações de diversas épocas lado a lado. Alguns poucos conjuntos homogêneos em meio aos conjuntos miscigenados chamam a atenção, já que, em meio à variedade, a repetição do que já foi comum toma a conotação de destaque. Antes do século XX, as tipologias habitacionais presentes no bairro, resultantes das necessidades unifamiliares, não passavam de um, dois ou três pavimentos.

Os tipos que hoje configuram o tecido urbano da zona residencial do Centro foram construídos sobre variações de planta e volumetria. Em *Buenos Aires y Algunas Constantes en las Transformaciones Urbanas*⁴⁹, Diez fala da dificuldade em classificar os tipos em uma cidade como Buenos Aires, em que tanta exceção poderia criar milhares de regras ou reduzi-las em generalizações.

⁴⁹ DIEZ, Fernando E. *Buenos Aires y Algunas Constantes en las Transformaciones Urbanas*. Buenos Aires: Edit. de Belgrano, 1996, p. 19.



▼ pontos de vista

O recorte acima demarca dois pontos claros de contraste entre tipologias e a descontinuidade nos alinhamentos presente em diversos pontos da área de estudo. Abaixo, as fotografias dos pontos de vista na Rua Cel. Fernando Machado.



1.



2.

O objetivo aqui é melhor compreender a área de estudo e suas transformações ao longo do tempo, suas relações com o planejamento urbano e o resultado deixado por estas ações no bairro. Desta forma, o trabalho apresenta a tipologia da área conforme uma classificação temporal, em grandes grupos, de acordo com os principais efeitos de transformação que cada período acarretou na paisagem local e na morfologia interna dos quarteirões:

tempo A

- _ coloniais [até 1899]
- _ ecléticas [1900-1929]

tempo B

- _ proto-modernas e art-decô [1930-1949]

tempo C

- _ modernas [1950-1979]
- _ a partir dos anos 80 [1980-1999]

tempo D

- _ a partir do ano 2000 [2000-2009]

_tempo A

As edificações do “Tempo A” se caracterizam basicamente por três atributos pertencentes ao mesmo tipo: a fachada no alinhamento, edificada nas divisas com recuo nos fundos, e no máximo três pavimentos de altura. São as casas construídas desde a fundação da cidade até o princípio do século XX.



Casa colonial de porta e janela localizada na Rua Demétrio Ribeiro - único exemplar da zona que preservou as aberturas com arco abatido. O telhado original foi modificado com a construção da platibanda na fachada, que passou a ser uma exigência das leis do município ainda no século XIX. Fonte imagem: Foto da autora, 2009.



Casas com platibanda e frisos neoclássicos. Ao nível térreo, as aberturas encontram-se descaracterizadas. Fonte imagem: Foto Cristiano Kunze, 2009.

Devido ao longo período em que se reproduziram estes limites volumétricos e de configuração espacial, coloca-se aqui uma subdivisão estilística que distingue estes exemplares. São detalhes que podem ser reconhecidos pelos elementos da fachada e ajudam a determinar a época de sua construção.

_coloniais [até 1899]

Restaram poucas casas coloniais em todo o Centro de Porto Alegre, e na área de estudo, apenas um exemplar se encontra preservado com a fachada ainda original.

Este tipo de origem colonial açoriana possui um ou dois pavimentos junto aos alinhamentos. As casas coloniais desta área foram edificadas em lotes pequenos, do parcelamento antigo de 15, 20 e 25 palmos⁵⁰ de frente e possuíam fachada com uma porta e uma janela. A partir de 30 palmos (6,6m), poderiam apresentar uma porta com duas janelas. Na área, as construções desta época eram pequenas, na sua maioria de porta e janela, sem recuos frontais. Nesta implantação sobre lotes estreitos e longos, sobravam vastas áreas verdes nos fundos, cujas dimensões de pátios variavam conforme o quarteirão em que se localizavam.

Em planta, os cômodos alinhados ao longo da circulação eram recorrentes, sendo que o corredor estava associado ao acesso da residência. Caso o lote fosse muito estreito, não havia corredor e a circulação se dava através dos

⁵⁰ 15 palmos=3,30m, 20 palmos=4,40m, 25 palmos=5,50m e 30 palmos=6,6m.



Janela colonial sem arco abatido na Demétrio Ribeiro, com frisos característicos do neoclássico. Fonte imagem: Foto da autora, 2009.



Edificação do princípio de século XX, tipologia tipicamente comercial em estilo neoclássico, com portas e janelas em arco pleno, na Rua Duque de Caxias, esquina com Gen. Bento Martins.

cômodos. Cozinha e serviços ficavam nos fundos da casa ou do lote, isolados da construção principal.

As primeiras construções coloniais eram feitas com beiral, o qual foi posteriormente abolido e substituído pela platibanda, a fim de evitar que a água dos telhados caísse diretamente sobre os passeios.

As casas coloniais que receberam adornos neoclássicos nas fachadas possuíam o mesmo esquema de planta. As aberturas não possuíam mais o tradicional arco abatido aparente em pedra ou em madeira, ficando as fachadas todas rebocadas, com frisos em torno das aberturas e platibandas.

_ecléticas [1890-1929]

O Eclestismo, mistura de estilos arquitetônicos do passado, atingiu grande popularidade não apenas no Rio Grande do Sul, como em muitas cidades brasileiras desde o final do século XIX. Uma série de edificações institucionais neste período, tais como as duas escolas localizadas área (na Rua Duque de Caxias, o Colégio Ernesto Dorneles e na Rua General Auto, o Colégio Paula Soares). Para as habitações unifamiliares, a variedade que a arquitetura eclética possibilitava, oferecia a sensação de personalização das construções, sendo que quanto mais rico seu proprietário, melhores seriam os acabamentos e mais vistosos os seus adornos. Como a área de estudo trata de uma zona que foi a primeira periferia da cidade, nela não se encontram exemplares residenciais de grande porte nas ruas mais baixas.



Colégio Ernesto Dorneles visto desde a Rua Cel. Fernando Machado - fachada dos fundos.



À direita, casa de um pavimento com acesso e circulação deslocada. À esquerda, a evolução desta tipologia num terreno de maior testada. O porte da edificação se amplia nas aberturas, ornamentos, e também na presença do porão que amplia em altura toda a fachada.

Fonte imagens: Fotos da autora, 2009.

Entre os sobrados, dois tipos habitacionais podem ser identificados. O mais simples possuía um pavimento elevado sobre um porão baixo, semelhante ao utilizado nas casas coloniais, com acesso descentralizado em frente ao longo corredor que liga todas as dependências da residência. Exceto pelas proporções das aberturas e ornamentação da fachada, este tipo é praticamente o mesmo das casas coloniais.

Nas habitações unifamiliares ecléticas de dois pavimentos, a fachada recebe um tratamento diferenciado para o primeiro e segundo nível. A base, usualmente de menor altura e com aberturas pequenas, desloca a hierarquia do conjunto para o pavimento principal no segundo nível. Muitos dos exemplares encontrados no bairro apresentam acesso deslocado e simetrias parciais, devido às testadas pouco generosas dos lotes. No hall de acesso destes sobrados, uma escada-corredor leva ao segundo nível. Os ambientes sociais do térreo estavam conectados com o hall de acesso e, nos fundos deste nível, ficavam apenas os compartimentos de serviço.

A maior mudança tipológica deste período ocorreu nas casas do princípio do século XX, construídas em lotes mais amplos. Estes exemplares apresentam acesso, não mais pela fachada principal, e sim por um recuo de jardim lateral. Este recurso possibilitava que o acesso principal se deslocasse para o segundo pavimento numa circulação exclusivamente social, deixando o nível térreo apenas para funções de serviço. Nos exemplares maiores e mais recentes, há presença de garagem.

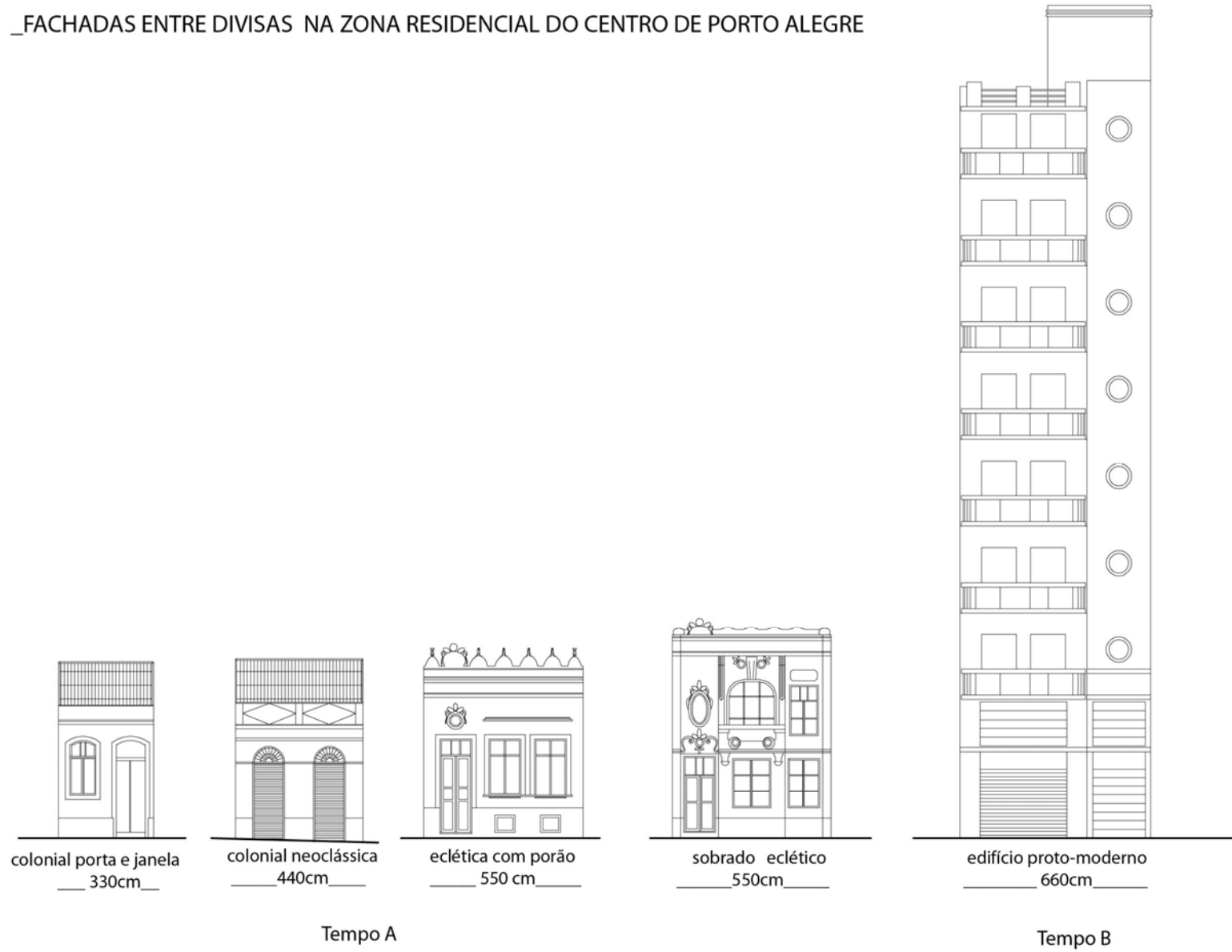


Casarão eclético de platibanda ornamentada com medalhões e balaústres em módulos ritmados de acordo com as aberturas. Reforçando a demarcação de acesso, a porta principal rompe a linha horizontal que divide os níveis na fachada.



Antiga residência do "Pintor Gravosky", com acesso pelo recuo de jardim. Hoje esta e a vizinha encontram-se restauradas e pertencem ao mesmo proprietário. Fonte imagens: Fotos da autora, 2009.

_FACHADAS ENTRE DIVISAS NA ZONA RESIDENCIAL DO CENTRO DE PORTO ALEGRE



Fonte imagens: Desenhos da autora, 2009.

_tempo B

_proto-modernas e art-deco [1930-1949]

Com o segundo momento de densificação da encosta sul do Centro, as habitações multifamiliares começam aos poucos substituir as residências, ainda sobre o mesmo parcelamento do solo. É possível encontrar no bairro pequenos edifícios de quatro a seis pavimentos construídos de divisa a divisa ou com pequenos recuos laterais. As plantas de pavimento tipo nestas edificações são semelhantes as das casas ecléticas de circulação em fita simples ou dupla. A diferença está na sobreposição de pavimentos e inserção de circulação vertical comum. Esse “empilhamento” é chamado Diez como processo de densificação vertical, e pode ser comparado com as transformações Buenos Aires, quando a *Casa Chorizo* torna-se um edifício entre divisas⁵¹.

Há também exemplares unifamiliares construídas em lotes estreitos neste período, mas que não acrescentaram mudanças significativas tipológicas em planta, além de varandas a partir segundo pavimento, elemento que já aparecia nos sobrados ecléticos.

A Avenida Borges de Medeiros foi um local que representou um marco na modernidade da cidade, não apenas pela sua abertura ou pela construção do viaduto, mas também pelos seus edifícios altos, na sua maioria com ornamentação em estilo art-déco. Na área de estudo, podem ser encontrados edifícios altos proto-modernos na Rua Cel. Fernando Machado, justamente nas



Acima, edifício com ornamentação art-déco, na Rua Duque de Caxias, próximo à esquina com a Avenida Borges de Medeiros, nos altos do Viaduto Otavio
Foto: Cristiano Kunze 2009.

⁵¹ DIEZ, Fernando E. *Buenos Aires y Algunas Constantes en las Transformaciones Urbanas*. Buenos Aires: Edit. de Belgrano, 1996, p. 53-57.

esquinas com a Avenida Borges. Alguns destes, com mais de 10 pavimentos, reforçam como estas características, mais de estilo do que tipológicas, se tornaram recorrentes na habitação multifamiliar do bairro. As sacadas com cantos em arco, as adições volumétricas e os frisos estão presentes tanto nos exemplares de pequeno porte quanto nos primeiros edifícios altos.

A idéia de plantas tipo empilhadas permanece a mesma. O térreo, de acesso centralizado, é hierarquizado com adornos ou subtrações, reforçando ainda uma idéia classicista de base e corpo, já que nestes edifícios, o primeiro pavimento tem o pé direito mais alto. Simetrias nas aberturas da fachada principal são comuns a quase todos os projetos, havendo exceções para os terrenos muito estreitos de um apartamento por andar.

tempo C

Essa última categoria abrange as edificações construídas a partir do Plano Diretor de 1959, ou seja, mediante novos regimes urbanísticos e um código de obras que interferiu tanto na relação da edificação com seu terreno quanto na interface da arquitetura com a cidade.

Neste período, O Centro de Porto Alegre ainda era cidade figurativa. Os quarteirões mantinham seus limites e contornos bem definidos, as edificações seguiam o mesmo alinhamento. Apesar disso, os contrastes passam a ser mais constantes e começam a aparecer feridas e discontinuidades no tecido urbano.



Exemplar proto-moderno localizado na Rua João Manoel, próximo à escadaria que desce até a Fernando Machado. A entrada é centralizada neste caso, em que o lote possui ampla testada. A composição de fachada e volumetria é simétrica, com eixo traçado no alinhamento do acesso principal.



Acima, edifícios proto-modernos, na Rua Fernando Machado junto à esquina com a Avenida Borges de Medeiros.

Fotos: Cristiano Kunze 2009.

_modernas [1950-1979]

Os edifícios públicos e institucionais da área constituem os exemplares modernos mais significativos do bairro: o Tribunal Regional Eleitoral e a Assembléia Legislativa. Ambos são projetos que por sua função e sítio, têm soluções específicas de planta bem distintas do seu contexto, já que a arquitetura que compõe o tecido do bairro é composta fundamentalmente por unidades de uso habitacional.

A grande diferença entre ambos os tipos modernos localizados na área de estudo é que o edifício do Tribunal Regional Eleitoral estabelece uma ruptura de escala com a arquitetura residencial de pequeno porte do bairro. No projeto da Assembléia Legislativa, na Praça da Matriz, a volumetria foi resolvida em dois volumes, um mais baixo que busca contextualizar-se com o entorno, priorizando o diálogo e não apenas o contraste⁵².

O bairro não apresenta exemplares de arquitetura moderna residencial unifamiliar, mas inúmeras residências inspiradas num modelo mais puro e sem ornamentos, construídas entre 1950 e 1960. A única casa que poderia ser encaixada como essencialmente moderna na zona foi demolida em 2002, dando espaço a uma construção que, exceto pelo seu ano de execução, não poderia ser classificada em nenhum estilo ou tendência arquitetônica. Esta residência seguia

⁵² MACHADO, Soler Andrea. *Dois Palácios e uma praça: a inserção do Palácio da Justiça e do Palácio Farroupilha na Praça da Matriz em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.



Vista do acesso do Tribunal Regional Eleitoral, localizado na Duque de Caxias.
Fonte imagem: Foto da autora, 2009.



Foto da residência já demolida na Rua Duque de Caxias, número 784. O exemplar unifamiliar construído com todos elementos da arquitetura moderna deu lugar ao edifício residencial.
Fonte imagem: Foto da autora, 2002.

uma forma de ocupação comum a outros edifícios deste mesmo período, se utilizando de um recuo para ajardinamento frontal, mas ocupando o lote de divisa à divisa. Quando inseridos num contexto todo renovado, estes edifícios configuravam uma nova fita no quarteirão, recuada e com passeios ampliados em relação à morfologia urbana de herança colonial. Naturalmente, a velocidade das mudanças e dos regimes urbanos superou a reconstrução da cidade antiga, permanecendo como regra a descontinuidade dos alinhamentos junto aos passeios públicos.

Nesta categoria podemos encontrar inúmeros outros exemplos de edifícios multifamiliares, ainda construídos de divisa a divisa. Os mais significativos, em atributos arquitetônicos, encontram-se na Rua Duque de Caxias e são de alto padrão, possuindo apartamentos generosos e plantas organizadas conforme os paradigmas da arquitetura moderna. Suas fachadas apresentam amplas aberturas, às vezes em panos de vidro, principalmente nas salas, inclusive fazendo uso de elementos vazados para proteção solar, como o combogó. Um deles é o Edifício Rio Pardo na Rua Duque de Caxias que, junto aos vizinhos adjacentes, configura uma interessante interface moderna em todo este trecho quarteirão. Este conjunto possui fachadas alinhadas e marquises contínuas, resultando num passeio público amplo e coberto.

Na Rua Fernando Machado, o Edifício Tapejara, de 1960, projeto do arquiteto Edgar Graef, é outro exemplar de valor arquitetônico modernista do



Edifícios residenciais na Rua Duque de Caxias, ambos sem recuos laterais.



Acima, em destaque na fotografia da Rua Fernando Machado, o Edifício Tapejara, projeto do arquiteto Edgar Graef.

Fonte imagens: Fotos Cristiano Kunze, 2009.

bairro, possuindo todos os elementos considerados fundamentais no período, como proteções solares em combogó, recuo de jardim e pilotis.⁵³

A mudança imposta pelo plano diretor de 1959, que incluiu afastamentos obrigatórios nas edificações novas, é um dos principais condicionantes que resultou na descontinuidade do tecido construído em fita nos bairros, mesmo que no Centro, os edifícios fossem isentos de recuos laterais.

Os edifícios deste período modificaram não somente sua relação de vizinhança imediata, mas também a sua relação com o terreno. Essas tipologias, com volume disposto sobre pilotis, foram construídas em Porto Alegre num contexto não favorável a implantação de elementos da cidade moderna. A cidade completamente figurativa até então, começa a ser recortada. As edificações, antes encostadas umas às outras, passam a ser isoladas, gerando inúmeras situações de empenas cegas. Quando ocorria o recuo lateral, este era mínimo (1,5m), tornando mal iluminadas e ventiladas as unidades mais baixas, outra contradição causada pela incompatibilidade entre a morfologia do quarteirão tradicional, dividido em lotes, e os edifícios concebidos para a cidade abstrata, de solo livre como um parque.

A maioria pavimentos térreos com pilotis da área de estudo encontram-se gradeados. Suas áreas livres não apresentam sequer uma continuidade visual com o espaço público, independente dos casos construídos nas divisas do lote ou com afastamentos frontais e laterais.

⁵³ XAVIER e MISOGUCHI. Arquitetura Moderna em Porto Alegre. Alberto Xavier e Ivan Misoguchi. Porto Alegre. Editora Pini, 1987, p.164.



Edifícios residenciais modernos na Rua Duque de Caxias, alinhados pelos novos recuos frontais. A sequência acima mostra a vista das inúmeras áreas de acesso dos edifícios com os pilotis gradeados.



Edifício construído na década de 1980 na Rua Cel. Fernando Machado.

Fonte imagens: Foto Cristiano Kunze, 2009.

_a partir dos anos 80 [1980-1999]

Os tipos construídos no bairro não apresentaram transformações significativas a partir desta década, e de modo geral, foi um período de pouco investimento na zona residencial do Centro de Porto Alegre. Não houve valorização imobiliária nesta área do bairro e as edificações novas oferecidas pelo mercado se limitaram a variações que repetiam ainda os regimes urbanísticos do plano diretor de 59, com empobrecimento formal significativo. O Centro, como um todo, sofreu com essa desvalorização, causada também pelo desenvolvimento de outras zonas de interesse residencial ao norte da cidade.

De modo geral, são edifícios de apartamentos com recuo de jardim frontal, fachadas de aberturas simplórias, pequenas e sem sacadas. As plantas variam muito em torno do H, com apartamentos de frente, fundo e lateral.

Poucas varandas e nenhum tipo de elemento arquitetônico aparecem nas fachadas dos exemplares destas décadas, mas ainda assim, os pilotis seguiram sendo a solução para o térreo de inúmeros edifícios. É neste período que apareceram os edifícios com pilotis num pavimento intermediário, para uso de atividades comuns dos condomínios, sendo que no bairro encontram-se poucos exemplos desta volumetria.

_tempo D

_a partir do ano 2000 [2000-2009]

Depois da década de 1990, a arquitetura residencial do bairro se resume a edifícios multifamiliares, sendo que poucos novos exemplares unifamiliares foram



Edifício na Duque de Caxias, número 784, construído em 2003, no lote que abrigava um exemplar residencial com características da arquitetura moderna.

Fonte imagem: Foto Cristiano Kunze, 2009.



Condomínio residencial localizado na Rua Washington Luiz, construído entre 2006 e 2007.

Fonte imagem: Foto da autora, 2009.

construídos desde. Isso se deve basicamente ao alto valor do solo e ao baixo poder aquisitivo dos moradores da face sul do Centro, que teve uma alta valorização imobiliária nos últimos cinco anos em toda a área.

A tipologia destas edificações segue o novo plano diretor (PDDUA), que propõe a construção em quase toda a área com taxa de ocupação de 75% para a base com até nove metros de altura e corpo recuado sobre a base, ou apenas recuo frontal conforme o logradouro, com até dezoito metros de altura nas divisas. Ainda valem as regras do código de obras para pátios de serviço em situações de edificações sem recuos laterais, recurso bastante utilizado nos lotes mais estreitos em que construir nas divisas é o único modo de viabilizar o empreendimento. Em ambas as situações, tanto de edifício torre sobre base ou edifício tipo barra ocupando toda a frente do lote, há sempre o máximo do aproveitamento do índice construtivo. As sacadas, que já nascem fechadas, espelham esta premissa, já que não contam na área computável dos apartamentos. Originalmente abertas, são fechadas pelos proprietários, pois as peças adjacentes às mesmas não possuem área adequada se a sacada não for agregada ao espaço interno.

Um condomínio com duas torres de edifícios é um dos empreendimentos mais novos da zona, e demonstra que essa tendência verificada nos outros bairros da cidade, também ocorre no Centro de Porto Alegre. A Avenida Washington Luiz, local onde se localizavam os maiores lotes (antigas serrarias e oficinas de hoje), foi a área elegida para estes empreendimentos que agregam

facilidades de clube aos condomínios. Não se pode deixar de lado a privilegiada visual do rio, há décadas ignorada como uma qualidade notável da região.

_Praças e Espaços públicos

A área delimitada no estudo de caso abriga apenas 20 quarteirões, mas possui duas praças de bairro, além da Praça da Matriz, anteriormente já descrita como um ponto de referência ou elemento chave.

Praça Gregório de Nadal

Localiza-se na Rua Fernando Machado, nos fundos do Palácio Piratini. A Praça Gregório de Nadal tem forte presença na paisagem da rua e a sua vegetação de grande porte é o seu principal elemento de destaque. As árvores que dão ao ambiente a escala de um espaço coberto, por um lado criam uma atmosfera bucólica e particular, mas por outro contribuem para a falta de luminosidade e a presença de umidade excessiva no local.

Diferentemente de outras praças, não é ladeada por ruas, e seus limites são outros edifícios públicos. Sua forma linear se abre para Rua Fernando Machado em acessos pouco convidativos e taludes recentemente ajardinados. Os limites laterais da praça são de um lado, uma casa de bombas do DMAE, e, de outro, um posto da Brigada Militar. Aos fundos, um enorme arrimo de granito sustenta o corte abrupto feito no morro para criar os platôs que abrigam a praça e os jardins da Casa do Governo.



Vista da Praça Gregório de Nadal, desde o passeio público da Rua Cel. Fernando Machado.

Abaixo, vista do nível da praça, num terraço elevado em relação ao passeio público.



Fonte imagens: Foto da autora, 2009.

Praça Alto da Bronze [General Osório]

Localizada nos altos da Rua Duque de Caxias e Fernando Machado, entre a Rua General Portinho e o Colégio Ernesto Dorneles. Antigamente uma propriedade privada, a área tornou-se um logradouro público no final do século XIX, quando ali se decidiu instalar uma praça com chafariz. Por volta de 1920, houve a remodelação que construiu os platôs da praça para amenizar os desníveis entre a Rua Duque de Caxias e a Rua Fernando Machado. Posteriormente, a praça recebeu a quadra desportiva que permanece até hoje no local. Apesar de ser bastante utilizada, a quadra não oferece um espaço seguro e seus muros altos impedem completamente seu contato com a rua.

Um jardim de infância municipal ocupa a pequena construção oitavada e os pátios adjacentes, numa aérea cercada dentro da praça.



Jardim de Infância da Praça General Osório.



Vista da Praça General Osório desde a Rua Duque de Caxias.

Fonte imagens: Foto da autora, 2009.

Atividades e usos_ zona residencial do Centro de Porto Alegre



- comércio e serviços
- escola
- terreno comercial
- hotel/pensão
- bar/restaurante
- CIENTEC
- garagem
- mercado de bairro padaria

- edifícios públicos e institucionais
 - 1) Tribunal Regional Eleitoral
 - 2) Justiça Militar Federal
 - 3) Brigada Militar
 - 4) CEEE
 - 5) DNOS
 - 6) Delegacia Regional-MEC
 - 7) Ministério da Fazenda
 - 8) Ministério da Agricultura
 - 9) Sepro
 - 10) IBGE
 - 11) Assembléia Legislativa
 - 12) Palácio da Justiça

- espaços públicos e passagens
 - 1) escadaria João Manoel > Fernando Machado
 - 2) Praça Pe. Gregório de Nadal
 - 3) Praça General Osório - Alto da Bronze
 - 4) Praça da Matriz - Marechal Teodoro
 - 5) Viaduto Otávio Rocha

- monumentos e equipamentos culturais
 - 1) Centro Cultural Usina do Gasômetro
 - 2) Catedral e Cúria Metropolitana
 - 3) Palácio Piratini
 - 4) Solar dos Câmara
 - 5) Teatro São Pedro
 - 6) Museu Júlio de Castilhos
 - 7) Ponte dos Açorianos

- outros
 - 1) Castelinho do Alto da Bronze
 - 2) Sociedade Espirita
 - 3) Antigo Cine Teatro Capitólio
 - 4) ACM
 - 5) Supermercado
 - 6) Banco Bannisl

4.4_ OS MIOLOS DE QUARTEIRÃO E A ZONA RESIDENCIAL DO CENTRO DE PORTO ALEGRE

[mapeamento dos Miolos de Quarteirão na área delimitada do estudo de caso]

Nos levantamentos cadastrais realizados no bairro, foram detectados inúmeros vazios urbanos no interior dos quarteirões, espaços não construídos suficientemente grandes e instigantes para serem tomados como zonas potenciais. Estas situações de miolos de quarteirão, mapeadas na face sul do bairro, são configuradas a partir de terrenos livres que possam conectar o interior da quadra o espaço público. Sozinhos, estes lotes, decorrentes dos parcelamentos de solo e diferentes tipos edificados, podem não se apresentar como grandes oportunidades. Porém, estas áreas podem modificar as relações morfológicas do seu entorno imediato quando conectadas entre si através de brechas e outros vazios no interior das quadras.

O trabalho investigou as situações existentes de vazios nos miolos de quarteirão presentes no bairro, suas interfaces e configurações espaciais. Para viabilizar ações urbanas de desmembramento e remembramento de lotes, se faz necessário um processo legal e de viabilidade dos próprios empreendimentos, os quais não serão aqui aprofundados. Apesar da relevância das questões legais que se desdobrariam no caso de um projeto para um miolo de quarteirão nestas circunstâncias, o objetivo da pesquisa se mantém no estudo da história e morfologia em busca de oportunidades urbanas. Cabe ressaltar que o Plano Diretor da cidade abre a possibilidade para que projetos especiais sejam

encaminhados com um EVU (Estudo de Viabilidade Urbanística). Em muitas áreas do Centro, o EVU é obrigatório para aprovação de qualquer projeto. Partindo desde princípio, em zonas de interesse cultural é possível propor projetos especiais de acordo com cada caso, conforme o programa de atividades, terreno, impacto ambiental, urbano e assim por diante. Partindo desta afirmação, mesmo tratando-se de um conjunto de situações de miolos de quarteirão, a idéia é não generalizar ações. Cada um dos espaços possui características próprias as quais devem ser tratadas em sintonia com as suas condicionantes particulares, a fim de respeitar o ambiente construído e catalisar suas virtudes numa ocupação responsável destes vazios urbanos.

Os miolos de quarteirão podem ser vistos como fragmentos do universo privado e da memória da cidade. São espaços configurados por casas e edifícios que, na maioria das vezes, estão comprometidos apenas com a fachada principal voltada para as ruas, enquanto seu interior espelha o cotidiano e a informalidade da vida urbana. A zona residencial do Centro de Porto Alegre une nestes vazios o avesso das construções de tempos e contextos distintos. Da cidade colonial ficaram pequenos trechos de telhados sisudos, paredes espessas de alvenaria assentada a barro. Platibandas, ornamentadas como rendas, enquadram os limites do espaço público visto do interior da quadra pelas brechas das casas mais baixas. Nas partes altas do bairro, os miolos de quarteirão escondem fontes de azulejos e fragmentos da vida privada da elite que um tempo habitava a Duque de Caxias. Da cidade ideal moderna ficaram as brechas dos recuos, a

multiplicação das habitações sobre torres e uma alta taxa ocupação do solo que reduziu a área livre no interior das quadras entre os anos 1940 e 1980. E assim, a cada ângulo de mirada a partir destes pátios e passagens, se monta uma nova fachada da cidade e da sua história.

O mapeamento destes espaços potenciais objetivou investigar as potencialidades existentes nesta parcela urbana, uma base para que se proponham alternativas capazes de transformar o bairro positivamente de dentro para fora. Os mapas dos miolos de quarteirão buscam criar um banco de informações sobre as possibilidades de intervenções na zona de estudo que vão além da simples ocupação de lotes desocupados isolados.

A zona residencial do Centro de Porto Alegre sofreu abandono temporário do interesse imobiliário, o que desencadeou um processo de degradação ainda visível. No momento, o bairro entra numa nova fase, em que inúmeros empreendimentos de pequeno e médio porte estão movimentando o setor imobiliário local, porém, sem nenhum tipo de planejamento estratégico global.

Os levantamentos do espaço edificado em relação aos vazios urbanos demonstram uma gradual redução de lotes livres na parcela urbana em estudo, se comparados os mapas de 2002 e de 2008. Houve, de fato, um crescimento no setor imobiliário na área, sendo que muitas das zonas de ocupação recente, com novos empreendimentos, ficam sobre áreas maiores coligando lotes e miolos de quarteirão. Este processo fica evidente nos mapas dos levantamentos feitos em 2002 e 2008. Algumas das áreas demarcadas como miolos de quarteirão se

destacam como áreas de maior potencial, pela viabilidade de acesso, dimensões e a presença de pré-existências arquitetônicas de valor histórico. O mapeamento dos miolos de quarteirão da zona demonstra as possibilidades existentes no bairro hoje, um a um, sendo mais detalhados, os com mais de 2,5 mil metros quadrados. A relação dos miolos propriamente ditos está numerada conforme os números das quadras. O critério utilizado no mapeamento das áreas potenciais foi a presença de lotes desocupados ou com construções passíveis de demolição, os quais seriam nestes casos a possível conexão do espaço no interior das quadras com o espaço público. Somado a estas possíveis faixas de acesso, são anexadas pequenas faixas livres de outros lotes a fim de propiciar união de vazios, ampliando o potencial de acessibilidade urbana dos conjuntos. Os espaços de miolo de quarteirão podem originar novos lugares de permanência com a adição de novos usos, ou novas passagens através das quadras interligando pontos de interesse que não seriam viáveis sem a exploração destas novas conexões. O mapeamento não propõe as diretrizes de ocupação e sim, trás à tona os pontos relevantes pré-existentes de cada um dos quarteirões com espaços disponíveis para intervenções de médio e grande porte. O nível de acessibilidade ao espaço interiorizado pode ser determinado de acordo com cada projeto, podendo seguir os exemplos do Eixample de Barcelona para áreas públicas, com praças de acesso controlado. Intervenções privadas comerciais, como galerias, possibilitariam o acesso livre sem que o espaço se torne público.

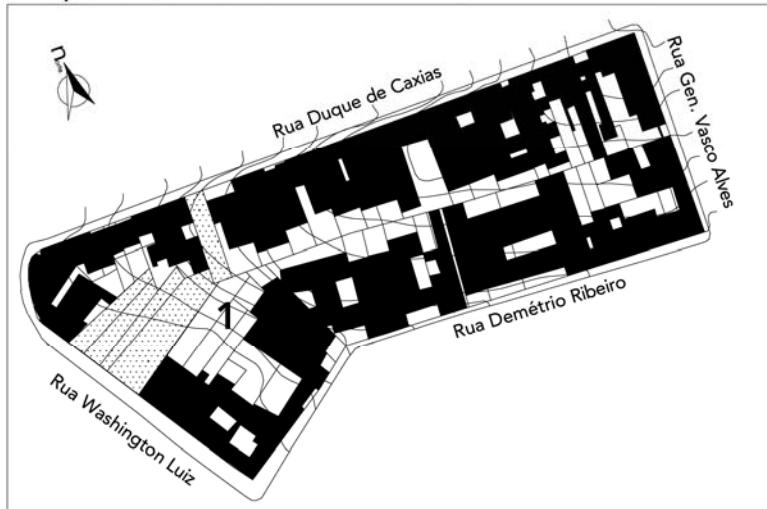
Zona residencial do Centro de Porto Alegre
[levantamento cadastral do estudo de caso_ ano: 2002]



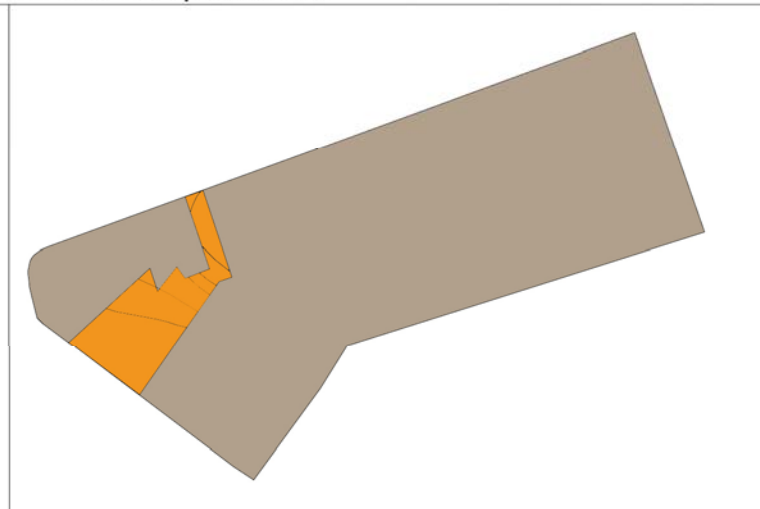
MIOLOS DE QUARTEIRÃO [ATÉ 1500m²]

escala 1:2500

quadra 1



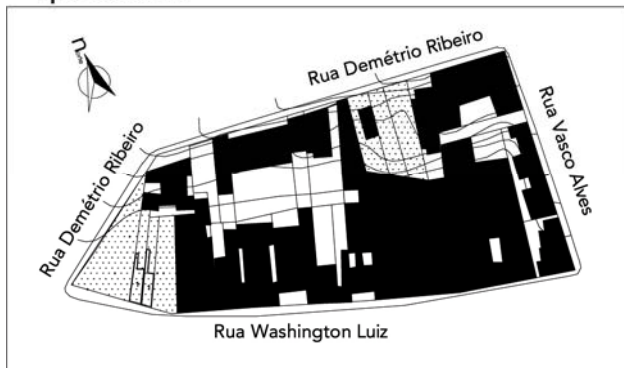
miolo de quarteirão



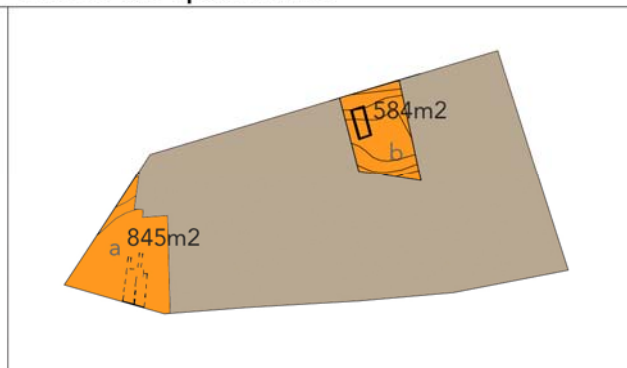
Área quadra 1 : 14 765 m²
Área miolos: 1190m²

Aclive com seis metros de desnível desde a Rua W. Luiz até a Rua Duque de Caxias. Interface Rua Duque de Caxias: lote vazio. Interface Rua W. Luiz: são quatro lotes, sendo três destes um estacionamento coberto e um lote vazio.

quadra14



miolo de quarteirão

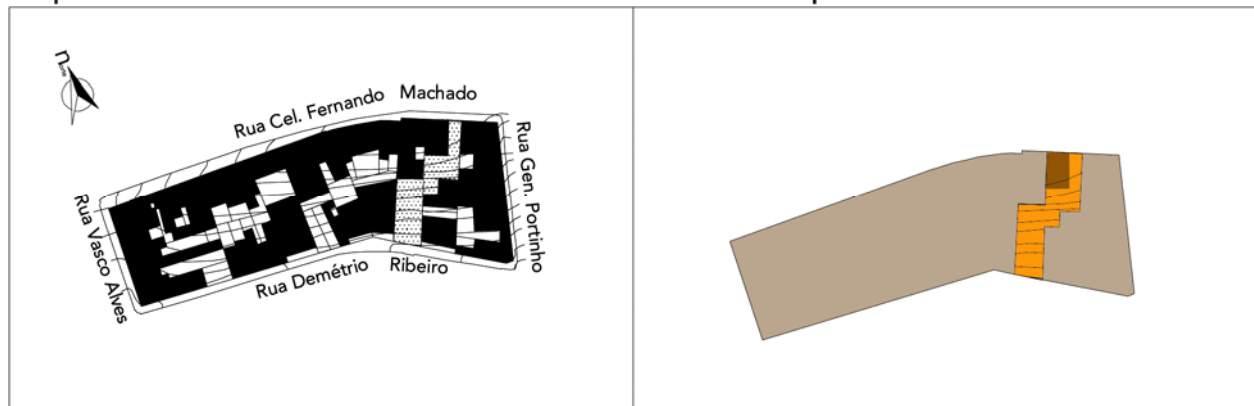


Área quadra 14 : 91605 m²
Área miolos: 1429m²

a: lotes vazios na Rua Washington Luiz, esquina com Demétrio Ribeiro. Desnível de dois metros na Demétrio. Interface Rua Demétrio R.: muro de estacionamento provisório. Interface Rua Washington Luiz: lotes vazios com ruínas de fachadas.
b: lotes vazios Demétrio Ribeiro, com presença de exemplar eclético em ruínas num dos lotes. Declive de seis metros desde o passeio público.

quadra 8

miolo de quarteirão



Área quadra 8 : 5020 m²

Área miolos: 471 m²

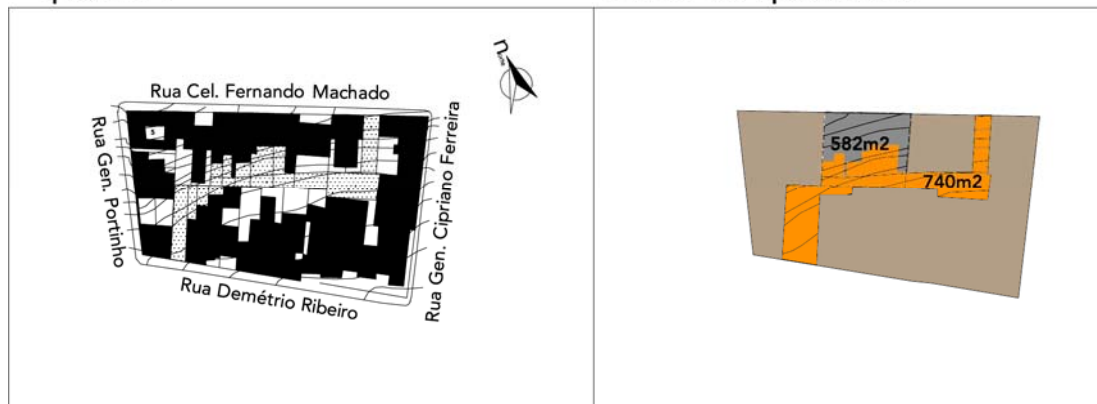
Interface Rua Fernando Machado: terreno com sobrado eclético e recuo lateral.

Interface Rua Demétrio Ribeiro: lotes vazios usados como estacionamento.

Declive de nove metros desde a Rua Cel. Fernando Machado até a Demétrio Ribeiro.

quadra 9

miolo de quarteirão



Área quadra 9 : 5060 m²

Área miolos: 1322 m²

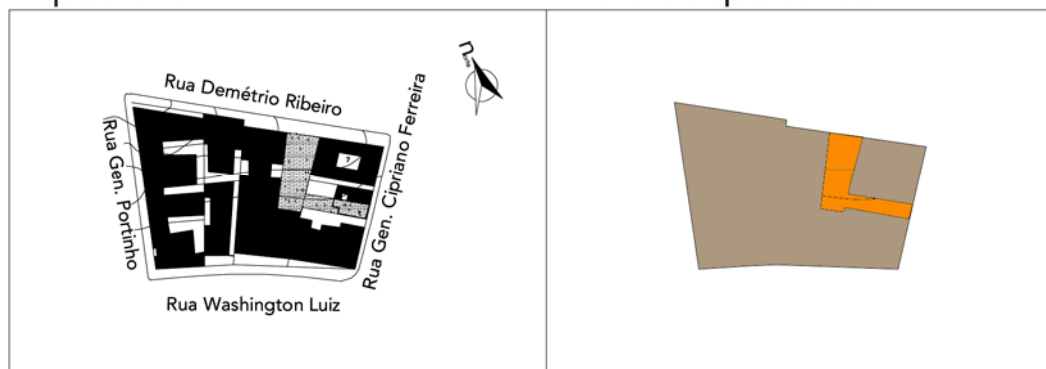
Interface Rua Fernando Machado: casario de casas térreas (ver p. XX) degradado e lote vazio com testada pequena.

Interface Rua Demétrio Ribeiro: lote vazio e casa eclética degradada.

Declive de dez metros desde a Rua Cel. Fernando Machado em direção a Demétrio Ribeiro.

quadra 16

miolo de quarteirão



Área quadra 16 : 5060 m²

Área miolos: 344 m²

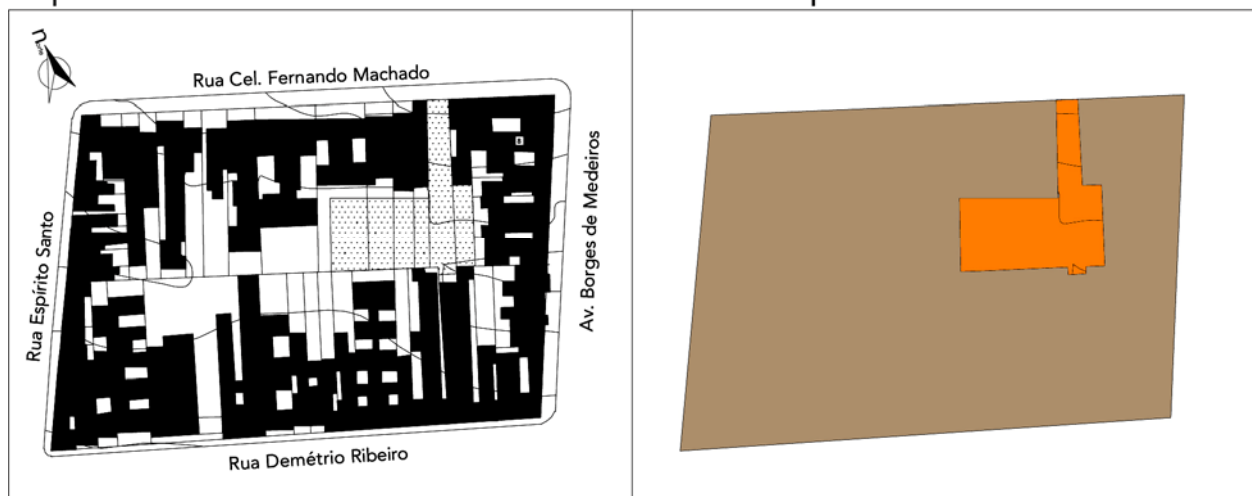
Interface Rua Demétrio Ribeiro: lote vazio.

Interface Rua Cipriano Ferreira: lote vazio com ruínas de casa eclética térrea.

Declive de dois metros desde a Rua Demétrio Ribeiro, na direção da Rua Washigton Luiz.

quadra 13

miolo de quarteirão



Área quadra 13 : 17261m²

Área miolos: 1410 m²

Interface Rua Cel. Fernando Machado: lote vazio com fundos de lote anexados ao mesmo, todos no miolo do quarteirão, mantendo faixas de recuos de fundos em relação às edificações existentes.

Declive de três metros no lote vazio, desde a Rua Cel. Fernando Machado em direção ao miolo de quarteirão que se configura sem diferenças de nível na zona demarcada.

quadra 18

miolo de quarteirão



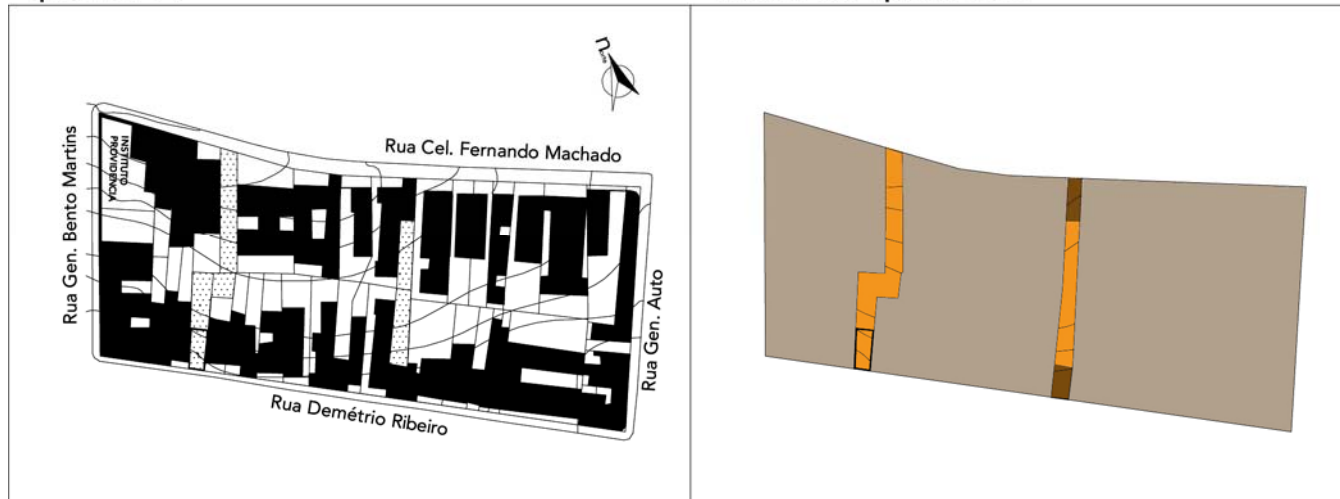
Área quadra18 : 12817 m2
Área miolos: 904 m2

Interface Rua Demétrio Ribeiro: lote vazio.
Interface Washigton Luiz: lote vazio e lote com presença de edificação de dois pavimentos em ruínas.

Declive de um metro, desde a Rua Demétrio Ribeiro, na direção da Rua Washigton Luiz.
Na mesma quadra, há um dos maiores lotes vazios isolados da área, com testada para Rua Washington Luiz (ver mapa página 108).

quadra 11

miolo de quarteirão



Área quadra 11 : 13355 m2
Área a: 488 m2

Interface Cel. Fernando Machado: lote vazio.

Interface Rua Demétrio Ribeiro: lote vazio com ruínas de fachada colonial.

Declive de sete metros em direção a Rua Demétrio Ribeiro.

Área b: 369 m2

Interface Cel. Fernando Machado: antiga loja de chapéus, casa eclética.

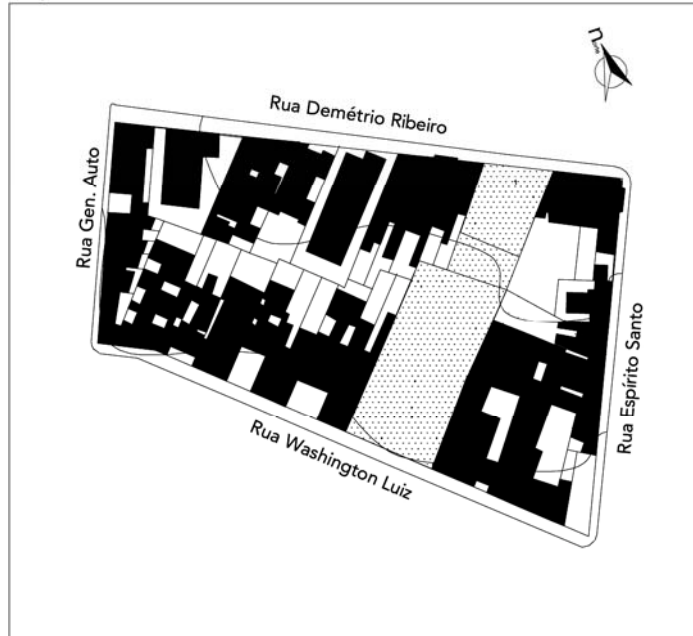
Interface Rua Demétrio Ribeiro: casa de dois pavimentos passível de demolição.

Os conjuntos a e b da quadra 11, junto à possibilidade de passagem na quadra 18, estão criam uma nova rede conexões desde a Rua João Manoel até a Washington Luiz, Reforçando o potencial do conjunto da quadra 5 (ver mapa página 108).

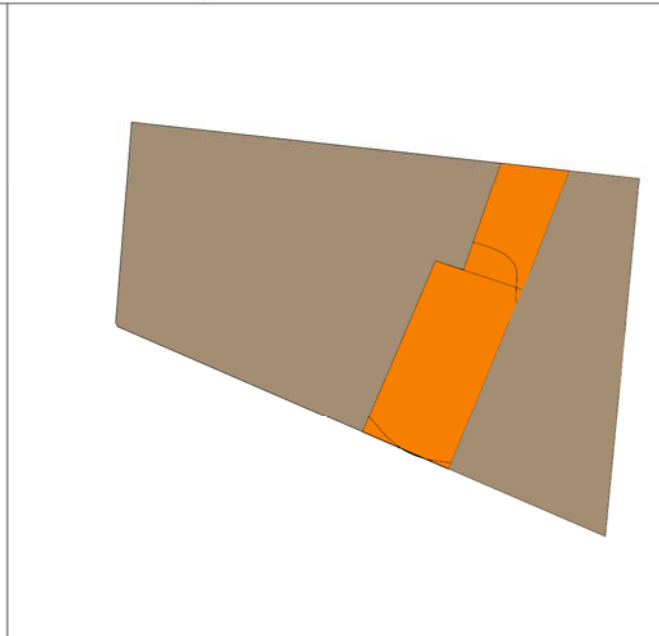
MIOLOS DE QUARTEIRÃO [mais de 2500m²]

escala 1:2500

quadra 19



miolo de quarteirão



Área quadra 19 : 15612 m²

Área miolos: 3157 m²

Interface Rua Demétrio Ribeiro: galpão antigo, com fachada de platibanda ornamentada. A edificação é utilizada como estacionamento coberto.

Interface Rua Washington Luiz: galpão usado como estacionamento coberto, sem valor arquitetônico.

Os galpões de ambas as ruas são explorados pelo mesmo proprietário, sendo a conexão entre as duas ruas já estabelecida.

Declive de dois metros desde a Rua Demétrio Ribeiro em direção a Rua Washington Luiz.

Diferencial:

GALPÕES ANITIGOS /CONEXÕES



Fachada do galpão usado como estacionamento, localizado na Rua Washington Luiz.



Vista do passeio público na Rua Washington Luiz, junto ao galpão de estacionamentos.



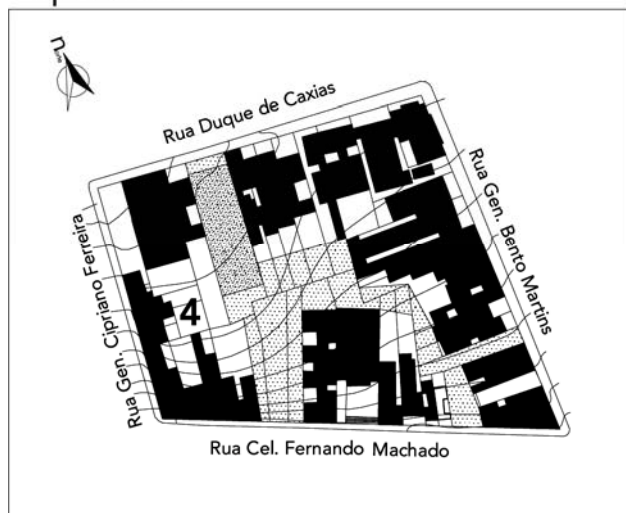
Vista do outro galpão, na Rua Demétrio Ribeiro, uma das interfaces do miolo de quarteirão da quadra 19.



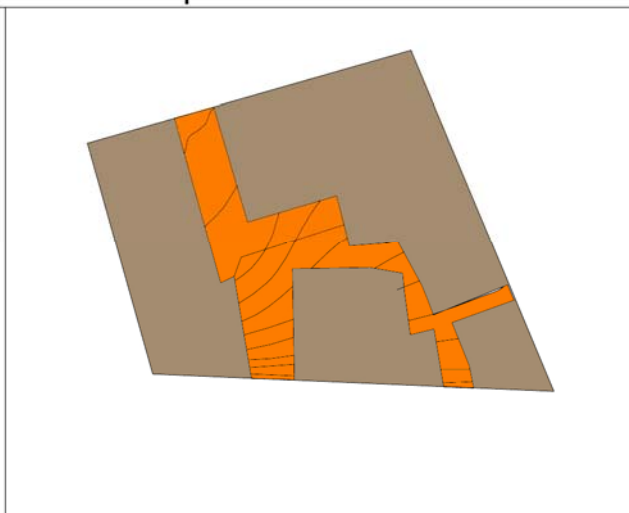
Fachada do galpão localizado na Rua Demétrio Ribeiro.

Fonte imagens: Fotos da autora, 2009.

quadra 4



miolo de quarteirão



Área quadra 4 :11755 m2
Área miolos: 2590 m2

Interface Rua Duque de Caxias: construção degradada usado como estacionamento coberto. Já foi um posto de gasolina e se constitui numa edificação passível de demolição.

Interface Rua Cel. Fernando Machado: ambos os conjuntos são configurados por lotes vazios. Próximo à Gen. Cipriano, o lote maior, com frente de 14 metros, é usado como estacionamento.

Interface Rua Gen. Bento Martins: lote vazio, sem nenhum tipo de uso., com testada de 5,5metros.



Vista da edificação garagem na Rua Duque de Caxias, quase na esquina com a Gen. Cipriano Ferreira.



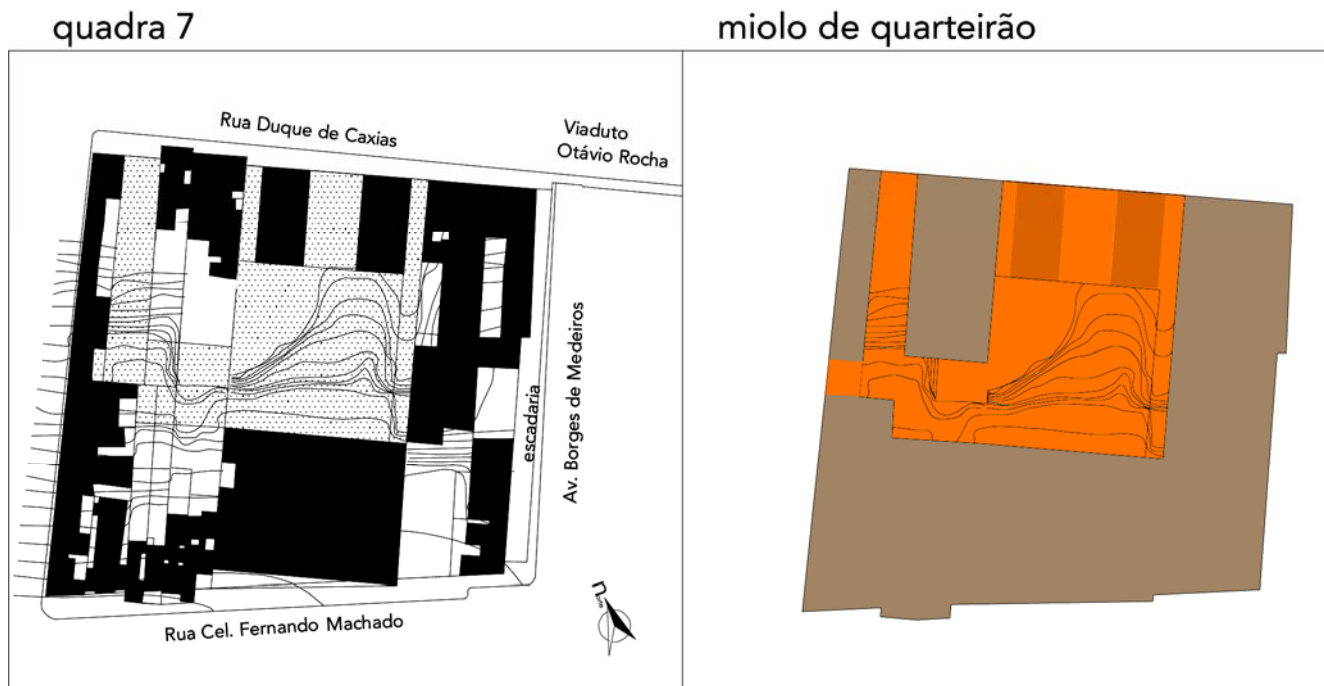
À esquerda, o lote maior localizado na Rua Cel. Fernando Machado, usado como estacionamento. À direita, a frente do lote menor na mesma rua, quase na esquina da Gen. Bento Martins

Fonte imagens: Fotos da autora, 2009.

Declive de dez metros desde a Rua Duque de Caxias em direção a Rua Cel. Fernando Machado. O desnível mais abrupto encontra-se próximo as cotas mais baixas na Fernando Machado.

Este miolo foi demarcado a partir dos lotes vazios, sendo anexados a estes, uma faixa de fundos de lotes não edificada para viabilizar a conexão entre os vazios existentes.

As diversas frentes de lote possibilitam num empreendimento direcionar fluxos e acessos, ampliando o potencial do conjunto e sua rede de conexões com o entorno imediato.



Área quadra 7 : 20610 m²
 Área miolos: 7128 m²

Interfaces Rua Duque de Caxias: ambas testadas dos lotes situam-se ao lado do Museu Júlio de Castilhos.

À esquerda, um lote vazio usado com o estacionamento descoberto, tem alinhamentos em nível com a Rua Duque de Caxias e se estende até a Rua Espírito Santo. O outro lote, muito maior e sem uso algum, constitui-se numa obra parada, com dois blocos construídos inacabados de três pavimentos e vasta área desocupada, onde a topográfica é mais acidentada.

Os acessos de um edifício de estacionamento, localizado sobre o supermercado na Rua Fernando Machado, se dão nesta área.

Declive de treze metros em direção ao centro do quarteirão.

Interface Rua Espírito Santo: O lote com frente à esta rua se constitui numa edificação abandonada que foi anexada ao mesmo estacionamento da Rua Duque de Caxias, quase na esquina da Rua Espírito Santo. Esta edificação não possui valor histórico arquitetônico e é passível de demolição.

Diferencial: ÁREA / LOCALIZAÇÃO.

Pelas dimensões significativas e características peculiares, as quadras 7 e 5 serão detalhadas com mais informações do que os outros miolos de quarteirão mapeados neste trabalho.

A área contida na Quadra 7, é a maior e de mais nobre localização da zona residencial do Centro de Porto Alegre. Com duas frentes de lote voltadas para Rua Duque de Caxias, este miolo de quarteirão é o que mais francamente se abre para o espaço público, justamente nas duas adjacências do Museu Júlio de Castilhos.

Um dos lotes, com 12 metros de frente, situa-se próximo à esquina da Rua Espírito Santo. Seu abrupto desnível na direção sul possibilita visuais da cidade

nesta direção. O estacionamento que explora este lote se estende até níveis mais baixos, ocupando um edifício abandonado com fachada para a Rua Espírito Santo.

A ligação deste lote com o outro terreno vazio desta quadra se dá por áreas de fundo de lote livres, localizadas nos fundos de um dos terrenos do Museu e de uma parte isolada de um edifício público recém construído na Rua Cel. Fernando Machado.

A outra grade área sem uso desta quadra abrigou antigamente o Colégio Anchieta, tradicional escola de padres jesuítas da cidade, demolido há décadas.

O terreno que se estende desde a Rua Duque de Caxias até a Rua Fernando Machado pertence a um único proprietário, o qual loca a edificação localizada no nível mais baixo para o supermercado com acesso pela Fernando Machado. Os pavimentos superiores da mesma construção, com acesso pela Rua Duque de Caxias são ocupados por estacionamento terceirizado, ficando toda área central do lote em total desuso. No início da década de 1990, duas construções para salas comerciais junto à Duque de Caxias foram construídas e permanecem inacabadas até hoje, mantendo quase 60 metros de alinhamento na rua mais nobre da zona sem nenhuma interface de fachada. A parte sem uso do terreno encontra-se cercada, em parte gradeada, sendo que a ausência de atividades no local deixa o passeio público livre para andarilhos e catadores.



Vista do passeio público em frente ao terreno fechado com edificações inacabadas na Duque de Caxias.



Vistas desde o miolo de quarteirão do mesmo lote. No primeiro plano, o espaço vazio de topografia mais acidentada, seguido das construções inacabadas na Rua Duque de Caxias.
Fonte imagens: Fotos da autora, 2009.

As construções não apresentam nenhum valor arquitetônico, além de apresentarem uma implantação questionável em relação à rua em que se localizam sendo, portanto, neste trabalho, consideradas passíveis de demolição.

O nível do terreno é mais baixo do que o passeio público, o que possibilitaria a construção de subsolo, sem necessidade de escavação. O Plano Diretor estabelece para esta zona regime urbanístico próprio, por se localizar em área de interesse cultural e estar contido no sítio histórico de Porto Alegre. O índice de aproveitamento para estes lotes não ultrapassa 2.5, o que significa que o potencial construtivo é de no máximo duas vezes e meia a área total do terreno. Os lotes nesta rua são isentos de recuos de jardim.

Qualquer intervenção nesta área, assim como em toda a zona em estudo, deve ser encaminhada e aprovada pelos órgãos responsáveis pelo patrimônio histórico estadual e nacional (IPHAN e IPHAE), mediante Estudo de Viabilidade Urbanística (EVU).

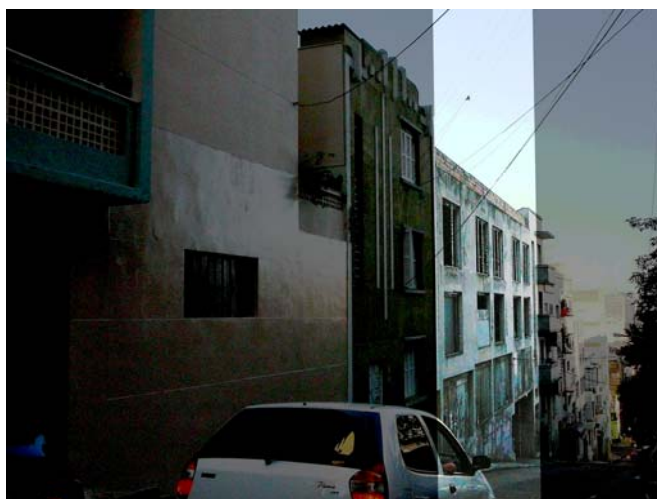


Fotos do jardim localizado nos fundos do Museu Júlio de Castilhos. São dois pátios, um de cada edificação do museu, adjacentes ao miolo de quarteirão demarcado na quadra 7.

Fonte imagens: Fotos da autora, 2009.



Vista da frente do outro lote do conjunto, usado como estacionamento descoberto, quase na esquina da Rua Espírito Santo, entre o museu e um edifício residencial com térreo comercial.



Edifício abandonado na Rua Espírito Santo, equivalente aos níveis mais baixos do estacionamento (foto acima) com acesso pela Duque de Caxias.



Vistas desde o miolo de quarteirão em direção a Rua Duque de Caxias, no mesmo lote.



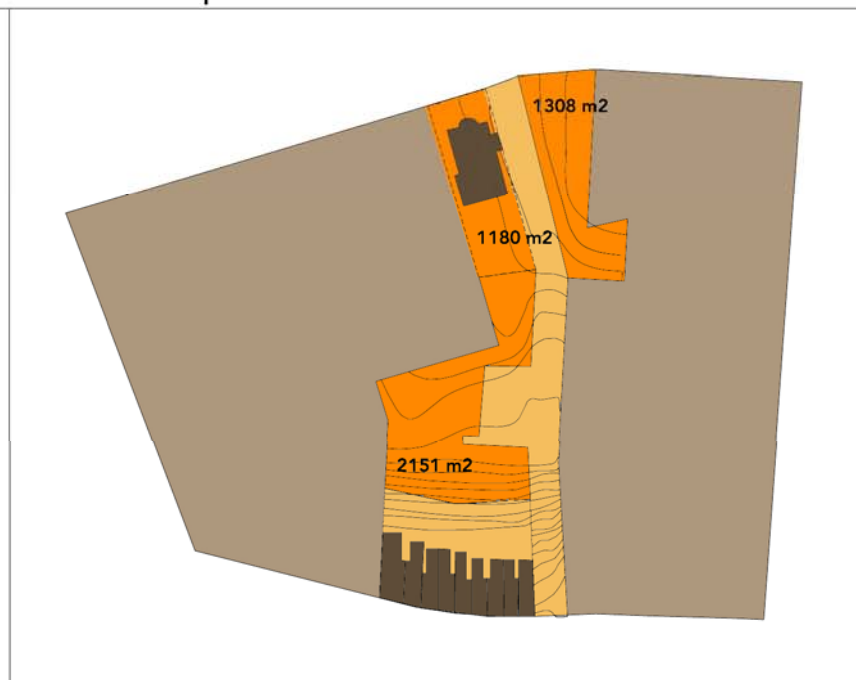
Vista da cidade na direção sul, fundos do mesmo lote.

Fonte imagens: Fotos da autora, 2009.

quadra 5



miolo de quarteirão



Área quadra 5 : 20610 m²

(incluindo o trecho sem saída da Rua Gen. João Manoel)

Área miolos: 4639 m² (zonas hachuradas em laranja forte)

Interface Rua Duque de Caxias:

Duas esquinas pontuam o trecho diferenciado da Rua Gen. João Manoel. Uma delas, à direita no mapa acima, é um lote vazio com ruínas de um muro que pertenceu ao casarão ali situado antigamente.

Na outra esquina, a mansão neoclássica abandonada e seu terreno de amplas dimensões preservam uma escala de ocupação urbana característica de quando a Duque de Caxias abrigava a elite da cidade.

Interface Rua Cel. Fernando Machado:

Presença relevante do conjunto de casas geminadas construídas na mesma época da escadaria.

A escadaria já estabelece uma conexão de pedestres através do miolo de quarteirão.

A Quadra 5 possui um dos maiores desníveis da área toda, sendo desde a Rua Gen. João Manoel, vinte e três metros de declive em direção a Rua Cel. Fernando Machado – um dos condicionantes principais que levaram à construção da escadaria e belvedere em 1928.

Diferencial: ÁREA / PATRIMÔNIO EDIFICADO [fontes, escadaria, casarão]

A Quadra 5 é sem dúvida a de características mais singulares de toda a área, principalmente pela presença de inúmeras pré-existências de alto valor histórico e arquitetônico. Num ponto extremamente central do bairro, localiza-se a única passagem de pedestres da área de estudo, onde se situa a escadaria⁴² na continuação da Rua Gen. João Manoel, que conecta as ruas Duque de Caxias até a Rua Fernando Machado.

Além da presença evidente do conjunto de casas da Rua Fernando Machado e da escadaria, o miolo de quarteirão e os lotes que o configuram guardam outros fragmentos da cidade antiga, particularmente da vida privada das famílias abastadas que habitavam a Rua Duque de Caxias.



Rua João Manoel, vista em direção à escadaria que conecta esta à Rua Cel. Fernando Machado. À esquerda, as ruínas da construção que ocupava o lote hoje usado como estacionamento. À direita e abaixo, a mansão Chaves Barcelos.



Conjunto de casas geminadas na Cel. Fernando Machado junto à escadaria da Rua João Manoel (foto ao lado).



Fonte imagens: Fotos da autora, 2009.

⁴² Ver página 84.

O lote da mansão Chaves Barcelos mantém até hoje o bucólico jardim da residência e seu portão com muros em balaústres nos fundos, uma antiga barreira física entre o urbano e o natural, já que os fundos da quadra não passavam da mata virgem do Morro da Formiga, na época em que a casa foi construída. Em um patamar abaixo do jardim, já fora dos seus limites e em meio a carros desordenadamente estacionados, encontra-se, em ruínas, a fonte da antiga residência. Toda ornamentada com azulejos, ainda preserva a forma original, apesar de bastante degradada.



Fonte de azulejos, encontrada nos fundos da mansão Chaves Barcelos, fora dos limites do jardim. O local, juntamente com o terreno localizado atrás do casario da Rua Fernando Machado, é usado como estacionamento descoberto, com acesso pela João Manoel.



Platô localizado num nível intermediário, entre as ruas Duque de Caxias e Fernando Machado, explorado pelo mesmo estacionamento.



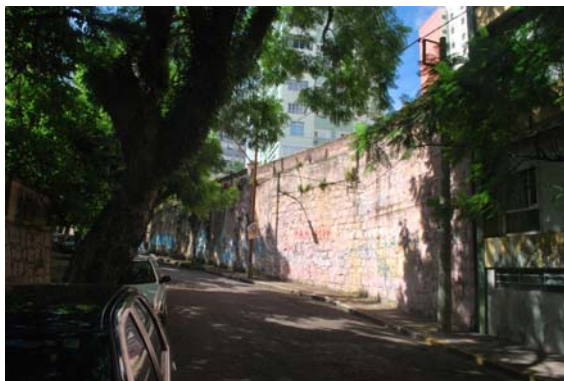
Vista dos fundos da mansão, muro com balaustrada dividindo os jardins da residência com o restante do lote.

Abaixo, o jardim da mansão.



Fonte imagens: Fotos da autora, 2009.

O lote vazio, localizado em frente à mansão, onde ruínas de uma antiga residência configuram um platô elevado, usado atualmente como estacionamento, também esconde, nos fundos, outra fonte. Esta, só foi identificada pela presença de uma bica na divisa do lote, onde, no muro existente, podem-se observar restos de argamassa para assentamento de azulejos e a forma da fonte.



Ruínas presentes no alinhamento do terreno usado como estacionamento descoberto, na Rua Duque de Caxias.



Os carros ficam estacionados num nível elevado em relação às ruas, como um platô que poderia ser o pavimento principal da residência.

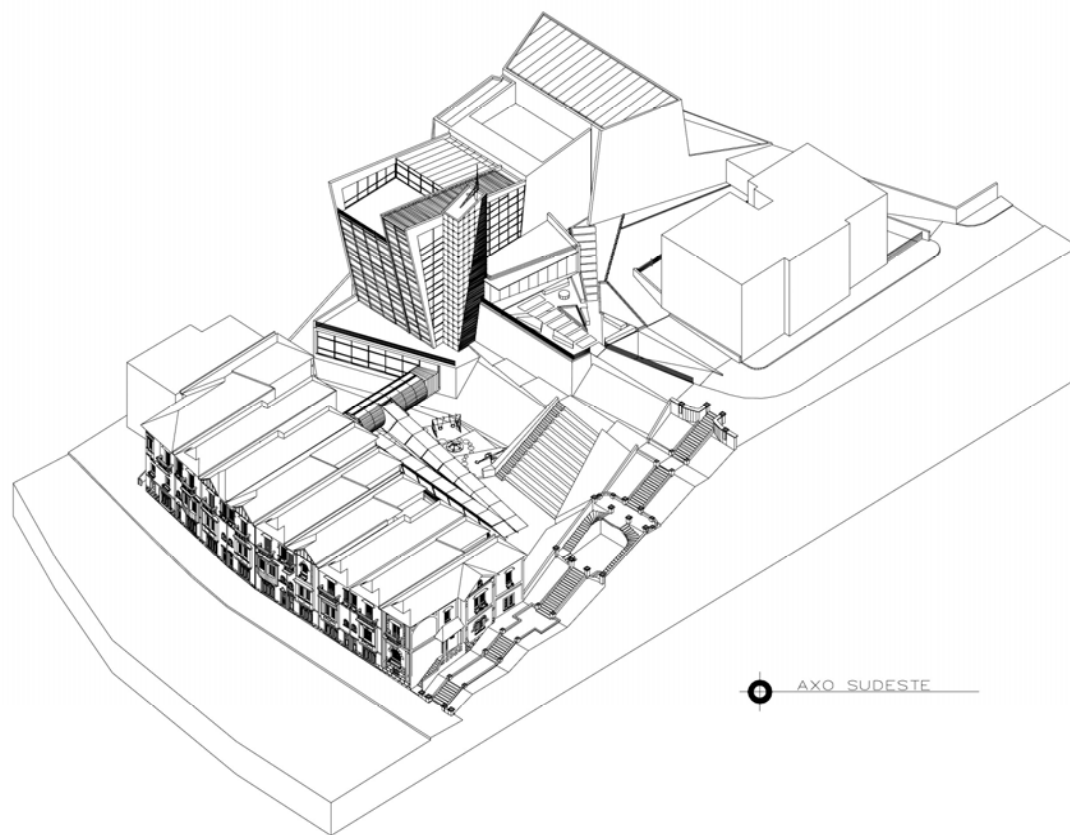


Ruínas de balaustradas no lote localizado na Rua Duque de Caxias, na esquina com a João Manoel. Abaixo, resquícios da fonte que existia nos pátios da residência, assim como a encontrada nas propriedades do outro lado da Rua João Manoel.



Fonte imagens: Fotos da autora, 2009.

A área, dotada de atributos arquitetônicos e urbanísticos indiscutíveis, já foi alvo de trabalhos finais de graduação na Faculdade de Arquitetura da UFRGS, buscando explorar as potencialidades do conjunto e dos vazios localizados no miolo de quarteirão, reafirmando a equação “vazios potenciais+patrimônio histórico arquitetônico”.



Abaixo, estudos volumétricos desenvolvidos pela autora no seu Trabalho Final de Graduação (FA-UFRGS). A imagem demonstra diretrizes urbanísticas para ocupações de miolo de quarteirão. Pela proposta, a área deveria preservar zonas verdes não construídas, além de abrigar estacionamentos somados ao uso comercial, habitacional e cultural.

habitação+Estacion.+ caminho verde +comércio/cultura



Fonte imagem: acervo da autora, 2002.

A perspectiva à esquerda ilustra o projeto desenvolvido por Rodrigo Allgayer, para conclusão do Curso de Arquitetura da UFRGS, justamente sobre a mesma área mapeada no miolo de quarteirão da quadra 5. O tema proposto para a área foi um Centro Integrado para o Desenvolvimento da Arte, com espaços para oficinas, bar, restaurante e um cine-teatro. O projeto se apropria de todo o casario da Rua Fernando Machado e os terrenos livres no interior da quadra junto à escadaria antiga. As casas abrigam na proposta uma série de ateliês enquanto as áreas livres foram usadas para o complexo do projeto do cine-teatro. Além de toda a área voltada às práticas artísticas, o projeto previu grande infra-estrutura, incluindo dois níveis de estacionamento.

Fonte imagem(à esquerda): TFG - Rodrigo Allgayer, 1998.

Um Exemplo no Entorno Imediato

Numa zona com altas densidades e taxa de ocupação, são raros os espaços ainda disponíveis para futuras intervenções de grande e médio porte como as encontradas na área de estudo.

Ao lado do Teatro São Pedro, um projeto recém inaugurado coloca à prova o potencial dos espaços de miolos de quarteirão. Trata-se do Multipalco, anexo do Teatro São Pedro, na Praça da Matriz, projeto dos arquitetos Julio Ramos Collares e Dalton Bernardes, resultado de um concurso público nacional de arquitetura. O edifício promete ser o maior complexo cultural da América Latina, ocupando um espaço de mais de 20 mil metros quadrados. O local abriga uma concha acústica ao ar livre e uma passagem, que conecta o a Praça da Matriz e a Rua Riachuelo até os espaços abertos do Multipalco. Esta área, de 3,35 mil metros quadrados, foi explorada como uma nova dimensão entre o espaço público e o privado. O miolo de quarteirão se configura num platô de cota intermediária entre os dois acessos e os pátios do Arquivo Público Municipal.

Atividades culturais promoverão uma diversidade de usuários para o local, como a própria concha acústica, que promove apresentações com entrada franca. Além da música, o complexo se propõe a oferecer simpósios, cursos e conferências.



Vista aérea do local durante as obras.

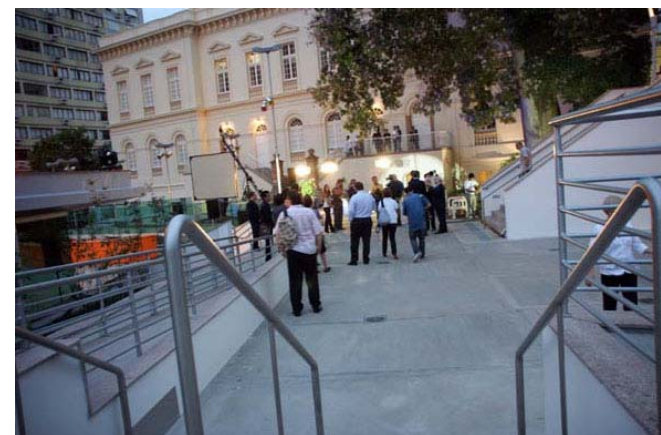


Foto do local, no patamar central do miolo de quarteirão durante a inauguração da primeira fase concluída do Multipalco.

Fonte imagens: disponível em: http://www.teatrosaopedro.com.br/multipalco/galeria_evento_da_abertura_do_espaco_vonpar. Acesso em: 27 maio, 2009.



Acima, montagem panorâmica dos terraços no miolo de quarteirão, vistos desde a escadaria de acesso ao lado do Teatro São Pedro, nos altos da Praça da Matriz.

Neste nível intermediário, já aberto ao público (cotas 26,50 e 27,60), um grande terraço com um café-restaurante anima o local, atribuindo uso constante ao espaço que menos contato tem com os passeios públicos e reforçando a atmosfera do lugar interiorizado e protegido. O platô que abriga o restaurante fica sobre a parte ainda não concluída da edificação, onde já estão disponíveis os estacionamentos.

Devido ao desnível abrupto entre a Praça e a Rua Riachuelo, as passagens são dotadas de amplas escadarias, além de acesso por elevador, tanto pelo nível mais alto quanto pelo mais baixo.

Os próprios arquitetos destacam as potencialidades do local, ao mesmo tempo em que justificam a articulação espacial do projeto com base no cenário excepcional e peculiar delimitado no interior do quarteirão. A criação de um



Vista da concha acústica, com acesso localizado num dos terraços.



Fachada dos fundos do Teatro São Pedro, vista a partir do terraço central onde se localiza o restaurante.

Fonte imagens: Fotos da autora, 2009.

novo percurso, somada aos outros itens do programa, confirma a necessidade de diversas atividades para manter animação do local, sem deixar de lado questões de acessibilidade e infra-estrutura.

○ Multipalco é um empreendimento de grande porte e sua viabilização espacial e econômica é resultado de um processo cauteloso que levou em consideração um programa e condicionantes específicos.

○ projeto comprovou que a idéia de valorização do patrimônio arquitetônico e cultural do bairro pode ser estimulada através de iniciativas inovadoras, ocupando espaços potenciais de modo respeitoso e ao mesmo tempo sustentável economicamente.

5_CONCLUSÃO

O recorte histórico apresentado nos “paralelos morfológicos” colocou lado a lado os espaços abertos interiorizados, tanto na arquitetura quanto na cidade. Mesmo que pátios internos e miolos de quarteirão se tratem de objetos em escalas distintas, o paralelo traçado possibilitou reafirmar a hierarquia e poder gregário que o espaço não edificado estabelece em relação as suas interfaces. Seja num grande edifício ou numa quadra, os pátios de uso comum podem abrigar atividades ligadas ao espaço aberto protegido. A análise dos exemplares arquitetônicos, na cidade tradicional ou moderna, demonstrou que o espaço aberto interiorizado se afirma como influente condicionante na configuração do espaço arquitetônico. Outro ponto fundamental, e que distingue os pátios internos nas diferentes escalas, é o tipo de uso e o grau de acessibilidade- no momento em que o interior da quadra passa a ter acesso público, ele possibilita passagens alternativas pelo lado inverso das ruas e passeios. Apenas quando o miolo de quarteirão sofre uma intervenção que extravase os seus limites privados é que ele adquire os atributos que atingem a escala urbana, transformando o pátio da quadra em praça ou passagem.

Na antiguidade clássica, a pesquisa se concentrou na importância dos espaços abertos que organizam e agregam funções, seja na casa pátio ou na nas grandes praças da cidade. Séculos após sua origem rudimentar enquanto orifício

na cozinha das residências, a forma do pátio cresce em dimensões, e sua função em complexidade. Na cidade, o espaço não edificado passa a cumprir funções cívicas e políticas, tornando-se um ícone que espelhava as relações sociais. De espaços ocasionais, as grandes praças passam a ser estrategicamente posicionadas para abrigar edificações de alta hierarquia em todas as suas interfaces, como um grande pátio que amplia a monumentalidade destas construções.

Apesar da importante conexão morfológica entre a casa pátio e o miolo de quarteirão, não foi na antiga Grécia ou em Roma que este espaço não edificado ganha maior dimensão dentro das quadras, como os exemplos disformes mapeados no estudo de caso do trabalho.

Com a queda do Império Romano, as cidades passam pela falta de ordenação do espaço edificado e público. A própria dissolução radical das malhas regulares romanas acaba por estabelecer traçados orgânicos e quarteirões de dimensões variadas. A preocupação extrema, de fechar-se ou proteger-se, transforma a própria cidade num núcleo interiorizado circundado por muralhas. As construções sempre alinhadas junto às ruas ou passagens geram espaços residuais nos fundos dos lotes e o miolo de quarteirão passa a existir, de fato, na cidade medieval. Com uso determinado ou não, se configuram como grandes pátios privados, ainda fracionados pelo parcelamento dos lotes. Neste período as cidades passam a demandar grandes construções, que devido ainda à necessidade de proteção extrema, se voltam para seu interior. As plantas

labirínticas dos burgos são viabilizadas pelos inúmeros pátios internos, que distribuem iluminação e arejamento aos cômodos mais isolados. Os castelos, igrejas e outras instituições de alta hierarquia, na Idade Média, não teriam sido viáveis na escala em que foram executados, se não fossem pelas tipologias dos edifícios-pátios.

Muitos centros medievais europeus tiveram a influência árabe na consolidação de sua morfologia urbana. A invasão árabe corta o laço entre planejamento da cidade aplicado pelos gregos e romanos, tornando a espontaneidade e a vida interiorizada premissas na configuração dos traçados medievais. Por outro lado, a cultura intimista e preservada dos árabes, produziu, posteriormente, obras espetaculares completamente voltadas para o seu interior.

Seguindo essa linha de amarração entre morfologias de pátios, o trabalho coloca a *Alhambra* de Granada como um marco, que exemplifica a máxima valorização dos pátios privados numa obra de grande escala.

Apesar da inegável importância dos pátios em organizações urbanas de origem medieval, estas tiveram um papel pouco propositivo, e por isso foi necessário inserir na pesquisa outro marco referencial- um momento da história das cidades em que os pátios foram propostos com acesso e uso público. Desta forma, o plano de Ildefonso Cerdá para Barcelona no, século XIX, contribuiu bastante para o objetivo da primeira etapa do trabalho. O projeto de Cerdá altera, de forma radical, a escala dos elementos da cidade medieval. O projeto de expansão da cidade propôs quadras retilíneas junto às amplas avenidas

formando um conjunto nunca visto antes em uma cidade européia. Além desse passo em direção a modernidade, o plano propôs uma solução inteligente para os espaços residuais no interior das quadras, já que, devido às grandes dimensões, as edificações sempre ocupariam uma faixa periférica. Os miolos de quarteirão se tornam parte do plano da cidade e contribuem, segundo o projeto do *Eixample*⁴⁸, para ampliar a qualidade de vida urbana, com parques e praças distribuídas em todas as zonas. Apesar de todo planejamento, a história das cidades comprova que nem sempre um projeto é suficiente para manter um ideal de uso e ocupação do solo. Ao longo dos séculos seguintes, a cidade cresceu e os miolos de quarteirão tornaram-se terrenos atrativos e foram ocupados quase que totalmente. Outro ponto relevante a respeito de Barcelona é, em especial, o rumo que tudo isso tomou recentemente. Através de um projeto com incentivo da prefeitura, estão sendo revitalizados os pátios originais projetados por Cerdá. O projeto denominado *Pro-Eixample – Interiors d’Illa* já conseguiu resgatar muitos miolos de quarteirão, reintegrando os mesmos aos cidadãos. São inúmeras praças com atividades temáticas ocasionais que ampliaram a rede de espaços públicos tão escassos no bairro. Uma proposta que foi ignorada durante décadas, foi retomada quando, aparentemente, era tarde demais para ser colocada em prática. Os miolos de quarteirão revitalizados *no Eixample* são exemplos do resgate de uma demanda de improvável realização. Oferecer espaços públicos distintos e com diversos graus de acessibilidade, espaços

⁴⁸ Expansão da cidade de Barcelona projetada por Idelfonso Cerdá. Ver página 36.

protegidos e de uso local, demonstrou-se uma necessidade que reforçou a recuperação da concepção original do bairro.

Na cidade moderna, o trabalho buscou compreender os fatores conceituais determinantes que originaram os contrastes entre fachadas e volumetrias na área de estudo, originalmente toda edificada homogeneamente como cidade colonial. Destes paralelos morfológicos traçados nas cidades e a arquitetura moderna, a principal contribuição veio nas mudanças da implantação do edifício e suas relações com entorno imediato. Os projetos de Le Corbusier para a cidade ideal moderna influenciaram o urbanismo do século XX no mundo todo, e mais ainda na América. As jovens cidades americanas, mesmo que já consolidadas, sofreram recortes e reformas inspiradas na Carta de Atenas. Fora dos limites da cidade, novos conjuntos habitacionais colocam em prática os conceitos do urbanismo moderno, enquanto que, nos centros urbanos, grandes edifícios marcavam a paisagem numa nova escala de intervenção. A partir dessa nova escala da arquitetura e das suas novas relações de implantação, se esclarece a heterogeneidade comum aos centros das capitais brasileiras. Estes ideais acabaram por influenciar mudanças no planejamento urbano que determina novas formas volumétricas e ocupação do solo. Com um forte apelo modernizador, os grandes edifícios modernos ficaram apenas nos limites dos seus lotes, e não foram capazes de alterar os limites da quadra ou manter o solo

livre. As faces das ruas deixam de ser contínuas, e internamente, o miolo de quarteirão rebate este recuo, tornando-se cada vez mais irregular.

A multiplicidade de espaços potenciais que se estendem em quase todos os quarteirões da zona residencial do Centro se deve principalmente ao traçado e situação geográfica. A posição do morro em relação ao sol e aos ventos, e própria topografia e acessibilidade fluvial, determinaram a implantação do núcleo fundacional no topo do morro, direcionando conexões transversais e longitudinais. O traçado que se acomoda à topografia, gerou situações semelhantes em muitas das capitais brasileiras, sobretudo nas situações geográficas de implantação semelhante.

Através dos estudos iniciais do trabalho, voltados à história da forma urbana, as cidades de origem espontânea demonstram como o traçado irregular é um dos fatores geradores de espaços pouco repetitivos numa determinada malha. Com quarteirões posicionados não ortogonalmente, as retas tornam-se diagonais ou facetadas, gerando quadras e lotes de tamanhos diversos. As ruas transversais e secundárias cortam as outras que acompanham as curvas de nível, fatiando irregularmente o conjunto. Isso fez com que o Centro de Porto Alegre se configurasse com extremas diferenças em pontos muito próximos, como por exemplo, os altos da Rua Duque de Caxias em relação às baixadas entre as ruas Washington Luiz e Demétrio Ribeiro.

Essas irregularidades da forma urbana do bairro originaram diferenciais positivos. O fator de autenticidade unida a variedade de pré-existências

potenciais e aos potenciais construtivos⁴⁹ do Centro de Porto Alegre, o promove a um lugar⁵⁰ promissor no sentido amplo da palavra.

A cada fragmento presente nas ruas e pátios, um pouco da cidade antiga insiste em não abandonar o território completamente. Os lotes isolados, as pequenas casas ou ruínas de fachadas precisam ser re-valorizadas em conjunto, fortalecendo, ao mesmo tempo, as pré-existências no bairro todo.

Os espaços ainda disponíveis no bairro se ampliam com as possibilidades contidas no interior das quadras. Estes locais se configuram de modo peculiar. Os casos relatados no capítulo anterior demonstram uma gama de alternativas e possíveis combinações que partiram da existência de lotes livres. Em todas elas, sem exceção, encontramos interfaces com o passeio público e com o interior das quadras.

A variedade morfológica dos miolos de quarteirão é resultante dos regimentos urbano e mudanças socioeconômicas nesta parte cidade ao longo do tempo, efeito que, construiu colagens entre diferentes alturas e tipos já mencionados anteriormente. Isso acarretou uma taxa ocupação do solo não padronizada, havendo edifícios com imensos pátios adjacentes a outros, quase sem recuos nas divisas e fundos, uma peculiaridade que reforça a necessidade de projetos especiais para cada circunstância. O levantamento cadastral, junto às

⁴⁹ O índice de aproveitamento dos lotes da área central fica entre 1,9 e 2,5 vezes a área do logradouro. PDDUA, Anexo 6, Índices de Aproveitamento.

⁵⁰ CASTELLO, op. cit. P-75.

análises morfológicas e tipológicas de toda a área de estudo, foi fundamental para mapear com segurança os espaços não edificados e suas possibilidades de conexão com as ruas em casa um dos miolos de quarteirão. O reconhecimento da arquitetura do bairro completa as informações que podem catalisar ou inviabilizar propostas. Ao mesmo tempo em que coloca informações sobre as atividades existentes em cada quadra, os levantamentos trazem à tona momentos diferentes da arquitetura da cidade que podem complementar os potenciais dos miolos de quarteirão. Conhecer as faces e volumetrias que configuram as quadras do estudo de caso, interna e externamente, contribuiu para o entendimento da identidade múltipla local, que produziu espaços potenciais que espelham a construção do bairro durante todo o século XX.

Esta base de dados estabelece um novo ponto de partida para a pesquisa e estudos de viabilidade urbanística direcionados sobre o local. Para intervir nestes miolos de quarteirão seria necessário debruçar-se sobre condicionantes variáveis, mas com um ponto comum, a sua possibilidade de integração ao espaço público. O grau de acessibilidade pública deve ser determinado de forma distinta em cada projeto, de acordo com o uso e finalidade. Agregar funções comerciais e culturais é um dos fatores que pode garantir animação urbana, enquanto pensar a respeito de um acesso apenas diurno ou controlado seria um modo de propiciar segurança.

Os miolos de quadra mapeados acima de 2500m² estariam aptos a tornarem-se praças com passagens, além e receber intervenções arquitetônicas

de maior porte, já que unem espaços de fundos de lote a terrenos de grande interface com os passeios públicos. Já nos espaços de menor área, poderiam surgir pequenos estares e intervenções que valorizem os pequenos pátios como atrativos que completem estas novas atividades. Pequenas passagens podem ser estabelecidas como ferramenta para casar o potencial dos espaços mapeados às demandas locais de acessibilidade.

Trata-se de um convite a ver na cidade, o que está para além das suas ruas, praças e edifícios, algo mais profundo e que sem dúvida abrange fatores imateriais e materiais fundamentais para consolidação de um novo panorama do bairro que deu origem a capital do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYMONINO, Carlo. *El Significado de las Ciudades*. Madrid: Blume, 1981.

(AYMONINO, Carlo. *Il Significato della Città*. Laterza & Figli Spa. Roma, 1975.)

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2001.

BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 4ª edição, 2007.

(BENEVOLO, Leonardo. *Storia della Città*. Laterza & Figli Spa. Roma, 1993.)

BORBA, S. V. *O Centro de Porto Alegre*. In: Panizzi, Wrana; Rovatti, Joao. (Org.). *Estudos Urbanos: Porto Alegre e seu Planejamento*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1994.

BOTEY, Josep Ma. *Oscar Niemeyer: Obras y proyectos*. Barcelona: Gustavo Gili, 1996.

BLASER, Werner. *Pátios: 5000 años desde la antigüedad hasta nuestros días*. Barcelona: Gustavo Gili, 2004.

CAVALCANTI, Lauro. *Quando o Brasil era Moderno: guia de arquitetura 1928-1960*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2001.

CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo: sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.

(CHOAY, Françoise. *La Règle et le Modèle*. Paris. Éditions du Seuil, 1980.)

CHOAY, Françoise. *The Modern City: Planning in the 19th Century*. New York: Braziller, 1961.

CHOAY, Françoise. *O Urbanismo: Utopias e Realidades, Uma Antologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

(CHOAY, Françoise. *L'Urbanisme: Utopies et Réalités, Une antologie*. Paris. Éditions du Seuil, 1965.)

COMAS, Carlos Eduardo. *Precisões Brasileiras Sobre um Passado da Arquitetura e Urbanismo Modernos a partir dos projetos e obras de Lucio costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Tese de doutorado.

Paris: Université de Paris VIII, 2002.

COMAS, Carlos Eduardo. *Cidade Funcional & cidade figurativa: Dois Paradigmas em Confronto*. in *Oculum Revista Universitária de Arquitetura, Urbanismo e Cultura*, vol. 4, Campinas, 1993.

CORBUSIER, Le. *Por uma Arquitetura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 3ª edição, 2004.

(CORBUSIER, Le. *Vers une Architecture*. Paris. Crès, 1923)

CORBUSIER, Le. *Urbanismo*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

(CORBUSIER, Le. *Urbanisme*. Paris. Crès, 1924)

CORBUSIER, Le. *A Carta de Atenas*. São Paulo: HUCITEC/ Edusp, 1993.

(CORBUSIER, Le. *Le Charte d'Athènes*. Paris, 1943.)

CORBUSIER, Le. *Planejamento Urbano*. São Paulo: Editora Perspectiva, 3ª edição, 2004.

(CORBUSIER, Le. *Mamière de penser L'urbanisme*. Paris, 1945)

COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa – Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

CURTIS, Williamm.J.R *Modern Architecture since 1900*. Londres: Phaidon. 2001.

DIEZ, Fernando E. *Buenos Aires y Algunas Constantes en las Transformaciones Urbanas*. Buenos Aires: Edit. de Belgrano, 1996.

FRAMPTON, Kenneth. *Historia Crítica da Arquitetura Moderna*. Coleção Estudio/paperback. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A, 2000.

(FRAMPTON, Kenneth. *Modern Architecture: a Critical History*. Thames and Hudson, London, 1980.)

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: Guia Histórico*. Porto Alegre: 4ªed. Editora da UFRGS, 2006.

GOFF, Jacques Le, *Por Amor às Cidades*. São Paulo: UNESP,1998.

HILBERSEIMER, Ludwig. *La Arquitectura de La Gran Ciudad*. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

HITCHCOCK, Henry-Russell. *Latin American Architecture since 1945*. New York: Museum of Modern art ,1955.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

(JACOBS, Jane. *Death and Life of Great American Cities*. New York. Random House, 1961.)

KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. SMLXL. Nova York: Monacelli Press, 1995.

LEME, Maria Cristina da Silva (coord). *O Urbanismo no Brasil 1895-1965*. São Paulo: Nobel, 1999.

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

(LYNCH, Kevin. *The Image of the City*. Cambridge: The MIT Press, 1960.)

MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre, Origem e Crescimento*. Porto Alegre. Unidade Editorial Porto Alegre: 2ª ed., Série Corona 2, 1999.

MACHADO, Soler Andrea. *Poa: a borda do rio, arquiteturas imaginárias como suporte para construção de um passado*. Porto Alegre: UFRGS 2003. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

MARTIN. L., MARCH. L., ECHENIQUE. M. *Urban Spaces and Structures*. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.

MONTANER, Josep. *Barcelona, a city and its architecture*. Barcelona: Taschen, 1997.

MORRIS, A E. J. *Historia de la forma urbana: Desde sus origens hasta la revolución Industrial*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

PANERAI, Philippe R.; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean-Charles. *Formas Urbanas: de la manzana al bloque*. Barcelona: Gustavo Gili, 1986.

PANERAI, Philippe. *Análise Urbana*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2006.

(PANERAI, Philippe. *Analyse urbaine* Paris: Editions Parenthèses.1999.)

PESAVENTO, Sandra J. (coord.) *Memória Porto Alegre - Espaços e Vivências*. Porto Alegre:Editora da Universidade - UFRGS, 1999.

PDDUA, Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental, Lei Complementar 434/99,Porto Alegre: CORAG, 2000.

REIS, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas de Cidades do Brasil Colonial*. São Paulo. Editora da Universidade: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

ROWE, Colin; KOETTER, Fred. *Ciudad Collage*. Barcelona: Gustavo Gili,1998.

ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da Cidade*. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Existencia, espacio y arquitectura : nuevos caminos de la arquitectura*. Barcelona: Juvenil, 1975.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821*. São Paulo: EDUSP, 1974.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SICA, Paolo. *Historia del urbanismo: el siglo XIX*. Madri: Instituto de estudios de Administracion Local, 1981.

SPALDING, Walter. *Pequena História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Sulina, 1967.

SOUZA, Célia Feraz de; MÜLLER, Dóris Maria. Porto Alegre e sua evolução urbana. Editora da UFRGS: Porto Alegre, 1997.

TURKIENICZ, Benamy. *Conservation attitudes and spatial transformations in the city of London*. Dissertação (mestrado)-Ucl.School of Architecture, Batlett, 1981.

WEIMER, Günter. *O Urbanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1994.

XAVIER e MISOGUCHI. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. Alberto Xavier e Ivan Misoguchi. Porto Alegre: Editora Pini, 1987.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)